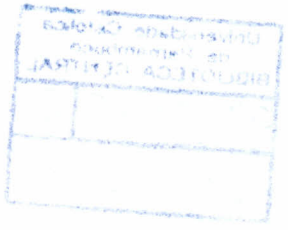
104218

UNICAP BC

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

FRANCISCA IOLANI FERNANDES CLAUDINO



PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E RELIGIOSO:
Uma Análise do Movimento dos Focolares na Cidade do Recife através da "Teoria da Ação Comunicativa" de Jürgen Habermas

RECIFE/2007

UNICAP - BIBLIOTECA CENTRAL

FRANCISCA IOLANI FERNANDES CLAUDINO

UNICAP BC

PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E RELIGIOSO:
Uma Análise do Movimento dos Focolares na Cidade do Recife através da "Teoria da Ação Comunicativa" de Jürgen Habermas

Dissertação apresentada como requesito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do Conhecimento: Ciências humanas

Orientador: Prof. Dr. Degislando Nobrega de Lima

RECIFE 2007

BIBLIOTECA CENTRAL

C615r Claudino, Francisca Iolani Fernandes
Protagonismo sociopolítico e religioso : uma análise do Movimento dos Focolares na cidade do Recife através da "teoria da ação comunicativa" de Jürgen Habermas / Francisca Iolani Fernandes Claudino ; orientador Degislando Nóbrega de Lima, 2007.
106 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2007.

1. Movimento dos Focolares. 2. Habermas, Jürgen, 1929 - Filosofia. I.Título.

CDU 2:1

FRANCISCA IOLANI FERNANDES CLAUDINO

PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E RELIGIOSO:
Uma Análise do Movimento dos Focolares na Cidade do Recife Através da "Teoria da *Ação Comunicativa*" de *Jürgen Habermas*

Dissertação aprovada como requesito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha (UNICAP)

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (UNICAP)

Prof. Dr. Degislando Nobrega de Lima (UNICAP)
(Orientador)

RECIFE 2007

RESUMO

O presente Trabalho discute as práticas sociais de pessoas, ligadas ao Movimento dos Focolares, da cidade do Recife, (o protagonismo sociopolítico e religioso) fundamentado naquilo que Jürgen Habermas denomina "razão comunicativa", através da "ética do discurso". Na sociedade Moderna, a "razão instrumental" exacerbada, característica do Capitalismo, canaliza as ações para determinados fins utilitaristas. Os relacionamentos humanos, assim, tendem à degradação, a tirar proveito, à contratação: são relações análogas à compra e venda. Ainda mais, a vulgar interpretação do amor se mistura ao egoísmo em que cada um procura ganhar, e os nobres sentimentos desta maneira sempre se definham e são sufocados. No entanto, a Teoria da Ação Comunicativa visa ao entendimento, através da linguagem, tendo como parâmetro, o consenso, em que os atores agem na liberdade. A linguagem coordena as ações: pretende ter uma função emancipadora. Trata-se de uma abordagem direcionada aos vários aspectos da construção da identidade humana, na relação social. Partindo da analise do discurso do material colhido, nas entrevistas tornou viável traçar um paralelo entre as propostas de vida que as pessoas do Movimento dos Focolares assumiram, como meta, a vivência da "Arte de Amar", da Fraternidade universal, da Unidade na diversidade e os pressupostos da Teoria da Ação Comunicativa, i é a prática do melhor argumento, o diálogo. Registro de análise dos depoimentos identificou a correspondência dos objetivos do Movimento dos Focolares com os conceitos de Racionalidade Comunicativa e da Ética do Discurso de Habermas. O cerne desta Pesquisa está no reconhecimento de valores que dão sentido a ações que levam ao protagonismo do grupo, em estudo.

ABSTRART

This Work discusses persons-who are bonded to the Focolari Movement - social practices (sociopolitical and religious protagonism), based - this work debate - in Jürgen Habermas "Communicative Reason" i. e. Jurgen Habermas' conception through his "discourse Ethics". In modern society, "Instrumental, Reason" in its exarcebated sense, typical to Capitalism, conveys, as a kind, a sort of channel, man actions toward determined upshots, so to say inescapable purposes. Human rapports tend, are conducted to degradation, to take profit from everything and everyone, to bargain; they are rapports that are analogous, in all senses, to purchase and selling. In deeper instances, love vulgar interpretation is confounded with egoism, mixes with selfishness with each one in seeks to gain greedly always to detriment to the noblest feelings that are supposed to be, at any cost, suppressed. Nevertheless, "The Theory of Communicative Action" aims at understanding, through language, having as parameter "Consensus" which the actors behave in at liberty. Language coordinates men actions: it pretends having, aims at having an emancipating function. One is dealing with an approach directed to human identity construction, building several aspects, in a social rapport which, i.e. the abovementioned approach, based, founded in the Focolari Movement, departing from Discourse Analysis about the gathered material through interviews rendered, made possible, workable a certain parallel, comparison between the life proposals that the Focolari Movement persons adopted as their life goal, their utmost life purpose, their "Art of Love" liveliness, as well as they embraced Universal Fraternity and unity in diversity ideals, between, so to say, all these conceptions and deeds and the "Communicative Action Theory" presuppositions, so to say: best argument practice is dialogue. It was, also, possible to observe, to verify that both these conceptions constitutive elements are intercomplementary, compatible in their nature, being both these of them, nearly, each other foundation. At least, as one understands Jürgen Habermas`s theory, on can the Focolari Movement`s ideas, so to say Ideal. This research's nucleus is found in the values recognition that bestows a great sense, meaning to actions, deeds that bring forth to this studied group protagonism.

UNICAP - BIBLIOTECA CENTRAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 5

1 CENÁRIO DE SURGIMENTO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES 11
1.1 O contexto pós guerra 11
1.2 Contexto sociopolítico da Europa 11
1.3 Contexto latino-americano da chegada do Movimento dos Focolares no Brasil 15
1.3.1 Contexto sóciopolítico do Brasil 16
1.4 Conflitos e tensões 17
1.5 Contexto eclesial 18
1.5.1 A emergência dos pobres e da teologia da libertação no contexto da Igreja da América Latina 23

2 MOVIMENTO DOS FOCOLARES - FENÔMENO RELIGIOSO 26
2.1 Chiara Lubich – primórdios 26
2.2 Difusão 35
2.3 Chegada ao Recife 36
2.4 Novo momento da história do Movimento do Focolares 39
2.5 O paradigma da unidade na visão de Adam Biela 41

3 O PROTAGONISMO: sob o olhar de Habermas "estar com o outro" uma racionalidade comunicativa 47
3.1 O caminho da racionalização em Habermas 47
3.2 A contribuição de Weber na compreensão da racionalidade 52
3.2.1 A questão do poder 56
3.3 Virada lingüística 57
3.4 Idéias sobre o sagrado em Habermas 58
3.5 Reflexos da razão em Habermas 61
3.6 A ética do discurso 64
3.7 Principio de universalização 65
3.8 Pretensão de validez 66
3.9 Pragmática lingüística/ação comunicativa 70
3.10 "Mundo da vida" – sistema 74
3.11 Habermas e a consciência moral 75

4 O MOVIMENTO DOS FOCOLARES E A CONSCIÊNCIA MORAL 85
4.1 O "outro" e a coesão social na esfera do Movimento dos Focolares 85
4.2 O lugar do próximo 87
4.3 Um conceito complementar à idéia de Habermas 89
4.4 A categoria do amor 91
4.5 Protagonistas da unidade 94
4.5 Trazendo estas idéias para o contexto da América Latina 95

CONSIDERACÕES FINAIS 98

REFERÊNCIAS 102

INTRODUÇÃO

A previsão de muitos cientistas era o declínio da religião e o crescer da secularização em conseqüência da vida racional, mecanicista e reducionista. Para Dies Siqueira (2003, p. 25): "as ciências sociais não se têm furtado ao esforço de compreensão da espiral de transformações religiosas na atualidade". Muitos indicadores são significativos para essas transformações. Podemos considerar os fatores de ordens sociais, como sensação alienante, crises de identidade, desintegração social, emancipação da mulher, desenvolvimento tecnológico da comunicação, que entre outros, modificaram o campo cultural.

A Modernidade parece carecer de uma visão da totalidade no sentido de um conhecimento universal, que leve a uma integração racional, mas, também intuitiva. Com a Revolução Científica, acentuou-se, ainda mais, a desvinculação da vida entre profano e sagrado.

O fato é que diante do avanço do modelo de racionalidade proposto pela Modernidade a religiosidade não se retraiu. Pelo contrário, se produziu uma busca bem mais notável do sagrado. A multiplicidade de formas e de fenômenos religiosos, surgidos nas últimas décadas, confirma essa tendência com um diferencial: é uma religiosidade que tem que ser mostrada no cotidiano, nas pequenas coisas, na questão de ceder o bem para o outro que tem mais necessidade, na questão do desapego. Portanto, ela vem com uma nova força, revestida de nova roupagem que se dissemina com o vigor próprio dos tempos, assim como no protagonismo do dia-a-dia, nas questões sociais e econômicas que são revestidas de novas necessidades. A questão do desapego é um exemplo do desafio dessa nova faceta.

No caso especifico deste trabalho, o foco é o protagonismo sóciopolítico e religioso, de um movimento contemporâneo - o Movimento dos Focolares - com sua espiritualidade centrada na unidade. A pesquisa envolveu pessoas da cidade do Recife, que dele participam, procurou identificar o modo pelo qual se processa a relação entre fé e protagonismo. Para tanto se procurou analisar, através da teoria da "ação comunicativa", como a vivência da espiritualidade, baseada nessa comunhão incidiu nas ações dos que dele participam, repercutindo nas dimensões social, econômica e religiosa.

A investigação recaiu sobre o modo pelo qual pessoas do Movimento dos Focolares aplicam a espiritualidade a uma prática social, a partir dos níveis de

desenvolvimento de Lawrence Kohlberg. Segundo Habermas, Kohlberg fundamenta com propriedade a compreensão dos níveis de maturidade moral nas práticas cotidianas. A principal meta das entrevistas foi identificar, procedimentos que indicassem a maturidade moral e o nível de protagonismo dos entrevistados.

O Movimento dos Focolares é uma organização sócio-religiosa, com proposta de renovação espiritual, baseada no Evangelho, fundado por Chiara Lubich. Põe em relevo como elemento essencial, o princípio cristão: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Surgiu na Igreja Católica, congrega pessoas de outras Igrejas Cristãs, de outras religiões e de outras convicções, das mais variadas idades, culturas e segmentos sociais. Seus membros atuam nos vários âmbitos da sociedade entre eles: economia e trabalho; relacionamentos interpessoais; espiritualidade; saúde e ecologia; política; educação; e comunicação. Teve inicio na Itália e chegou ao Recife em 1958, primeiro local fora do continente europeu.

O estudo do fenômeno religioso, hoje, frente à sociedade contemporânea, mesmo não sendo considerado emergente, se faz presente e necessário. Por essa razão, nesse estudo analisamos a relação entre fé e protagonismo sociopolítico no Movimento dos Focolares, na perspectiva sociológica de alcançarmos um melhor conhecimento da experiência do Movimento no que tange à relação entre espiritualidade da unidade e engajamento social.

No Movimento, o protagonismo se dá através da assim chamada "Arte de Amar". A proposta de ação política é a concretização do amor no plano social como meta a ser vivenciada por todos os sujeitos, sobretudo, os que vivem em situações críticas.

Também envolve a solidariedade e a reciprocidade entre pessoas e grupos. A política é concebida como serviço de amor. É o suporte daqueles aspectos que são atuados pelos sujeitos, do âmbito social. Nesse sentido, o protagonismo se evidenciou mediante a participação solidária.

As escolhas e as razões que levaram a realização desse trabalho primeiramente partiram do fato de observarmos os desempenhos de pessoas, mediante a vivência da espiritualidade de comunhão no Movimento dos Focolares. Isto nos levou a acreditar que a espiritualidade vivenciada pelos indivíduos leva a uma prática de transformação social, por causa dos resultados percebidos nas comunidades visitadas.

O protagonismo sóciopolítico tomado como parâmetro de análise nesse estudo foi baseado na visão de Jürgen Habermas[1] que o define através da *ação comunicativa*, tendo

[1] Nasceu em Düeeldorf, em 1929. Estudou nas Universidades de Göttingen, Zirique e Bunn, onde desenvolveu seus estudos nas área de Filosofia, Historia, Economia, Psicologia e Licenciatura Alemã. Defendeu sua tese de

como categorias analíticas fundamentais os conceitos de *racionalidade comunicativa* e *ética do discurso*.

Com Habermas, segundo Lúcia Aragão (2002, p. 90), se dá uma mudança de paradigma. A "teoria da ação comunicativa" se caracteriza como

> 'virada lingüística', [...] por ter a análise do conhecimento, através da consciência, levado a filosofia, particularmente àquela interpretada como teoria crítica pela Escola de Frankfurt, a uma visão unilateral da razão, que se manifestava essencialmente como *razão instrumental*. A razão que a filosofia da consciência indicava era uma razão abstrata, *a priori*, que parecia não possuir nenhum vínculo com o mundo.

A razão instrumental, de certa forma, caracteriza-se como uma das preocupações desta pesquisa. Esta significa basicamente orientar todas as ações no sentido da obtenção de determinados fins facilmente mensuráveis através de quantidade, forma, aparência, riqueza material e poder. Significa entrar num mundo competitivo sem medir conseqüências. A partir do momento em que esta forma de pensar e de agir passa a orientar as práticas cotidianas dos grupos sociais, eliminam-se outras formas de ação mais cooperativas e criam um individuo alienado. Este passa a se basear numa escala de valores em que lutar com todo o empenho para vencer competições torna-se o único objetivo da vida.

Seguindo este raciocínio, todos os indivíduos passam a ser valorizados com base ao desempenho que obtêm neste giro. As freqüentes opções que se fazem na vida estão motivadas muito mais pela melhor maneira de se atingir aqueles fins do que no próprio discernimento. Isto se configura como uma real inversão do conceito de razão e nessa forma, despersonaliza o individuo, ferindo a sua dignidade, ampliando-se pela sociedade inteira provocando uma "patologia social" que segundo Adam Biela (1996) sinaliza as manifestações de conflitos na convivência humana.

Portanto, uma sociedade dominada pela "razão instrumental" produz uma massa acrítica e manipulável oposta ao que propõe Habermas justamente pela defesa do sujeito cognoscente e responsável.

Neste trabalho surgiu um grande desafio: entendendo a "ação comunicativa" como intervenção na sociedade através do consenso, então, como usar essa categoria para analisar um grupo religioso que tem um ideal comum de intervenção na sociedade, fundamentado na idéia da unidade? A prática do grupo em estudo se dá numa relação do

---

Doutorado, em 1954. Desde então desenvolveu notável conhecimento cientifico que o destacou entre os fundadores da Nova Escola de Frankfurt. Desde 1994 está aposentado das funções de Professor e Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe.

crente com Deus, porém, incluindo, o "outro" seu semelhante considerando o que Ele mesmo afirma em Mt 18, 20: "Onde dois ou mais estão unidos [...] eu estarei no meio deles". Portanto, como entender a convergência desses pontos de vista, foi o nosso desafio.

Com este trabalho integramos uma série de outros estudos dissertativos e teses sobre o Movimento dos Focolares[2], como um fenômeno religioso atual, no viés sociológico.

Adotamos, em nossa análise dos fatos, uma prática metodológica aberta ao estudo crítico da história dos indivíduos em discussão. Este estudo trabalha a questão do protagonismo, palavra inclusive não dicionarizada, mas, se chamarmos pela palavra na internet, encontraremos um grande número de incidências.

Selecionamos os entrevistados por meio de informações de pessoas do Movimento dos Focolares, de amigos e conhecidos, levando em conta que as pessoas entrevistadas são reconhecidas pelos demais como exercendo protagonismo a partir da convivência na comunidade.

A amostra somou nove entrevistas, assentadas em técnicas da pesquisa qualitativa, qual seja segundo Minayo, a "História de Vida". Esta apresenta as "experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, como esta pessoa, esta organização ou este grupo interpretam sua experiência" (1999, p. 220).

Realizou-se a análise a partir das "histórias de vida" de pessoas que participam (integram), a comunidade do Movimento dos Focolares, tendo suas práticas de vida inspiradas na espiritualidade que anima esse Movimento, que moram na cidade do Recife, por ter sido o berço dos Focolares no continente Latino-Americano, e ainda o primeiro lugar de expansão, fora da Europa. Como contrapeso, entrevistou-se uma pessoa, que tende a não comungar com as mesmas idéias. "É importante se juntar outras histórias de vida contemporâneas com os temas em questão para fins de consistências dos dados" (MINAYO, 1999, p. 128).

No decorrer do nosso estudo entendemos que, trata-se, de um processo que consiste na constante definição e redefinição do nosso objeto, uma vez que a "história de vida", segundo Minayo (1999, p. 126-127) "é um instrumento privilegiado para se interpretar

---

[2] Por exemplo: a de MOTA, João Manuel da Silva. na PUCSP, 2004, um aspecto do Movimento dos Focolares. OLIVEIRA, Christiane Maria da Boa Viagem. sobre a unidade no genfest 95 - 01/10/2002. OLIVEIRA, Luiz Eduardo de. escreveu sobre "Jesus abandonado em Chiara Lubich. Uma perspectiva para a inculturação do Evangelho". - 01/09/1998, PINHHEIRO, Márcia Baraúna. Cultura e Economia: Faces da Mesma Moeda? Análise do Projeto Economia de Comunhão em Perspectiva Cultural. - 01/10/2000, PINTO. Mario Couto Soares. A Economia de Comunhão sob o Olhar da Teoria dos Stakeholders - 01/06/2004, SILVA, Raul Augusto de Sousa Leite. Igreja-comunhão e Movimento dos Focolares. A Eclesiologia de comunhão como centro da Espiritualidade e da vida do Movimento dos Focolares - 01/04/2000, RIBEIRO, Sandra Ferreira. Carisma e Modernidade. Ginetta Calliari e a ética da unidade e o espírito da Economia de Comunhão? - 01/04/2004.

o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas".

A autora aponta o aspecto vulnerável da pesquisa social, pois, para ela vários cientistas sociais que usam a técnica da história de vida, a colocam num papel complementar ao das entrevistas e, ainda, indica vários tipos de história de vida, compreendendo toda a experiência vivida. Elegemos a história de vida tópica que dá ênfase a determinada etapa ou setor da vida pessoal ou de uma organização, já que nossa intenção é perceber a atuação dessas pessoas enquanto pertencentes a uma organização.

As nove entrevistas foram realizadas no período de abril a junho de 2006. Para proceder à coleta de dados, oito na cidade do Recife, nossa área de estudo, e uma em Cajazeiras na Paraíba, realizou-se um contato prévio, individualmente com os entrevistados, a fim de agendar as entrevistas, posteriormente foi realizada a entrevista em locais variados dependendo da conveniência. A meta principal das oito entrevistas foi identificar, na rotina do cotidiano, as experiências de vida, para perceber como se processa a ligação entre fé e protagonismo sóciopolítico e religioso. No segundo caso, a meta foi conhecer a visão da pessoa que, observa a atuação ou não das pessoas do Movimento dos Focolares, para fins de comparação.

Na caracterização do grupo que entrevistamos foi possível observar que existe homogeneidade entre eles. No aspecto demográfico, todos são da Região Metropolitana do Recife. A cidade do Recife recebe grande número de migrantes que chegam a busca de melhoria de vida e ocupam áreas de periferia, razão pela qual 50% dos entrevistados são dessas áreas ou tiveram atividades de trabalho ligadas a elas.

No que concerne à condição sociocultural, percebe-se semelhanças. Nota-se que quase todos os entrevistados estão empregados ou aposentados. Com relação à condição desses[3], no aspecto social, econômico, vê-se que há similaridade com a grande maioria dos nordestinos. Eles constituem um recorte significativo do grupo de entrevistados, uma vez que se verificam sinais do protagonismo que está sendo pesquisado.

Utilizou-se como mostram à leitura dos dados a "analise do discurso" tendo como base as idéias de Rosalind Gill (2002), visto que a autora considera essa metodologia a mais adequada à "virada lingüística" referida por Lúcia Aragão na sua obra "Habermas: o Filósofo e Sociólogo do Nosso Tempo". Para esta autora, é sobre a racionalidade e a autoconsciência que se apoiava toda a capacidade do homem de produzir conhecimentos verdadeiros. No

[3] Os entrevistados (1), (2), (3), entre outros.

entanto, para ter acesso à consciência, a racionalidade precisa ser "submetida a um tratamento objetivo [...] o acesso direto aos fenômenos, às representações, através da análise das expressões lingüísticas utilizadas para transmitir pensamentos" (2002, p. 92).

Rosalind Gill (2002, p. 245) especifica quatro pontos chaves na análise do discurso:

> 1. A postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão; e um ceticismo com respeito à visão [...] de mundo;
> 2. O reconhecimento de que as maneiras como nós compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas;
> 3. [...] o conhecimento é socialmente construído [...];
> 4. os conhecimentos - a construção social das pessoas, fenômeno ou problemas - estão ligados a ações/práticas.

Para isto se estruturou o trabalho da seguinte forma: o primeiro capítulo trata do cenário de surgimento do Movimento dos Focolares; o segundo capítulo discorre sobre Movimento dos Focolares enquanto fenômeno religioso; o terceiro capítulo traz as idéias do protagonismo sob o olhar da racionalidade comunicativa de Jügen Habermas; no quarto capítulo se dá a interlocução entre a visão do Movimento dos Focolares e a consciência moral através da "Teoria da Ação Comunicativa" de Habermas.

Os quatro capítulos são permeados pelos resultados diretos da pesquisa.

E finalmente acrescentam-se alguns dados com relação às considerações finais, pois na verdade ele não pretende ser acabado, quer somente contribuir para o debate.

1 CENÁRIO DE SURGIMENTO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

1.1 Contexto pós-guerra

Um fenômeno que se expressa, hoje, nas mais diversas camadas da sociedade, o Movimento dos Focolares, também chamado Obra de Maria, é uma espiritualidade[4], sendo ao mesmo tempo uma ação, inspirada na mensagem cristã. Significa dizer que houve uma ação inspirada nessa espiritualidade, portanto um comportamento que se moldou a partir da atuação do evangelho.

A fraternidade universal é o que os integrantes do Movimento se propõem a viver entre todos e com todos. O chamado comum para que estejam sempre voltados para essa unidade despertou, em todos, uma exigência: sentirem-se unidos, sentirem-se "um" entre si e com todos (LUBICH, 2003). A convivência entre pessoas e raças, culturas, etnias, religiões e credos diferentes foi sempre uma característica presente no Movimento.

A socióloga Vera Araújo, assim, o define: "o Movimento dos Focolares se caracteriza por uma forte dimensão evangélica [...], por construir uma vida mais humana, digna dos filhos de Deus" (ARAÚJO, 1991, p. 26).

1.2 Contexto sociopolítico da Europa

O Século XX foi palco de duas Guerras Mundiais entrelaçadas por Guerras Civis, além de duas ideologias totalitárias, que segundo Pedro Beltrão (1965) foram: "o liberalismo individualista e o socialismo coletivista". Ambos carregam a proposta de modificar o mundo. Não existiu, durante a história, páginas tão trágicas do que escritas descrevendo o sofrimento de Hiroshima[5] e Nagazaki[6], a experiência traumática do Fascismo[7], do Nazismo[8] e do Estalinismo[9].

---

[4] Entendendo-se por espiritualidade uma qualidade do que tem intensa atividade religiosa ou mística, seguindo uma ascese, ou seja, um caminho imprescindível em direção a Deus, à verdade ou à virtude.

[5] Foi a primeira cidade do mundo arrasada por uma bomba atômica em 6 de agosto de 1945: 75 mil pessoas foram mortas ou feridas O primeiro ataque atômico da história fez com que a cidade de Hiroshima, ficasse mundialmente conhecida. A cidade foi arrasada em 6 de agosto de 1945 pela primeira bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos (HIROSHIMA, 2006).

[6] Em 1945, as tropas japonesas já estavam sendo derrotadas no mar e nos territórios invadidos pelo Japão, nas Filipinas, China e nas ilhas do Pacífico. Entretanto, somente a perda dos territórios invadidos não seria suficiente para que o Japão se rendesse. Para o alto-comando americano, somente um ataque direto ao território japonês convenceria o imperador Hiroíto, líder japonês, a aceitar a rendição incondicional. Porém, a invasão ao Japão, segundo os cálculos do mesmo alto-comando causaria baixas maciças, as forças americanas perderiam cerca de 1

O entrevistado (8) que acompanhou a chegada e o inicio do Movimento no Recife, "estava começando a vida, casado há cinco anos, com três filhos, esperando fazer carreira no meu trabalho, já tinha consciência de que tudo passa". Sua fala revela que também aqui no Brasil se viviam momentos de tensão em consequência da Segunda Guerra Mundial:

> Acompanhei pelos jornais, revistas e rádio as notícias da Segunda Guerra mundial que provocou muita destruição [...], minha família se viu privada da presença de nossos genitores [...]. Assim algumas daquelas realidades que foram apresentadas já faziam parte de minha experiência. E a minha vida de santidade, para onde vai?

Na situação mundial, sem dúvida havia sérios comprometimentos com a ética.

Para Habermas a crença no progresso implica necessariamente coerência com os valores éticos e morais. Sem estes a humanidade corre sérios risco. Ele defende o "entendimento moral, sobre a integração de uma ordem cosmo-politico" (2005, p. 50) indispensável aos direitos morais.

Neste sentido, o balanço do século XX é considerado, por alguns analistas, de certa forma, negativo e a situação bastante incerta, onde existem grandes possibilidades de conflito em consequência de situações mal resolvidas ou mesmo, pendentes como demonstrou o conflito da ex-Iuguslávia e continua, em tantos outros existentes, em nome de uma Ética internacional. Situação paradoxal, por oscilar entre a tendência de um elevado bem estar coletivo e o risco de novos conflitos, provocados pelo fato de que um pequeno grupo goza dos mais altos privilégios enquanto outros se encontram em condições de desigualdade social e

---

milhão de soldados, além de prolongar a guerra indefinidamente. Foi então que os americanos passaram a considerar a única arma capaz de um ataque fortíssimo, que destruísse por completo o seu alvo sem causar nenhuma baixa nas suas tropas: as bombas atômicas (NAGAZAKI, 2006).

[7] Uma doutrina totalitária de extrema-direita desenvolvida por Benito Mussolini na Itália, a partir de 1919, e durante seu governo (1922–1943 e 1943–1945) (FASCISMO, 2006).

[8] Ou o Nacional Socialismo designa a política da ditadura que governou a Alemanha de 1933 a 1945, o Terceiro Reich. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi palco de uma revolução democrática que instaurou no país. A primeira grande dificuldade pela jovem república foi ter que assinar, em 1919, o Tratado de Versalhes que, impunha pesadas obrigações à Alemanha. À medida que os conflitos sociais foram se intensificando, surgiram no cenário político alemão partidos ultranacionalistas, radicalmente contrários ao socialismo. Curiosamente, um desses partidos chamava-se Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) e era liderado por um ex-cabo de nome Adolf Hitler (NAZISMO, 2006).

[9] Stalinismo ou Estalinismo é a designação coloquial do ramo da teoria política e do sistema político e econômico socialista implementado na União Soviética por Josef Stalin e demais regimes semelhantes. Hannah Arendt descreveu o sistema como totalitário e esta descrição foi muito usada pelos críticos do estalinismo. Críticos do Stalinismo afirmam que tal corrente é anti-Marxista; alguns afirmam que é totalitária e até fascista. Entre os acadêmicos marxistas, tal corrente (junto com outras) é chamada de marxismo vulgar, por ter incorporado à sua base ideológica pensamentos não originários de Karl Marx e, muitas vezes, até mesmo opostos (STALINISMO, 2006).

econômica, além de contrastantes focos de tensão, provocados por situações, desencadeadas por contingências específicas, como no Médio Oriente o caso de Israel-Palestina.

Entre muitos historiadores Gennaro Cicchese (2002) considera o século XX marcado pela barbárie. Nesta época ocorreu a passagem da violência espontânea dos indivíduos para uma violência concentrada nas mãos do Poder político. Nova característica da barbárie moderna que utiliza meios modernos como afirma Piero Stefani (*in* PENZO, 1998, p. 619): "A dimensão técnica própria de Auschwitz indica outras coisas além de vê-la, genericamente, como uma das manifestações destrutivas próprias da 'idade da técnica', a industrialização do assassinato, o extermínio de massa". Tudo isto, favorecido pela sofisticada tecnologia, provocava massacre em massa. Populações inteiras são eliminadas, sem o menor contato entre os que decidem e as vítimas. A Modernidade cria tecnologia sofisticada, de grande precisão e contraditoriamente, delas se serve para provocar esses males. Piero Stefani, no seu Artigo "Pensar e crer depois de Auschwitz", traz as idéias que Heidegger comenta:

> A agricultura é hoje a indústria motorizada da alimentação, que por essência é idêntica à fabrica de cadáveres nas câmaras de extermínio, idêntica ao bloqueio e à esfomeação dos países, idêntica à fabricação de bombas de hidrogênio (1998, p. 618).

O holocausto, essa prática exercida na Modernidade, reflete o resultado de um processo de civilização cujo cume é a racionalização da violência e a produção da indigência moral. O genocídio de Auschwitz surge, na História, como uma doença da Modernidade. Hiroshima e Vietnam não ficam atrás. Trata-se de um momento da humanidade: que mais trágico parece, não poderia ter existido. Os crimes contra a humanidade, nasceram por exigências políticas, sociais e militares, contrariando o que a natureza humana poderia esperar. Lévinas comenta:

> O fato mais revolucionário de nossa consciência do século XX – mas também um acontecimento da História Sagrada – talvez seja o da destruição de todo equilíbrio entre a teodicéia explícita e implícita do pensamento ocidental e as formas que o sofrimento e seu mal assumem no próprio desenrolar deste século. Os totalitarismos de direita e de esquerda, hitlerismo e stalinismo, Hiroshima, o *goulag*, os genocídios de Auschwitz e do Cambodja [...] nenhuma razão limitava a exasperação da razão tornada política e deliberada de toda a ética (LÉVINAS, 2005, p. 136).

Os últimos acontecimentos introduziram uma nova medida de violência e de segurança. Tudo faz crer que se delineia o fim de uma cultura e surgimento de uma outra base cultural assentada em novas linguagens. Para muitos, trata-se de um jogo misterioso da liberdade do homem: "a visão crítica explica somente o *como* e o *porquê* imediato dos

UNICAP - BIBLIOTECA CENTRAL

fenômenos, entretanto nada sabe do *porque,* da causa final". Isto acarreta insegurança para os não crentes. "Deus se escondeu e silencia" (ANDRADE, 2002, p. 323-326). Trata-se de discernir as eventuais relações para evidenciar os possíveis significados das transformações.

Por outro lado, não terminaremos de elencar os consideráveis acontecimentos, como emancipação da raça negra, o continuo processo de descolonização, com ou sem violência, e, até, com significantes exemplos, como Martin Luter King e Mahatma Gandhi. Este, símbolo da resistência passiva:

> O fenômeno anticolonial do século XX, que contribuiu para o apuramento de vários processos de domínio da sociedade civil, deu origem ao aparecimento, definição e utilização do mais ético e eficaz dos meios de liquidação do Poder sobre a sociedade civil [...] que foi a resistência de Gandhi (MOREIRA, 1999, p. 188).

Além das profundas transformações econômicas, políticas, tecnológica e da comunicação, as conquistas científicas, no campo da Medicina, com a difusão da assistência sanitária, transformaram a condição humana, repercutindo na explosão demográfica. Essas conquistas provocaram mudanças profundas na vida social, além de mudanças institucionais.

Raquel Paiva comentando Nietzsche, no que se refere à família, observa:

> Reconhecendo a família como base da estrutura social, pode-se aceitar o argumento de que 'se a própria sociedade não pode responder por si como um todo, até as gerações mais remotas, então o matrimônio não tem nenhum sentido. – o matrimônio moderno *perdeu* o seu sentido - por conseguinte, elimine-se' (NIETZSCHE, 1985, *apud* PAIVA, 2002, p. 36).

Entre tantas realidades, do desenvolvimento a emancipação da mulher, a revolução *hippie* trouxe um cenário totalmente, diverso nos costumes e comportamentos coletivos.

Pedro Beltrão comenta:

> Vê-se, que o processo de desenvolvimento constitui por si mesmo um processo de humanização: além do problema tecnológico (relacionamento homem/natureza), levanta o problema *personalístico* (relacionamento do homem consigo mesmo em termos de realização da personalidade humana) [...] simultaneamente com o problema *solidarístico* (relacionamento homem a homem, na dimensão individual e na dimensão grupal) (1965, p. 90).

Assim, o processo de desenvolvimento através da industrialização, urbanização e terceirização, acarretou a transformação estrutural-funcional da família, contribuiu para consolidar essa cultura (BELTRÃO, 1965). No que se refere ao dia-a-dia das pessoas, sobretudo no ocidente, se reflete com uma aparente tendência à homogeneização dos costumes.

O papel da Psicanálise revolucionou, através da teoria de Freud, a compreensão das motivações irracionais e dos processos inconscientes da esfera interior. Segundo Joel Birman (2003, p. 14), Freud procurou "enunciar uma leitura sobre o corpo e a subjetividade que se chocava frontalmente com os pressupostos filosóficos do sujeito" (BIRMAN).

Neste contexto, surgem ações políticas que apontam para a solidariedade como a de De Gasperi que contribuiu para a Comunidade do Carvão, segundo Lubich:

> A produção não tinha por objetivo negócios financeiros, mas uma solidariedade de produção, que se tornasse impossível qualquer forma de guerra entre França, Alemanha e outros países que aderissem. Portanto o objetivo era a paz, salvaguardar a fraternidade tendo como meio a economia. [...] isto significava um fermento de uma comunidade mais profunda entre países que há muito tempo estavam em confronto e que nem mesmo a Europa fora o fim último desse esforço de comunhão. Está declarado no primeiro ato oficial do Projeto, que deve se estender até o continente africano e atuar no seu desenvolvimento (LUBICH, 2001).

1.3 Contexto latino-americano da chegada do Movimento dos Focolares no Brasil

Na América Latina, a década de 1950 foi marcada por uma agenda de desenvolvimento econômico e estabilidade política estigmatizada por atraso econômico e lutas sociais, fruto muitas vezes de sua herança colonial. A região buscava superar tais dificuldades, através de ampla participação/intervenção do Estado, na criação de tais condições de superação de suas dificuldades econômicas e pobreza social, por intermédio daquilo que passou a se qualificar de Política de industrialização acelerada através de um programa de "Substituição de Importações". Em suas linhas gerais, tal Política mostra a necessidade de se buscar a autonomia da Região, em relação ao mundo, sobretudo o capitalista, através da criação de um Parque Industrial, capaz de garantir a produção de bens de Capital e não só de matérias-primas, como, até então fora comum. Para Celso Furtado (1975, p. 14) isso, porém, não ocorre sem consequência: "como os sistemas industriais dos países subdesenvolvidos nasceram para substituir importações e passaram, a reproduzir, produtos das economias desenvolvidas, novas formas de dependências surgiram e se consolidam".

1.3.1 Contexto sociopolítico do Brasil

No Brasil, esse contexto geral latino-americano torna-se, igualmente, marcante. A industrialização do país surge como sinônimo de modernização, alçada como prioridade, se bem que, desde a Revolução de 1930, tivesse esse projeto, sido lançado. Para Celso Furtado (1975, p. 22), "a consolidação do poder central que se esboça em 1930 e se confirma em 1937, dota o país de um centro de decisões com considerável autonomia vis-à-vis dos grupos tradicionais". A influência dos grupos internacionais, particularmente na administração financeira, foi bastante reduzida. Para o autor, Vargas usufruiu de uma independência para exercer o poder que nenhum outro governante do país conhecera antes. A questão que se colocava era "como" realizar essa industrialização, a modernização da sociedade. Duas dificuldades se fazem presentes, a saber: política e econômica. Porém afirma Celso Furtado (1975, p. 23) que "o impulso principal da industrialização originou-se nas próprias forças econômicas, como decorrência das tensões criadas pela crise do comercio exterior".

Vale ressaltar aqui, a questão do pacto federativo, sobretudo na sua dimensão político-partidária na qual a oposição das velhas oligarquias, sobretudo a fração agrária, impunha limites, não só a essa industrialização, bem como à participação popular.

> As forças oligárquicas e burguesas inquietaram-se com a agitação popular, principalmente com as rearticulações dos 'tenentes' militares e civis. Percebendo que era preciso assumir a direção da conspiração para evitar que ela tomasse rumos considerados radicais, as oligarquias dissidentes aderiram ao movimento (ALENCAR, 1989, p. 236).

Refletindo sobre essa questão, tomamos como referência o movimento de exclusão ocorrido no Brasil nessa década. Nesse período, ocorreram no país algumas transformações como o estabelecimento de Políticas Capitalistas Desenvolvimentistas cujo processo consistia num incentivo à industrialização, resultando num esvaziamento do campo pela escassa oferta de oportunidades de trabalho, possibilitando que um enorme contingente populacional migrasse para os grandes centros. Apesar dessa realidade, a oferta dos bens e serviços nos grandes centros não aumentou na mesma intensidade, gerando uma desproporção entre a oferta e a demanda, ocasionando a exclusão de significativa parcela da população no tocante aos serviços essenciais como Saúde, Educação, qualidade de vida, lazer, entre outros. Segundo Celso Furtado (1975), nessa nova fase o progresso tecnológico avança, mas "o devenvolvimento é excludente"

1.4 Conflitos e tensões

Vale ressaltar que a ala desenvolvimentista, no Brasil da década de 50, estava dividida. Por um lado, havia aqueles setores, tributários da Revolução de 1930 e do Período Vargas, que defendiam a necessidade e importância da realização do nosso desenvolvimento/industrialização de forma autônoma e com recursos próprios, através da forte participação e intervenção estatais. Por outro lado, havia aqueles de posições contrárias e Juscelino Kubitschek era um deles.

Segundo Heitor Rocha (2003, p. 47):

> Desde o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, o setor monopolista produtivo estatal, que até então pretendia a industrialização "forçada" pela política de "substituição de importações" e que num primeiro momento, procurou colocar barreiras à penetração do capital imperialista, passa a integrar-se ao setor monopolista privado para ampliar a taxa de lucro e a acumulação monopolista.

Ricardo Maranhão (1981, p. 94) na sua obra "O Governo de Juscelino Kubitschek" admite que houve uma viagem ao Exterior, ainda em 1956, que lhe abriria a mente para a importância de associar seus projetos internos de desenvolvimento com uma política um pouco mais independente dos EUA. Trata-se da Conferência de Presidentes Americanos, realizada em julho de 1956 no Panamá. "JK conferencia com o presidente dos EUA *Eisenhower,* e se manifesta depois preocupado pela desinformação do chefe da maior potência capitalista com as díspares realidades ao sul do Rio Grande". Segundo Maranhão, apenas quase dois anos depois esta realidade fica esclarecida, por ocasião da visita do Vice-presidente Richard Nixon a vários paises latino-americanos onde é repudiado e mesmo apedrejado em manifestação pública.

É nesse contexto de disputa entre as alas desenvolvimentistas entre si e desses contra os setores oligárquicos que se desenrolam momentos fortes. O momento político "histórico" culmina com o golpe de 1964. Carlos Heitor Cony escreve, no Jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro, em 23 de maio de 1964:

> Acredito que é chegada a hora de os intelectuais tomarem posição em face do regime opressor que se instalou no País. Digo isso como uma alerta e um estímulo aos que têm sobre os ombros a responsabilidade de serem *a consciência da sociedade.* E se, diante de tantos crimes contra a pessoa humana e contra a cultura, os intelectuais brasileiros não movem um dedo, estarão simplesmente abdicando de sua responsabilidade, estarão traindo seu papel social e estarão dando uma demonstração internacional de mediocridade moral. [...] Os intelectuais brasileiros precisam, urgente e

> inadiavelmente mostrar um pouco mais de coragem e de vergonha. Se os intelectuais não se dispuseram lutar agora – talvez muito em breve não tenham mais o que defender (CONY, 1964, p. 81).

1.5 Contexto eclesial

Em relação aos novos Movimentos religiosos que exerceram um papel especial na história recente, verifica-se que alguns deles como "Nova Era", por exemplo, o fazem pela oferta de uma religiosidade privada, que não exige compromissos institucionais. Outros[10] se mostram fascinantes, pela oferta da possibilidade de experiências excitantes que suscitam novidades, curiosidades. Outros[11], ainda, promovem o sentido de pertencer à comunidade, propagam as próprias convicções.

Diante dos desafios da Modernidade e da mundialização, movimentos religiosos representam a esperança que pode trazer a prática do Evangelho oferecido pelas atuais tendências carismáticas. Neste sentido, também o aspecto cultural da vivência dessas organizações, adquire importância, neste período em que muitos, no ocidente, consideram o fim da Modernidade, a conclusão de uma época histórica em que se experimentou um modelo de humanismo em que o homem é o sujeito em contraposição à alteridade de Deus ou de outro homem, seja no aspecto individual ou coletivo. Época em que o próprio projeto científico da Modernidade vai tentar produzir um mundo sem subjetividade ou com uma subjetividade sem sujeito.

Já antes do Concílio Vaticano II, que se iniciou em 1962, durante o pontificado de João XXIII, a Igreja vinha sofrendo o impacto do secularismo advindo com o chamado mundo moderno, a cultura que veio se formando e se desenvolvendo em vários países, de acordo com a formação de cada povo.

Posteriormente, João Paulo II relacionou a perda de sentido da verdadeira dignidade do homem ao ateísmo e ao racionalismo iluminístico, sinônimo de secularismo:

---

[10] Segundo Dies Siqueira (2003, p. 204), a maioria dos místico-esotéricos vincula a chegada do "novo tempo" a mudanças ambientais e climáticas drásticas, provocando [...] vibração interior [...], energia negativa que pode nos envolver, se não entendermos o sentido da evolução divina [...]. Um grupo de estudiosos de esperanto, com o objetivo de ensinar a nova língua e promover trabalhos assistenciais.

[11] Alguns movimentos: Comunidade de Santo Egidio, liderado por André Ricardo; Movimento afro-americano liderado por Imã W. D. Mahammed; Rissho Kosei-Kai, Movimento Budista Japonês dirigido por Nichiko Niwano.

> O refletido ateísmo está estritamente conexo com o racionalismo iluminístico, que concebe a realidade humana e social do homem, de maneira mecanicista. Nega-se deste modo a intuição última, sobre a verdadeira grandeza do homem, a sua transcendência relativamente ao mundo das coisas [...] (ÁVILA, 1991, p. 398).

Também Astier Henri, (2006), no seu artigo "As raízes do secularismo na França" lembra o caso daquele país: "o secularismo é o que existe de mais semelhante a uma religião estatal entre os franceses. Foi a base da Revolução Francesa e tem sido o princípio do pensamento progressista do país desde o século XVIII".

Desde o século XVII, com o surgimento do Iluminismo, que teve seu apogeu no século XVIII e defendia a substituição da fé pela supremacia da razão, a visão de mundo teocêntrica foi dando lugar a uma visão de mundo centrada no antropocentrismo. Na encíclica *Divini Redemptoris* Pio XI mostra seu repúdio ao fato de que a emancipação do homem em relação à fé e aos princípios religiosos, acarretando a secularização crescente das estruturas sociais, representava, por assim dizer, a presença do mal no mundo. Tal esvaziamento deveria, portanto, ser combatido nas suas mais diversas expressões e manifestações.

O entrevistado (1) casado, presidente da Associação dos Moradores do seu bairro, tem uma consciência de que a saída para resolver os problemas sociais é o Evangelho. Ele demonstra uma forte atitude crítica, embora tendo pouca escolaridade, como deixa transparecer pelo modo de se expressar. Para ele não se trata de uma fantasia. Ele está presente ali na comunidade, entre todos os que sofrem como ele, as mesmas dificuldades. Assim se expressa:

> O interessante é que na década de 80, todo movimento social, movimento popular, viu no comunismo a saída para a situação da gente, de modo que todo partido que estava surgindo estava voltado, de um modo ou outro, para a esquerda. Enquanto que a gente sempre via o seguinte: é verdade que esse capitalismo selvagem tem dado sinais claros de falência, representante de toda essa miséria que temos visto por ai, de concentração de capital etc. Mas a gente viu que a saída não era um regime de força, totalitário, etc.

O entrevistado afirmou com insistência desejar viver por todos, e, sobretudo, aqueles que vivem naquelas contingências sociais. Há nele uma expressão de reconhecimento e de forte ligação "unidade[12]" com as outras pessoas da comunidade dos Focolares. Evidencia-se no seu discurso toda uma presença deste aspecto da espiritualidade dos Focolares.

---

[12] Na leitura de seus documentos, percebe-se que a palavra "unidade", no inicio do Movimento dos Focolares, era causa de suspeita por ser usada particularmente pelos comunistas.

"A unidade é a nossa vocação especifica, é o que caracteriza o Movimento dos Focolares" (LUBICH, 2003, p. 55). E acrescenta: "Uma das características mais originais dessa espiritualidade da unidade reside na sua dimensão comunitária" (LUBICH, 2003, p. 68), que traz para o nosso século o sentido e a dimensão de comunhão que existia entre os primeiros cristãos, como é mencionado nos Atos dos Apóstolos: "Todos eles tinham o mesmo sentimento" (At.1,14).

Karl Marx em seus estudos, juntamente com Engels, atribui outro significado ao fenômeno religioso. Ao contrário da promoção do controle social, proposto por Durkheim, a religião promove a alienação do indivíduo; ao invés de consolidar a vida social, provoca o alheamento a esta realidade. Para Marx, a religião mediante esse processo tenta naturalizar aquilo que é estritamente social e cultural. Tânia Quintaneiro na sua obra "Um Toque de Clássicos", traz uma significativa citação de Engels, reflexo dessas idéias, "Fora da natureza e dos homens, não existe nada, e os seres superiores que nossa imaginação religiosa forjou, não são mais do que outros tantos reflexos fantásticos do nosso próprio ser" (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003, p. 62). O homem compreende os fenômenos religiosos não mais como algo social, histórico ou cultural, mas simplesmente como algo natural. É essa naturalização do social que faz com que o homem não compreenda que o fenômeno religioso, um dia, foi criado por ele mesmo e, por isso, todo fenômeno social ou cultural é passível de mudanças. O comunismo, segundo Marx e Engels, é uma filosofia que continha, sobretudo, uma proposta de transformação das estruturas sociais.

Para Marx o homem se esqueceu de que ele é o criador desse fenômeno religioso. É algo que é transformado em hábito, e o hábito às vezes se manifesta de forma instantânea, sem ação reflexiva. O homem pode pensar que por ser hábito instantâneo, é natural. A religião estaria como consolo e bálsamo de uma situação da qual o proletariado não poderia sair. São máximas e argumentos da classe dominante que invertem a realidade e apresentam a alienação econômica como algo natural e desejado por Deus.

Na obra, "A Ideologia Alemã (Feuerbach)", Marx e Engels (1987) criticando a filosofia de Hegel, afirmam ser necessário uma análise das condições e das relações humanas que tomavam as religiões como indispensáveis à humanidade.

O posicionamento de Marx é visto da seguinte maneira por Tom Bottomore (2001, p. 316):

> A religião era uma expressão da imperfeita consciência de si do homem: não do homem como indivíduo abstrato, mas como homem social, ou ser humano coletivo. Era uma distorção do ser do homem, porque a sociedade

> era distorcida. Em algumas das mais conhecidas palavras de Marx, a religião é definida como o coração de um mundo sem coração, o ópio -- ou lenitivo – das massas sofredoras. O caminho para a felicidade real passa, assim, pela possibilidade dos próprios homens se libertarem do tipo de vida que os levava a ansiar esse substituto. A auto-emancipação acrescenta Marx, não é apenas desejável: é dever do homem realizar seu mais alto potencial, deitando de fora tudo o que mantém na imperfeição e na degradação.

É importante ressaltar que as formulações teóricas de Marx acerca da vida social devem ser realizadas através de uma abordagem dialética, fundada no estudo dos fatos concretos, denominada de materialismo histórico. Segundo essa visão, as relações materiais que os homens estabelecem e o modo como produzem seus meios de vida formam a base de todas as suas relações (ROSA, 1985).

A estrutura de uma sociedade depende do estado de desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações sociais de produção que lhes são correspondentes. O conceito de forças produtivas refere-se aos instrumentos e habilidades que possibilitam o controle das condições naturais para a produção. Já o de relações sociais de produção refere-se as diferentes formas de organização da produção e distribuição, de posse e tipos de propriedade dos meios de produção. É assim que se constitui no substrato para a estruturação das desigualdades expressas na forma de classes sociais.

Para Marx, o conjunto das forças produtivas e das relações sociais de produção de uma sociedade forma a base ou estrutura (a infra-estrutura). Por sua vez é fundamento das instituições políticas e sociais. Assim, na produção da vida os homens geram outra espécie de produtos que não têm forma material, que são: as ideologias políticas; os códigos morais e estéticos; os sistemas legais de ensino e de comunicação; o conhecimento filosófico e científico; as representações coletivas de sentimentos, ilusões; os modos de pensar e as concepções de vida diversos e plasmados de um modo peculiar; e ainda, como não podiam ser diferentes, as concepções religiosas (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003).

Pio XI, em um trecho de sua encíclica, se perguntou o que viria a ser a sociedade humana, baseada em tais fundamentos materialistas. "Viria a ser uma coletividade sem outra hierarquia mais do que a derivada do sistema econômico? Teria por missão única a produção de riqueza por meio do trabalho coletivo. Sua finalidade é o gozo dos bens da terra [...]"? A concepção marxista seria produto unicamente duma cega evolução da natureza? "Uma humanidade que tenha expulsado Deus da terra" (Cf. CARTA encíclica de SS. Pio XI, I, 12). Posição esta que caracterizou uma época.

Pelas condições culturais de então, católicos e não-crentes (à parte os protestantes e outras formas de crença) se manteriam numa atitude de defesa e até de fechamento em relação ao chamado mundo moderno. O processo capitalista juntamente com a urbanização tenderia a não permitir ações comunicativas assentadas na necessidade dos homens preservarem valores morais e religiosos.

O materialismo dialético não se configurava numa defesa do materialismo na sociedade, ou no mundo vivido. Pelo contrário, no modelo societal que se vislumbra as condições materiais de sobrevivência tendem a influenciar a formação da consciência das pessoas no que diz respeito aos valores morais e religiosos. Em vista disso, pelo fato de o comunismo pregar a justiça a partir da luta pelos interesses econômicos do "proletariado" (os operários, assalariados), qualquer demonstração de simpatia com as causas populares passou a ser vista com desconfiança, inclusive pelos crentes (católicos etc). Tanto é que, para muitos, ser católico implicava necessariamente ser anti-comunista.

É interessante observar na entrevista (1) a segurança que o entrevistado demonstra ao afirmar: "A gente via um outro caminho, não sabia qual era, mas que não era nem o capitalismo, nem o comunismo e sim outra via". Embora vivendo em área de periferia e tendo todas as limitações da sua condição, o entrevistado revela forte coragem de lutar por mudanças a partir das instituições políticas.

Sob este aspecto se identificou o pensamento habermasiano ao superar a filosofia do sujeito pela filosofia da intersubjetividade. A teoria de Habermas tem uma base forte de hermenêutica em que o sentido das coisas não é estanque, mas é constantemente reavaliado, pois as coisas vão adquirindo e perdendo sentido. Ou seja, ocorre o que se qualifica de ciência da desconstrução. Nesse sentido, a dinâmica da cultura, o processo social, reflete como uma continua construção. O próprio conceito de sociedade, como um todo, é algo inacabado.

É na prática que o entrevistado (1) reflete suas convicções e sua autonomia ideológica. Tendo experimentado aplicar o evangelho no dia-a-dia, demonstra acreditar na sua força capaz de substituir as convicções filosóficas correntes:

> Com o passar do tempo, vendo as conquistas que tivemos ao longo dos anos, construindo posto de saúde, reformando a escola, então viram que esse era o caminho, porque nós não estamos ligados a nenhum partido político [...], a comunidade e a entidade, não está ligada a nenhum partido político. Isso é o que garante a continuidade dos serviços, das conquistas que tivemos, porque isso dá uma abertura de diálogo com todas as correntes políticas, isso pode ser da direita e ou esquerda.

BIBLIOTECA CENTRAL

A sua disposição de estar em diálogo com todos, seja os da própria convivência ou não, inclusive as várias correntes políticas, confirma esta idéia.

Dá-se agora um salto até 1962, ano em que a Igreja convoca o Concílio Vaticano II, o evento eclesial mais importante ocorrido no século XX. Concílio que teve com objetivo principal o *aggiornamento* da Igreja, ou seja, colocá-la no compasso das transformações trazidas pela modernização da cultura em diversos níveis, seja no plano cultural como no artístico, econômico, educacional, científico etc. Para poder dialogar com esse mundo moderno, fazia-se necessário entender a sua linguagem, do contrário a mensagem do Evangelho não encontraria eco nos corações e mentes dos homens e mulheres da atualidade.

Segundo Godoi (2003, p. 387), com o Papa João XXIII, eleito para um mandato tampão, com 77 anos de idade, a Igreja abria suas portas e janelas para renovar o ar. Com os ares de renovação, a CNBB vai se beneficiar, pois a Conferência Episcopal Brasileira já nascera com uma base teológica aberta para a realidade que a cercava.

Durante a Segunda Guerra Mundial e vigência do pontificado de Pio XII, uma das formas "oficiais" de se expressar a piedade cristã era o engajamento nas obras de assistência, também chamadas "obras de misericórdia". A prática cristã atuava em movimentos e associações, como a Ação Católica, o Apostolado da oração, a Conferência dos Vicentinos, a Ordem Terceira de São Francisco (da qual Chiara Lubich fizera parte antes de nascer o Focolare).

1.5.1 A emergência dos pobres e da teologia da libertação no contexto da Igreja da América Latina

Tendo presente a concepção de Ferré, comentando Gutiérrez, de que "transformar a natureza é transformar a sociedade [...] e transformar a sociedade implica em transformar a relação com a natureza" (FERRÉ, 1976, p. 20). Pois bem, fazer "história é transformar e abrir para o futuro". O sentido dessa história vem da fé e implica uma relação com a sociedade, uma transformação da sociedade. A fé é referente a Deus Pai que faz de todos os irmãos enquanto que a história é o "âmbito em que se realiza o amor e a justiça" (FERRÉ, 1976, p. 20). A relação Deus e história, manifestada historicamente em Cristo para dar continuidade à Igreja, é, sobretudo a descoberta do "outro, especialmente no pobre, no oprimido".

Identificando a realidade social de alguns entrevistados através dos depoimentos, constatamos que eles vieram de uma vida muito simples e que continuam numa postura modesta. Vejamos o que diz a entrevistada (2):

> Eu morava perto de uma maré, era muito pobre, casa coberta de palha, minha mãe era muito limpa, dormia numa cama de palha, mas muito limpa, muito gostosa. A gente era pobre, não tinha quase o que comer, nós pescávamos na maré, para se alimentar, e pescava também na praia. Também prá ajudar na alimentação. Meu pai trabalhava, plantava macaxeira, batata, plantava capim, mas era pouco dinheiro.

O entrevistado (3) diz: "meu pai, agora, trabalha em pré-moldado, mas antes ele fazia alguns biscates". Na sua fala o entrevistado (1) revela:

> Nasci e me criei numa favela. Hoje é uma comunidade chamada Ilha Santa Terezinha. Antigamente era chamada de Ilha do Inferno. Nasci e me criei na miséria, e quando entrei na adolescência meus pais se separaram, então minha mãe, com medo de que entrássemos na gandaia, teve um cuidado extremo com cada um de nós.

Estas afirmações revelam uma das características do Movimento dos Focolares. "Dele participam pessoas de todas as classes sociais, de todos os níveis culturais, de qualquer profissão, etnia, enfim todos são candidatos à unidade" (LUBICH, 1997).

Para Gutiérrez, seguir Deus é empenhar-se com o irmão, o pobre, e transformar a sociedade que gera pobres, disto deriva "uma ação política". Comenta Ferré sobre a idéia de Gutiérrez: "A fé se torna práxis, transformação da história, na esperança do cumprimento das promessas do reino. E na realidade a historia é a unidade da tríplice transformação da relação natureza-homem-Deus" (FERRÉ, 1976, p. 21).

Ainda segundo Ferré, a práxis em Gutiérrez se apresenta em oposição ao determinismo, a praxis é algo específico do homem, algo que o realiza:

> A 'práxis' e o 'ideal' se opõem também enquanto se implicam reciprocamente. E ainda mais: no 'ideal' se gera a 'práxis', porque o homem é 'ideal', o ser como determinação indeterminada, como ser livre, aberto ao infinito, que se realiza na práxis (FERRÉ, 1976, p. 36).

Há em Gutiérrez uma conotação cientifica e utópica, que ele deixa transparecer, mesmo se explicitamente não tenha se posicionado contra a tradição ontológica clássica: "é necessária uma ciência política nova para um mundo inteiramente novo", a tradição tomística não está à altura de atender. A teologia da libertação traz ao campo a política e introduz as classes sociais no discurso teológico (FERRÉ, 1976, p. 61).

Para Leonardo Boff, tanto a Igreja quanto o mundo são envolvidos por algo que é maior do que eles: o plano da salvação integral, mas isto não se dá distintamente ou em oposição: igreja e mundo, natural e sobrenatural. "Com a adequação teológica não se pode mais falar em fim sobrenatural e fim natural, mas, [...] em vocação integral do homem e do mundo" (BOFF, 1975 p. 207).

Boff considera a ética dominante na sociedade atual centrada no utilitarismo, mas, sobretudo, no antropocentrismo. Tratando sobre liberdade Boff adverte: "o homem vive numa *determinação*. A situação preexiste ao homem. Ele entra num mundo já decidido, feito e sempre por fazer, com um caminho já percorrido e ainda por andar" (BOFF, 1975, p. 86). Ele acredita que liberdade é poder realizar-se a si mesmo dentro de sua determinação existencial, social e política.

No seu livro "Teologia do cativeiro e da libertação" Leonardo Boff faz uma observação:

> Jesus Cristo não é o Salvador universal de todos os homens por puro voluntarismo divino: é assim porque Deus simplesmente quis! Razão pela qual a solidariedade vigora entre os homens. Ninguém está só. A unidade da mesma e única humanidade só se explica adequadamente no horizonte desta solidariedade universal de origem e de destino (BOFF, 1975, p. 155).

Leonardo Boff também traz uma nova visão:

> A forma concreta que o êxodo e a conversão assumem na América Latina se enuncia por uma compreensão e experiência nova do amor ao próximo. O próximo para o Evangelho, não é o vizinho, o compatriota, o irmão de fé, próximo é todo o homem desde que me aproximo dele com amor. O mais distante, e diferente como inimigo ou o diferente de mim, se torna próximo desde que eu o amo. (cf. Lc. 10, 36). O mais distante e diferente na América Latina é o pobre. [...] Na verdade o pobre é um empobrecido, isto é, um esbulhado roubado e defraudado do fruto do seu trabalho e de sua dignidade (BOFF, 1975, p. 69).

2 MOVIMENTO DOS FOCOLARES[13] – FENÔMENO RELIGIOSO

2.1 Chiara Lubich – primórdios

Em 1943, a jovem Chiara Lubich, professora de uma Escola de Ensino Fundamental, em Trento – Itália, sua cidade natal, havia se matriculado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Veneza. Vivia-se o clima de ódio e violência da Segunda Guerra Mundial, quando tudo desmoronava: casas, projetos de vida, ideais. Foi em meio àquele caos que ela descobriu Deus como o único ideal que permanece.

Também hoje se repete com idêntica força essa descoberta. Ao falar sobre a sua história, a entrevistada (2), aposentada, fez compreender a sua origem: pobre e de família marcada por sérios problemas como o alcoolismo, desemprego, separação familiar, analfabetismo entre outros. Sua fala: "encontrar o Movimento dos Focolares representou uma descoberta de que "Deus é Amor, Deus me ama imensamente, posso viver para responder a esse amor de Deus". Ao se referir às dificuldades da família, fez perceber que lentamente foram superadas. A compreensão, a prática do Evangelho que a estimulou o "perdoar o inimigo", o "amar por primeiro", redimensionou os relacionamentos. Contou-nos, com lágrimas nos olhos, que já há alguns anos, festejam (embora como pobres), o natal, todos juntos, na família.

No inicio do Movimento Chiara Lubich juntamente com suas primeiras companheiras, em refúgios antiaéreos, sob os bombardeios, levava consigo somente o Evangelho.

Em fontes originais encontramos:

> Éramos um grupo de jovens ardentes e cheias de ideais, como é normal na juventude. Nós nos reuníamos impelidas (é o que pensamos agora) por um desígnio misterioso, que só o Céu conhecia, e conversávamos sobre a triste experiência da guerra com as suas distribuições. A guerra havia comprometido as nossas aspirações mais profundas: como a de formar uma família, pois o noivo não voltou dos combates; construir uma bela casa e vê-la destruída ou não poder continuar a estudar na universidade, por causa dos bloqueios da guerra! (LUBICH, 1997).

[13] É uma organização sócio-religiosa difundida no mundo inteiro. Seus aderentes atuam nos cinco continentes com o objetivo de construir um mundo fraterno e solidário.

Maio de 1944 é um marco na história do Movimento. Foi quando Chiara escolheu se dedicar à cidade bombardeada e às dores da humanidade. Trento é o ambiente do qual recebe os primeiros impactos.

Colocadas pelas circunstâncias diante da evidente verdade de que tudo passa, o grupo se perguntava: "Existirá algo pelo qual se vive e que não morre? Um ideal pelo qual vale a pena dar a vida, e que as bombas não possam atingir?" (LUBICH, 1997).

A resposta foi uma só: sim, este ideal existe e é Deus:

> Compreendemos então que, se até aquele momento, os ensinamentos de Jesus nos haviam impelido a amar as pessoas que encontrávamos, sobretudo as mais pobres, agora devíamos concentrar a nossa atenção também umas nas outras, amando-nos de acordo com o que Jesus havia dito: estando prontas a morrer uma pela outra. Nem sempre se chegava a dar a vida. Mas cada ato de amor que uma fazia à outra devia estar inspirado nesta disposição. Nós vivemos o mandamento novo. Aliás, o formulamos com um pacto. Dissemos entre nós: "Eu estou pronta a morrer por você". E a outra: "Eu estou pronta a morrer por você. Eu por você. Eu por você". Todas unânimes (LUBICH, 1997).

Na formação das pessoas do Movimento dos Focolares, identifica-se uma idéia que é vivenciada por todos. Trata-se do lema "morrer pela própria gente", como se vê na fala do entrevistado (1): "Aos poucos fui percebendo que os jovens que estavam ali[14] para colocar em prática as palavras do Evangelho, eram animados por Chiara Lubich, prontos a "morrer pela própria gente[15]". O entrevistado admite que poderia fazer também ele aquela experiência,

---

[14] De acordo com os dados pesquisados, a origem da experiência de pessoas do Movimento dos Focolares na "Ilha Santa Teresinha", antes chamada "Ilha do Inferno" foi no ano de 1964. Trata-se do bairro onde moram 50% dos entrevistados. Este tem uma entrada principal onde se desenvolve uma atividade comercial modesta e uma Escola. Dali partem as ruas tortuosas que são cortadas por alguns becos que servem de atalho para se chegar mais rápido à região central do Bairro de Santo Amaro. Esses atalhos eram esburacados e serviam de corredores também para regos e fios de água que escorriam entre monturos de lixos e outros dejetos. É um ambiente preferido pela meninada para brincar, conversar e se esconder.
Ali, naquela época, moravam pessoas em mucambos onde existe não apenas a miséria material, mas moral. É uma das trinta, aproximadamente, áreas de mocambos existentes na periferia da cidade do Recife. Cercada por um canal natural de águas pantanosas e poluídas, possui 14 hectares, (nesse periodo apenas seis hectares) de área construída. O restante era periodicamente inundado pelas águas da maré. Ali moravam 589 famílias, num total de 3650 habitantes. É impossível descrever n situação de vida daquelas pessoas e as características do local. Mocambos feitos em madeira, coberta em telha e capim. Tudo isso conduz os habitantes da Ilha, antes chamada Ilha do Inferno, devido ao contexto de miséria alí reinante, a uma situação de desânimo, fatalismo, sentindo-se inferiorizados e rejeitados, o que é a causa de revolta e delinquência a que estão sujeitos.
Pe. Bernardo, Jesuíta, que iniciara um trabalho naquele local, auxiliado por algumas pessoas, quis ir para o meio rural. Antes de passar aquela ação a outros, rezou durante uma noite inteira pedindo a Nossa Senhora que lhe indicasse alguém a quem coinfiá-las. Disse-nos que só lhe vinha em mente o Movimento dos Focolares. Segundo os depoimentos, era impossível para os do Movimento não aceitar, pois sabiam que era este o desejo do Arcebispo Dom Helder.

[15] Idéia defendida e vivenciada pelos jovens que participam do Movimento dos Focolares no mundo inteiro. Na prática se efetua uma grande partilha entre países da Europa e os paises subdesenvolvidos.

que deveria ajudar aos vizinhos, conterrâneos e moradores da Ilha. Também ele nesta atitude de doação, "morria pela sua gente".

O comportamento do entrevistado assemelha-se à escolha que o primeiro grupo de moças fez durante a guerra quando surgiu o Movimento.

O que diferencia esta obra de outras obras que surgiram na Igreja, em séculos anteriores, é que se trata de uma espiritualidade que não pode ser vivida individualmente, sob pena de se descaracterizá-la. Lubich (1997) comenta:

> Uma questão que normalmente se levanta frente a um fenômeno religioso ou não, para testar a sua validade é: este Movimento é atual? Está em sintonia com o mundo onde nasceu e se difunde? E se é um fenômeno religioso, responde hoje às expectativas da cristandade?

A esta questão sobre o referencial do sentido ela mesma responde citando um dos traços do Movimento (aliás, o mais forte) que é a dimensão comunitária, coletiva: "A unidade é a nossa vocação especifica, é o que caracteriza o Movimento dos Focolares" (LUBICH, 2003, p. 55). E acrescenta: "Uma das características mais originais dessa espiritualidade da unidade reside na sua dimensão comunitária" (LUBICH, 2003, p. 68), que traz para o nosso século o sentido e a dimensão de comunhão que existia entre os primeiros cristãos, como é mencionado nos Atos dos Apóstolos: "Todos eles tinham o mesmo sentimento" (At 1,14).

Como prática, na década de 1940, no início desse fenômeno, o primeiro grupo colocou os próprios pertences em comum para se doarem totalmente a Deus, servindo aos mais necessitados, que naquele momento eram vítimas dos bombardeios na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas todo esse empenho tinha como finalidade realizar a vontade de Deus, da forma como Ele queria se manifestar ao mundo naquele momento da História da humanidade:

> A estrada é para nós era e é uma só: encontrarmos Deus através do irmão. É esta a nossa estrada. Nós encontramos Deus, amando o irmão. Quando éramos pequenas e jovens [...] procurávamos amar cada irmão o dia inteiro, com todo o coração, e amá-lo como a nós mesmas. Sempre e a todos (LUBICH, 1999).

O entrevistado (1) demonstra maturidade, sendo capaz de conciliar estes dois importantes elementos, fé e militância: "sobretudo no sentido de não ser um ativista qualquer, muitos companheiros que se envolveram na luta pelo social, e lá na frente tiveram crise de fé. Os problemas sociais nos envolvem de tal forma [...].

Assim, para o entrevistado (1) a oração deve corresponder a uma prática: "Quando rezamos o Pai Nosso, a gente reza, mas vai à luta, também pela luta de transparência dos

recursos públicos. Em casa também, meu salário não é meu, mas da família, o da minha esposa não é dela, é da família [...] temos quatro filhos". Na sua compreensão o capital é da família, deve aplicar direito, prestamos conta um ao outro, não como obrigação, mas por amor.

> A noite, quando nos recolhíamos para rezar, experimentávamos dentro de nós a união com Deus. Todos os irmãos tinham desaparecido da nossa mente e sentíamos a união com Deus.
> Existem também outras estradas que conduzem a Deus, no cristianismo. Muitos se unem a Deus através da oração, fazendo obras de caridade, etc. Nós podemos encontrar Deus unicamente amando o irmão. Foco dizia sempre: eu, Deus e o irmão; eu, o irmão, Deus (LUBICH, 1999).

Silvana Veronese[16] (1997) admitiu no seu livro "A Vida Renasce Entre as Bombas", que as ações em favor dos irmãos que sofriam as dolorosas conseqüências da guerra foram se coordenando. Em vista desta "caridade organizada", o primeiro grupo tinha sempre, no bolso, um caderno para anotações de endereços, necessidades, pedidos, e ao mesmo tempo a procura de um trabalho, de uma casa, de assistência médica adequada às pessoas que estivessem em dificuldades.

Também a comunhão de bens[17], vivida na primeira comunidade de Trento (aproximadamente 500-600) pessoas, era vivenciada de modo coerente: os que davam e os que recebiam estavam no mesmo nível. Havia quem colocava em comum as próprias carências, por amor e acreditando no amor, e era visto como alguém que doava (LUBICH, 1997).

A prática do amor que se faz unidade partilha, igualdade, reciprocidade, comunhão é, portanto, vivenciada desde o início do Movimento. É um amor que supera a simples solidariedade. Trata-se de reordenar, na concordância dos relacionamentos, a vida social. Sua penetração se dá no campo das realidades humanas como, por exemplo, a política e a economia entre outros.

O homem, para Habermas, tem, através da razão, capacidade de construir um mundo melhor para todos. Ele acredita que a capacidade de pensar pode propiciar, independente de qualquer outra esfera, uma sociedade mais justa e igualitária, pois acredita que a razão pode resgatar o homem, a capacidade transcendente, a alteridade, ter o outro como participante do mesmo discurso.

---

[16] Uma das moças que compunham o primeiro grupo, de focolarinas, como chamou o Bispo Dom Andrea de Ferrari Bispo de Trento-Itália em 1944, ao perceber que existia entre elas um desejo, de amar a Deus, ardente como o fogo.

[17] Prática dos primeiros cristãos que tornou-se realidade para o Movimento dos Facolares. Colocar todo em comum, sejam pertences materiais que experiências de vida.

Na "Teoria da Ação Comunicativa" (1988, I, p. 99) Habermas confirma esta idéia:

> Na racionalidade cientifica a hipostatização parece pertencer ao estilo idiossincrático da cultura ocidental e indica um padrão de racionalidade cultural e social que busca a racionalidade cognitiva – instrumental através de um predomínio unilateral, não somente em relação à natureza, mas também na compreensão do mundo e na prática comunicativa do cotidiano.

Assim podemos constatar que Habermas, ao desenvolver uma teoria do discurso, além dos meios de controle sistêmico, dinheiro e poder, identifica a solidariedade, como consequência do entendimento intersubjetivo fundamentado no sentido compartilhado. Para este autor, a sociedade deve ser vista sob o aspecto do entendimento lingüístico como fator de integração social. Por isso mesmo, no mundo da vida, o sujeito não menospreza os problemas da reprodução material da sociedade, indispensáveis para a manutenção das estruturas simbólicas do mundo.

Habermas (2005, p. 50) adverte que a crença no progresso, sem considerar os valores éticos e morais, é um risco para a humanidade: "Seria necessário um entendimento moral, sobre a integração de uma ordem cosmo-político com relação à significativa violação dos direitos humanos".

No Movimento dos Focolares, é o ser humano integral e não apenas uma dimensão ideológica que ocupa o centro do debate político. A exigência ética fundamental é de que seja recuperada a possibilidade de se reconstruírem relacionamentos de comunhão entre pessoas e entre comunidades, em todos os níveis: familiar, social, econômico, político, etc. privilegiando aqueles que não têm voz, os necessitados e descriminados pelas estruturas sociais, realizando-se num contexto comunitário que favoreça a atuação das exigências da solidariedade social.

Embora o entrevistado (4) (único que não participa efetivamente do Movimento) tenha feito uma recomendação "fazemos votos, para que cada vez mais, se comprometam numa opção preferencial com os pobres e com os excluídos, inclusive para realizar aquilo que a Igreja pede no último documento publicado aqui no Brasil", pelas demais entrevistas e leituras de documentos, percebe-se que o Movimento expressa, em si, o vínculo indissolúvel entre a consagração individual e a vivência dos homens e mulheres de todas as classes sociais, inspirando a todos os que a ele aderem em busca da transformação da sociedade. Essa transformação será feita com a presença de pessoas empenhadas, onde quer que estejam se tornem a expressão dos Focolares, seja no campo social, como também na esfera política e econômica (FOCOLARES, 2006).

As atividades dos membros do Movimento têm o objetivo de formar "células" sociais, ou seja, pontos onde desabroche a cultura da comunhão. Com esse espírito, as ações sociais, suscitam a reciprocidade superando o mero assistencialismo, uma vez que seus participantes tendem a responder na medida do possível, favorecendo uma troca, uma interação.

Assim, a contribuição de cada um é indispensável para a construção de um mundo mais unido. Enquanto se desenvolve a cultura da partilha, vai aumentando em cada um a responsabilidade pelo social, gerando-se aquela extraordinária intervenção divina que os cristãos costumam chamar de "providência[18]".

Chiara Lubich encontrou Igino Giordani, deputado, escritor e jornalista, pioneiro do ecumenismo. Ele tornou-se co-fundador do Movimento devido à contribuição que deu para a encarnação da espiritualidade da unidade no campo social. Na qualidade de primeiro focolarino[19] casado (OPERA DI MARIA, R. S. F. 1990, p. 6). O padre Pasquale Foresi, o primeiro focolarino (que se ordenou sacerdote), foi co-fundador. Entre outras coisas, ofereceu uma contribuição decisiva para o nascimento dos estudos teológicos (LUBICH, 2003, p. 435). Buscando entender o grupo das primeiras focolarinas, à medida que procurava viver a sabedoria como categoria evangélica, era consciente das próprias limitações humanas, mas tudo fazia parte de um aprendizado: "logicamente, nem sempre conseguíamos viver assim. Por vezes, certos obstáculos ofuscavam o esplendor daquela unidade" (LUBICH, 1997).

O grupo que iniciou o Movimento tem como meta a fraternidade tanto dos cristãos, e mais tarde, com fiéis de outras religiões através da prática comum da denominada "Regra de ouro[20]", que está presente, embora com formulações diferentes, em quase todas as religiões monoteístas (LUBICH, 2006, 63).

Vemos assim que a característica do Movimento Focolares é no sentido de buscar a realização da unidade nos diversos aspectos da vida. Esta finalidade motiva seu espírito, seus fins, sua estrutura e governo. Para tanto, compromete-se na atuação dessa unidade com cristãos católicos, como diz o estatuto: "A obra empenha-se, antes de tudo, numa mais

---

[18] Termo muito usado desde o inicio, toda a história do Movimento é um testemunho da assistência do Pai, de uma assistência extraordinária. Ou seja, da fiel constatação do comprimento da promessa de Jesus: 'tudo o mais vos será dado' por acréscimo que chega por termos procurado o seu reino; como o 'cem vezes mais' que o céu nos manda por termos posposto ao menos espiritualmente todas as coisas em relação a Jesus (cf. Lc 12, 31: Mt 19, 29) (CERINE, 1992, P. 33).

[19] Pessoa que vive em comunidades, ligada ao Movimento dos Focolares, que se doa a Deus seguindo os conselhos evangélicos.

[20] Principio de vida comum a todas as grandes religiões. Idéia que dá sentido aos relacionamentos. Fazer ao outro aquilo que gostaria que fosse feito a si.

profunda unidade entre os fieis da Igreja Católica" (OPERA DI MARIA, S. G. 1990, p. 10). Também com os outros cristãos: "A estabelecer com os outros irmãos cristãos relacionamentos de comunhão e fraternidade e de comum testemunho, em todos os modos possíveis, visando ao restabelecimento da plena unidade" (OPERA DI MARIA, S. G. 1990, p. 10).

O Movimento tem em vista ainda relações de comunhão através do diálogo e de atividades de mútuo interesse com pessoas de outras denominações cristãs, outras religiões, mediante "a união em Deus, mais profunda possível, entre os crentes, como caminho para dar Cristo a eles" (Estatuto Geral, 1990, p. 10). É também seu objetivo, o diálogo com os distantes, "dialogar com as pessoas de boa vontade e atuar, junto a elas, na busca de fins comuns, tentando reforçar a fraternidade universal sobre toda a terra e abrir seu coração a Cristo" (OPERA DI MARIA, S. G. 1990, p. 10).

A entrevistada (7) jovem universitária, evangélica, fala:

> Meu relacionamento com o grupo é verdadeiro [...]. O amor que fica entre nós é esse amor cristão mesmo. É muito interessante, umas delas eram católicas e trabalhavam no meu colégio, que é evangélico, o relacionamento delas até melhorou com as outras pessoas.

Continua a entrevistada (7):

> Surgiu uma oportunidade de fazer uma experiência: viajar para Loppiano na Itália, uma cidadezinha do Movimento. Foi como alargar o coração, como abrir os olhos para o mundo, porque eu convivi com quarenta meninas dos cinco continentes. Eram pessoas muito diferentes, de culturas muito diferentes [...] do Egito, os orientais [...] a gente aprende com a cultura do outro.

A convivência entre pessoas e raças, culturas, etnias, religiões e credos diferentes foi sempre uma característica presente no Movimento. De fato, em documentos encontrados lemos que a partir de 1949 Chiara Lubich passa o verão europeu (julho/agosto) nas montanhas da região de Trento. A ela se junta um número crescente de pessoas, até comporem um "modelo" temporário de uma sociedade renovada com fundamentos no Evangelho: a Mariápolis, "cidade de Maria". Em 1959, mais de dez mil pessoas foram a Fiera di Primiero (Trento) provenientes de vinte e sete países, entre os quais o Brasil (LUBICH, 2003).

Mediante essa experiência, representantes de diversos povos realizavam entre si verdadeiros pactos de unidade, capazes de unir e, ao mesmo tempo, de valorizar contextos sociais tão diferentes nas suas particularidades.

Os membros do Movimento dos Focolares contribuem de maneira ativa para a construção de um mundo unido, através de iniciativas pessoais e coletivas. A difusão dos valores em nível existencial, a formação espiritual para a fraternidade, o empenho no social, o cuidado de favorecer com a vida a prática da ética na política, na vida pública em todos os níveis, atuam para gerar "homens novos" (LUBICH, 2003).

A fala da entrevistada (7) transparece este empenho:

> Na Universidade, vivo esta fé forte em Deus, surgem as duvidas, posso fraquejar por causa da ciência, daquilo que os professores apresentam. Sinto-me forte, peço a Deus esta fortaleza, essa sabedoria, que exista ali a verdade que é a Deus, que eu tenha a luz para interpretar tudo aquilo que eu escuto segundo o que eu acredito que eu creio, que é em Deus. Mesmo que eu escute outras coisas. Os meus amigos também têm muito debate, é um lugar que tem muitas idéias diferentes. Tenho um colega evangélico, às vezes o professor diz alguma coisa, a gente só se olha, a gente sabe que aquilo não é do modo que ele está falando, mas o que agente acredita é outra coisa temos aquela vontade de não questionar o professor, de dizer alguma coisa [...], para não causar assim um tumulto na turma, mas com amor e respeito ao professor, porque se ele acredita naquilo eu o respeito, porém conservando minhas escolhas, sabendo o que quero. A gente aprende muito com esta convivência que o ideal me dá. O movimento me abre os olhos mesmo. Alarga a visão da vida em sociedade, em querer o bem, querer ser uma profissional.

O preceito do amor recíproco, nessa ética renovada, deve tornar-se o princípio fundamental da regulamentação jurídica nos relacionamentos humanos: amar a pátria dos outros como a própria; desenvolver o diálogo entre grupos, culturas e etnias, favorecendo a inculturação com base no princípio de que qualquer cultura deve ser amada e respeitada como a própria, pois contribui para a construção da única cultura da humanidade, nos mais diversos aspectos da vida como nos *Mundos* da Ética Social, do Direito, da Saúde e da Arte, entre outros, considerando que Deus não é somente amor e verdade, mas também beleza. E os traços dessa beleza devem ser encontrados entre os homens e nos seus diversos ambientes de modo que se restabeleça a organização social onde for necessário, tornando mais social, portanto mais humana, a cidade, e a partir desta, a nação, o mundo (FOCOLARES, 2006).

Uma das suas características, que é fazer cultura, significa abrir um espaço ao novo, procurar e promover um autêntico diálogo em todas as direções e em todos os níveis. Um diálogo que divulgue o verdadeiro no sentido de colocar, na busca de ser do homem contemporâneo, a experiência da vida prática, na qual tudo aquilo que é cristão é também vivência da (já referida) "Regra de ouro" (LUBICH, 1997).

Surpreendente foi o que revelou um ex-aluno da Associação que acompanha aproximadamente 500 adolescentes, mantida pelo Movimento dos Focolares na Ilha Santa Teresinha, hoje é professor ali. Fala o entrevistado (3):

> A base, o objetivo é a vida da unidade, viver a fraternidade podendo conhecer o outro como irmão é realmente esta visão da fraternidade. No trabalho: procuro realmente tentar seguir aquilo ali, às vezes agente fala uma coisa e vive outra. Uma pessoa pede para fazer um serviço, eu olho assim, minha área é informática, é diferente de serviços gerais, mas às vezes é aquilo que faz agente ajudar ao próximo e colocar em prática. Poder se sujar ali porque o menino jogou água não espera que alguém venha da limpeza e está ocupado, então, pegar o pano e limpar mesmo que aquela não seja a minha função, mas, fazer isso para colocar em prática.

No viés da Educação, o relacionamento de diálogo sustenta o ato de educar, envolvendo reciprocamente o educador e o aluno, superando a unilateralidade de certo tipo de relacionamento. Analisando a fala da entrevistada (5) se identificam alguns destes aspectos:

> Ensinei na Ilha, um local assim onde reinava a pobreza, não fazia distinção entre meus alunos do Colégio Damas. Nem mesmo aos do Santo Américo em São Paulo. Ensinei para uma vivência total da vida. Um colega professor me perguntava se eu tinha condições de conversar com cada aluno para ver o que se passava com ele, eu me ocupava com o aluno em si, não me preocupava em dar minha matéria, mas ver se aquelas crianças estavam conseguindo caminhar com aqueles ensinamentos que eu dava, se estava conseguindo colocar na vida aquilo que eu transmitia para eles.

Este compromisso nasce da disponibilidade de doar-se ao outro, de colocar o estudante como centro do processo educativo, considerando que o ser humano é, antes de tudo, um ser social, uma pessoa que se realiza na sociabilidade, no *ser com* alguém, no *ser para* alguém, (LUBICH, 2003), sendo uma das suas características a Comunicação.

Essa prática é válida também para iluminar certos aspectos do mundo moderno, como o identificado por Antônio Baggio:

> Os meios de comunicação e a tecnologia estão levando o mundo a uma espécie de imobilidade temporal, estão forçando as pessoas a se concentrarem no momento, no agora. Viver plenamente a vida no momento presente é positivo; mas existe o risco de viver muitos momentos fragmentados que não encontrem mais uma ligação entre si (BAGGIO, 1999, p. 42).

2.2 Difusão

Pelos dados estatísticos do Movimento, em 2005, o mesmo conta com aproximadamente 116.602 integrantes[21] (FOCOLARES, 2006), presentes na África, Ásia, Europa, América do Norte, Oceania, Oriente Médio e América do Sul. Esta teve o privilégio de receber pessoas do Movimento, pela primeira vez fora da Europa como fala o entrevistado (8):

> Pe. Pasquele Foresi veio ao Recife [...] no novo continente, sua vinda, apenas sete dias de permanência assinalou uma etapa no desenvolvimento do Movimento no Brasil. Nos dias 18 e 19 de maio que ficou sendo conhecido como a primeira Mariápolis do Brasil. Éramos mais 107 pessoas, solteiros, casados, pais e mães de família, jovens estudantes, sacerdotes e religiosas. A fé no chamado, no amor de Deus, espalhava-se. Pe. Foresi disse também 'que Jesus passe pelas ruas do Recife, como passou pelas ruas da Palestina e diga a muitos: vem e segui-me'. E no livro de presença escreveu: 'as graças que o Senhor mandou aqui em Recife não são só para Pernambuco ou o Brasil, mas para toda América do Sul'. Cabe agora aos brasileiros fazer frutificar estas graças como o grão de mostarda.

Participam cerca de quatro milhões e meio de pessoas, entre elas 47.000 aderentes de outras Igrejas, 30.000 colaboradores e simpatizantes de outras religiões; além de 70.000 colaboradores e simpatizantes de convicções não-religiosas (FOCOLARES, 2006). Seus membros provêm de todas as camadas sociais e das mais diversas faixas etárias, profissões (funcionários, empresários, operários, políticos, artistas, ecologistas, profissionais da área da saúde, juizes, jornalistas, entre outros).

As cidadelas[22] locais onde se têm ambientes de convivência entre pessoas do Movimento, possuindo escolas de formação, atividades artesanais e até fábricas.

Toda a sua composição é destinada a testemunhar a vida de unidade, inspirada no Evangelho e na *lei* do amor recíproco. Sendo assim centro de difusão para o mundo.

Muitas obras sociais[23] (hoje são mais de mil, em todos os continentes) surgiram no âmbito do Movimento ou com a contribuição deste. O objetivo é favorecer e valorizar a reciprocidade. Não se olha quem recebe e quem dá, mas, no centro de tudo, está o amor recíproco, um amor vivido concretamente pelos seus membros. Em muitos casos essa atitude

---

[21] Contribuindo para a sua difusão no mundo.

[22] A primeira idéia da cidadezinha, no Movimento, surgiu em Einsiedeln, na Suíça, Chiara Lubich vendo do alto de uma colina a Basílica de São Bento, entendeu que devia surgir uma cidade na qual não seria formada de um Mosteiro ou de hotéis, mas de casas, lugares de trabalho, escola, etc., como nas cidades comuns. (LUBICH, 1999).

[23] Atividades na Ilha Santa Teresinha – Recife; Escola Santa Maria e Clínica Sorriso – Igarassú; Jardim Margarida – Vargem Grande SP; Magnificat – Maranhão entre outras.

levou a um resgate social sem precedentes. Ver Jesus no outro deve ser o princípio inspirador dos comportamentos, seja no trabalho, na atividade profissional ou na vida pública.

Ações sociais surgiram, por exemplo, na Irlanda do Norte, na ex-Iugoslávia, na África Central, no Líbano. Realizações no campo da solidariedade internacional (nas favelas do Brasil, nos "*barrios*" das Filipinas). Atividades econômicas e empresariais desenvolveram-se em diversas partes do mundo, além de outras iniciativas que contribuíram para o nascimento dessas cidadelas (FOCOLARES, 2006).

Para alcançar este objetivo o Movimento materializa aquilo que passou a se qualificar "Centros Mariápolis". Estes constituem uma estrutura do Movimento dos Focolares na qual, durante encontros, cursos, congressos se formam todos os que dele participam, são, "cidade casas" onde Maria através de sua Obra oferece aos membros, o genuíno espírito de unidade (LUBICH, 1999, p. 449).

O Movimento dos Focolares compõe-se também de organizações não-governamentais de cooperação internacional, como o *Associazione Mondo Unito* - AMU: de editora (Cidade Nova); de centros audiovisuais; de conjuntos musicais internacionais como o Gen Rosso e o Gen Verde; de um centro de produção artística, o Centro Ave (em Loppiano, Itália); do projeto "Economia de Comunhão", do qual fazem parte 761 empresas em vários países, inclusive o Brasil; da Universidade Popular Mariana, para a instrução religiosa, e ainda de um colégio residencial de instrução média e superior, na Republica dos Camarões: de escolas sociais de formação para o diálogo ecumênico e inter-religioso, sobretudo, nas áreas socialmente mais difíceis, como no Brasil, na Argentina e nas Filipinas, nasceram há alguns anos, escolas específicas para a formação social (FOCOLARES, 2006).

No Brasil, seus centros de difusão, estão localizados em: Bauru, SP; Belém, PA; Belo Horizonte, MG; Benevides, PA; Brasília, DF; Curitiba, PR; Florianópolis, Sta.C; Fortaleza, CE; Igarassú, PE; João Pessoa, PB; Rio de Janeiro, RJ; Salvador, BA; São Luís, MA; São Paulo, SP; Teresina, PI; Vargem Grande Paulista, SP; Vitória, ES (LUBICH, 2003, p. 446).

2.3 Chegada ao Recife

No final da década de 1950, o Movimento ultrapassava as fronteiras da Europa e começava a penetrar em outros continentes, começando pela América do Sul: "Até 1960, o

UNICAP - BIBLIOTECA CENTRAL

mundo que conhecíamos era somente o mundo católico, na Itália e em toda parte" (GODOI, 2003. p. 387).

Quando o Movimento chegou ao Brasil (1958), o contexto que predominava no país era o das lutas de afirmação no campo social, pela conscientização de que se devia romper com as estruturas arcaicas que favoreciam a dominação. Dominação essa que precisava ser erradicada, inclusive por meio da educação. Foi nesse contexto que floresceu o Método Paulo Freire, no qual alfabetizar é também promover a tomada de consciência por parte do alfabetizando, levando-o a descobrir-se como sujeito de seu próprio destino e da sociedade em que vive. "Alfabetizar era, portanto, educar para a liberdade" (FREIRE, 1970, p. 37).

O contexto social brasileiro era, portanto, em toda parte, marcado por uma intensa busca de mudança de estruturas, seja no indivíduo, seja na sociedade. Realidade essa que, como não poderia deixar de ser, provocava conflitos, como diz Luiz Souza:

> No começo da década seguinte (1960-1964) a Igreja, através de alguns setores dinâmicos, estaria presente nas atividades da sindicalização rural e de educação popular. Nesse último campo, em 1960, por um convênio entre a CNBB e o governo através do Ministério da Educação, foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), com escolas radiofônicas espalhadas por várias regiões e com programas de alfabetização e de educação fundamental. Foram anos de intensa atividade social e política e a presença da Igreja, por meio de seus movimentos e de seus leigos, se fez fortemente sentir. Mas foi também o tempo de polarizações ideológicas e políticas e isso repercutiu na instituição. Se, de um lado, jovens da Ação Católica e do MEB tinham uma atividade cada vez mais intensa, com o apoio de um grupo de bispos, de sacerdotes e religiosos, por outra parte, se organizou, no sentido oposto, uma resistência às propostas de transformação. Corrêa de Oliveira e dois bispos: Castro Mayer e Proença Sigaud, publicaram um livro contra as mudanças, *Reforma agrária, problema de consciência.* Tivemos, pois, cristãos dos dois lados do espectro político-ideológico (SOUZA, 2006).

Por sua vez, o educador Paulo Freire foi, por ocasião do golpe militar de 1964, preso e exilado por causa da ameaça que o seu método representaria para o governo que então se estabeleceu no Brasil.

Vejamos quais as implicações dessa didática paulofreireana dentro do contexto de renovação que o país vivia e que também solicitava novos empenhos da Igreja no campo social.

No processo de criação do "método" Paulo Freire, salienta-se o universo vocabular da alfabetização como ponto de partida. Descreve Nilcéa Pelandré (2002, p. 59): "[...] era preciso que eu fosse ao contexto de quem ia aprender a ler, para estudar o discurso da

cotidianidade e de lá retirar o vocabulário a ser utilizado no processo". Na simplicidade deste ato se encontra a origem do envolvimento dos alfabetizados não apenas no interesse de quem ia aprender a ler a palavra escrita, mas se dispor a participar da problematização de situações e a dialogar quanto à busca de explicações lógicas para as situações-problemas (PAULOFREIRE, 2006).

Vê-se que era um contexto de busca de novas estruturas que fizessem face ao desafio do mundo o qual estava em processo de rápidas mudanças. A Igreja era sensível a esses novos tempos para melhor compreender suas necessidades e com ele dialogar. Foi então que surgiu o Conselho Episcopal Latino-Americano, cuja primeira conferência geral ocorreu em 1955, para a fundação do respectivo Conselho - Conselho episcopal Latino-Americano, - o CELAM do qual dom Hélder Pessoa Câmara foi delegado e vice-presidente. Na América Latina foram celebradas quatro Conferências Gerais e também Assembléias Gerais do Episcopado Latino-americano: Rio: 1955, Medellín: 1968, Puebla: 1979, São Domingos: 1992 (PAULOFREIRE, 2006).

Desde então, são realizadas Assembléias, e congregam delegados das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe. Nessas grandes assembléias os bispos estudam sobre a problemática de suas regiões e procuram ter uma visão de conjunto acerca dos desafios que se tem de enfrentar no anúncio do Evangelho. Os pastores analisam a vida da Igreja em seus territórios, descobrem aspectos positivos e negativos, identificam problemas comuns, e deliberam de comum acordo sobre as soluções e linhas de ação pastoral.

Segundo Paulo Evaristo Arns (1985), a Igreja, em seus Grupos de liderança mais significativos e de compromisso social, sempre desempenhou nas Décadas de 60 e 70, um papel preponderante, principalmente através dos Movimentos de Ação Católica – Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica, (JEC), Juventude Independente Católica, (JIC), Juventude Operaria Católica, (JOC) e Juventude Universitária Católica, (JUC) e posicionamento de alguns Bispos e Congregações Religiosas. Ainda afirma que a Ação Católica tão conhecida entre nós: "levou durante anos os leigos a participarem do apostolado dos pastores, abrindo, sem duvida, todas essas perspectivas novas [...] ela constitui o fermento para a massa operária, universitária, e o meio independente" (ARNS, 1985, p. 61).

Pode-se concluir, segundo Cirano (1983), que a indicação de Dom Hélder Pessoa Câmara - por sinal, já designado para a Arquidiocese de São Luiz do Maranhão para a Arquidiocese de Olinda e Recife visa trazer um equilíbrio entre o Clero "avançado" e os militares, pela capacidade que demonstrava de conciliador. Assumindo o papel de defensor

dos fracos e oprimidos Dom Hélder Pessoa Câmara tornou-se o baluarte de defesa do ideal de justiça social.

O "Jornal do Commercio', publicado na cidade do Recife, em 14 de abril de 1964, reconstrói a declaração assinada por D. Hélder e mais dezessete bispos do Nordeste brasileiro: "manifestamos o firme apoio aos movimentos apostólicos, como setores da Ação Católica Brasileira e o Movimento de Educação de Base [...]" os Bispos pedem "a todos os fiéis um redobrado esforço em favor de nossa pátria [...] As necessárias reformas, tantas vezes lembradas para Igreja, devem ser promovidas" (CIRANO, 1983, p. 168).

Em Pernambuco, estava então a pleno vapor o Movimento das Ligas Camponesas, liderado por Francisco Julião, um dos ativistas locais do Partido Socialista. Foi nessa época que se deu o fortalecimento do movimento sindical no campo, a reação do sistema reprimindo estas iniciativas. Paulo Freire, com a difusão de suas idéias e subseqüentes organizações educacionais, que adotaram suas teorias no campo da Pedagogia, favoreceu a luta contra a chamada cultura da dominação (BANDEIRA, 2003).

2.4 Novo momento da história do Movimento Focolares

Ao chegar ao Brasil em 1958, o Movimento foi sediado no Recife. O pequeno número de pessoas que foi portador desta luz atraiu outras ao transmitir-lhes não uma doutrina ou nem mesmo uma teologia, mas uma atitude nova perante a vida.

O entrevistado (8), um dos primeiros participantes do Movimento, num continente fora da Europa, fala:

> Em 1959, após convites de dois colegas de trabalho fui conhecer um novo movimento religioso que estava chegando ao Recife. Encontrei uma sala de aula repleta de pessoas de todas as idades e categorias, de ambos os sexos. Estavam também ali quatro moças e os quatro rapazes que acabaram de chegar da Itália. Cantaram-se algumas canções, ouviu-se a história do Ideal [...]. Vi pessoas que procuravam moldar a sua vida à luz do Evangelho, em minha vida as coisas aconteciam de modo bem diferente. Havia algo de errado no meu cristianismo. As pessoas realmente levavam a sério os ensinamentos de Jesus, deixando pátria, família, trabalho, para tornar realidade o seu testamento - "Que todos sejam um", eu não poderia deixar de aderir ao ideal.

Pela capacidade de abrir-se a todos, independentemente de ideologia ou religião, quaisquer que sejam o Movimento tem sido acolhido aonde vai, pois tem como estilo de convivência a inculturação.

Embora tenha se originado na Europa, o seu modelo é o de Jesus, que ao se encarnar como homem, assumiu as características do seu povo e da sua terra de origem. De fato uma das maneiras de amar é identificar-se com as características do ser amado, evidenciar o amor de Deus no outro, segundo sua líder.

A convivência no Movimento trouxe para o entrevistado (8) um resultado positivo, uma relação de mútua caridade para com os familiares, sobretudo com a esposa, pois, não tinha uma comunhão perfeita segundo sua fala: "Ela chegava até a desconhecer o meu salário, os meus projetos, sem falar no dialogo que quase não existia. Também no trabalho, com os colegas. Não aceitava suas idéias e as minhas deveriam prevalecer".

Culturalmente, é esta a atitude dos membros do Movimento dos Focolares, tendo, porém, presente que a identificação com o outro não deve ser passiva e sim dinâmica, ou seja, voltada para o aperfeiçoamento de ambos: amado e amante.

Em 1961 Chiara Lubich decidiu visitar seus filhos italianos e brasileiros. O entrevistado (8) fala: "Ginetta Calliari[24] cuidou então de providenciar uma casa para hospedá-la juntamente com a sua comitiva. E pensou no apartamento em que nos tínhamos transferido recentemente".

No seu diário de 21 de abril de 1964, Chiara Lubich, em Recife, escreve: "Fomos a Olinda [...] era um dever, meu e nosso, ir rezar no túmulo do Bispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Carlos Gouveia Coelho, por aquilo que fez, quando estava vivo, por nós" [...] (LUBICH, 1967, p. 70). E mais adiante se refere à Ilha Santa Teresinha:

> Esta tarde, visitei os mocambos, senti na multidão das pessoas, repetir-se na alma as bem-aventuranças. São as multidões que Jesus amava e era espontâneo repetir o que o Papa Paulo VI disse aos presos de Roma: "vós sois a imagem de Cristo [...] vós reproduzis diante de mim a imagem do crucificado [...] por isto vim quase para ajoelhar-me diante de vós". Quem vive aqui há anos talvez não sinta esta sensação de repugnância causada pelo abismo existente entre ricos e pobres. Porque podemos tolerar a riqueza dos que a possuem, na esperança que eles se convertam. Mas a fome de justiça é uma bem-aventurança que precisamos sentir viva e vibrante para podermos fazer alguma coisa. Como é belo e duradouro o Evangelho em sua totalidade e como é urgente a sua revolução [...]. Portanto, vamos ali não com a intenção de levar ajudas materiais como quem se encontra em posição superior. Vamos quase para ajoelhar-nos e pedir-lhes que se deixem ajudar, colocando-nos à disposição deles sem que para isso tenhamos que descer; ao contrário, subimos à altura daqueles que sofrem, que choram, e os levamos a doar algo de si à sociedade (LUBICH, 1967, p. 64-65).

---

[24] Veio no primeiro grupo que chegou ao Brasil para trazer a espiritualidade, e ficou até o ano de 2001. No dia 08/03/2007, data em que este trabalho estava sendo concluído, a Igreja deu início ao processo de beatificação desta "mulher forte": Ginetta Calliari.

Ao longo dos anos, a comunidade foi se formando espontaneamente num constante treinamento para o amor, e este foi se difundindo como uma luz em meio às trevas do mundo.

O entrevistado (8) comenta que Chiara Lubich retornou ao Brasil no ano de 1965. Vieram os focolarinos de S. Paulo. Com grande alegria e festa visitou-se o terreno onde será construída a Lauretana[25] masculina. O projeto já está pronto. "Chiara disse: 'tenho muito amor por essa casa Lauretana – a primeira que se constrói[26] – no projeto encontrei os elementos que a torna verdadeiramente a nossa casa, assim como a pensei – não sem, penso, a ajuda do Alto – em Oberiberg, na Suíça'". Visitou-se também o Centro Mariápolis de Igarassu, Estes existem, com sacrifícios enormes da comunidade, soma recolhida da comunhão de bens.

O entrevistado (8) fala algo curioso sobre a história do Movimento dos Focolares: "Chiara esteve também na Casa Lauretana das focolarinas. É a primeira casa de propriedade da Obra, no mundo".

2.5 O paradigma da unidade na visão de Adam Biela

Biela (1996, p. 700) nas suas reflexões pessoais sobre a atuação do Movimento dos Focolares, considera que o protagonismo sóciopolítico no Movimento constitui um "novo fenômeno social e religioso de edificação da unidade no mundo real". Percebe, no trabalho do Movimento, algo intelectual, social e organizativo. Considera que o patrimônio literário de Chiara Lubich constitui uma contribuição para as ciências sociais, reconhecendo que o seu pensamento não se limita à literatura, mas traz "propostas de uma nova visão dos problemas, dos novos paradigmas de estudo e também das novas perspectivas de aplicação".

Verifica-se uma significativa convergência entre a visão que Adam Biela tem da prática do Movimento dos Focolares com a "Teoria da Ação Comunicativa", nos aspectos da interação social, legitimidade, solidariedade, seja entre os integrantes seja no plano mais amplo. Ainda no ponto central do Movimento, a unidade, percebe-se uma identificação com o que Habermas denomina consenso. Estas idéias apontam para uma retomada do conceito de Habermas, são como um instrumento de resgate da integridade da Razão Humana.

---

[25] Casa inspirada na realidade de Loreto, onde convivia na família de Nazaré, virgens e casados. É também um centro operativo.

[26] O Brasil teve o privilegio de construir a primeira Lauretana do mundo, concretizando assim essa inspiração

Trata-se de certo modo, de utopia, ou sonho com uma sociedade idealizada a partir destes conceitos. O que se percebe nas entrevistas de forma simples, indagando a essência dos fatos, é que estes superam as aparências levando em conta o lado étnico, político, cultural, além do lado emocional, afetivo, cognitivo das pessoas. Para Lúcia Aragão (2002, p. 95) "foi através do recurso do *método reconstrutivo* que Habermas conseguiu propor um outro conceito de razão [...] a partir da análise da comunicação cotidiana, percebeu-se poder interferir uma competência universal a todo falante". A virada lingüística é o paradigma construtivista, que se baseia no acervo de conhecimentos, símbolos, significantes e significados compartilhados intersubjetivamente, o que viabiliza a comunicação imprescindível ao entendimento.

Adam Biela nota que:

> As ciências sociais procuram um paradigma que ajude a tornar mais civilizada a realidade social, que transforme as extensas áreas de desintegração, conflito, guerras e morte insensata, preparadas por homens para outros homens, em espaço de integração, concórdia e benevolência recíproca entre os homens (BIELA, 1996, p. 701).

A Teoria da Ação Comunicativa desenvolvida por Habermas, como foi referida, trouxe uma perspectiva mais otimista para o desenvolvimento filosófico e sociológico.

Na visão de Biela a sociedade atual aponta para uma "patologia social ou a uma manifestação de conflitos na sociedade local", fruto de uma cultura do crescimento das ambições individuais; do excesso de autonomia do individuo e dos grupos de elite que não priorizam o bem-estar das pessoas; das disputas crônicas que culminam em comportamentos agressivos; além da crescente desproporção entre uma faixa de pessoas que se enriquecem de modo injusto e pessoas lançadas à margem na miséria, sem ocupação e sem teto.

A razão instrumental, como já citado anteriormente, possui uma referência de julgamento essencialmente material e quantitativa. Dessa forma, induz a um raciocínio e a uma forma de ação que prioriza a obtenção de vantagens. Neste modo de pensar, as pessoas, as instituições sociais ou as organizações em geral serão consideradas boas e úteis dependendo do sucesso em suas atividades. Portanto a razão instrumental provoca forte impacto nos indivíduos, que perdem, com o passar do tempo, suas características individuais.

Habermas (1996, p. 190), referindo-se à razão instrumental, diz que "toda ação é intencional. Uma ação pode ser definida como a concretização de uma intenção de um agente que escolhe e decide livremente". Assim a ação apresenta uma estrutura teleológica na medida em que todas as ações-intenções têm por finalidade alcançar a realização de um

objetivo preestabelecido, menosprezando a idéia de que as relações sociais são construídas e reconstruídas no momento presente da vida.

A teoria de Habermas dá suporte a uma nova ética na medida em que revê boa parte do pensamento filosófico e sociológico da civilização ocidental e cria instrumentos que apontam para uma revalorização ética que pode penetrar nos demais campos da atividade humana.

Para Biela o pensamento da líder fundadora do Movimento dos Focolares possui um caráter instigador, capaz de superar as motivações habituais uma vez que permite não apenas descrever e iluminar os fenômenos sociais, mas também "aplicar os modelos científicos para a construção de relações mais positivas e construtivas, na vida social, econômica e política. A única alternativa para a desintegração social é a integração" (BIELA, 1996, p. 702). O autor considera que essa visão de solidariedade humana (racionalidade comunicativa) é uma alternativa para a rivalidade e o egocentrismo suscitado pela racionalidade instrumental, predominante na sociedade. E afirma a necessidade de se propor um programa de:

> Construção da integração social que mostre às pessoas novas dimensões psicológicas, sociais, econômicas, mas também religioso-espirituais. [...] Um programa para o SIM da construção da unidade nas famílias, nos grupos profissionais, nas comunidades locais e nas relações econômicas (BIELA, 1996, p. 703).

Esta construção da integração social se dá, na teoria de Habermas, pelo processo lingüístico: "falaremos de ação comunicativa nos casos em que os participantes coordenam entre si seus planos de ação por intermédio de processos lingüísticos de entendimento" (HABERMAS, 1996, p. 205).

Biela defende que o fenômeno do Movimento dos Focolares, liderado por Chiara Lubich, mostra através de obras concretas, a possibilidade de construir a unidade e integração social sobre novos e mais profundos princípios:

> A ação deste Movimento constitui um vivo e real exemplo de aplicação do "*paradigma da unidade*" nos relacionamentos sociais, tão necessários às ciências sociais a fim de que estas adquiram uma nova força de aplicação – capaz de curar e de prevenir a patologia social, os conflitos, as doenças 'psicogênicas' e as manifestações agressivas, as guerras e os crimes (BIELA, 1996, p. 703).

Para curar ou prevenir a patologia social Habermas sugere, como já foi referido anteriormente, que "a força consensual dos processos lingüísticos de se obter entendimento,

ou seja, as energias vinculativas da própria linguagem – torna-se eficaz para a coordenação das ações" (HABERMAS, 1996, p. 110), evitando mecanismos agressivos como os que influenciam ou induzem comportamentos. Para o autor a sugestão ou logro não pode ser intersubjetivamente considerado um acordo, distanciando-se do consenso, da unidade.

Numa sociedade onde tem aflorado o egoísmo, a discórdia e sempre mais intensa a dominação de uns para com os outros, a proposta de se instituir o diálogo, o respeito mútuo, a prática do melhor argumento, a valorização do outro, idéias cultivadas na Nova Escola de Frankfurt, mais especificamente na teoria habermasiana, estão também presentes nas práticas dos entrevistados.

Em relação à atividade social surgida do anúncio da unidade evangélica pelo Movimento, Biela reconhece que se trata de um carisma:

> Constitui uma inspiração viva e um exemplo para as ciências sociais estando apta a criar um paradigma interdisciplinar de unidade como fundamento metodológico para a construção de modelos teóricos, de estratégias da procura empírica e de esquemas de aplicação (BIELA, 1996, p. 704).

A grande contribuição dos estudos de Biela consiste em apontar no Movimento a construção de uma infra-estrutura social, moral, econômicos e religiosos. Estas dimensões são nossos parâmetros teóricos no desenvolvimento desse estudo e são abordadas a seguir:

A dimensão social – para o Movimento dos Focolares, o aspecto comunitário é o mais importante. Para o primeiro grupo que fez esta descoberta, manifestou valores profundos e fascinantes que lembram os relacionamentos existentes entre os cristãos das primeiras comunidades. Reaviva nas pessoas a esperança que é possível instaurar, sobre princípios profundos, os relacionamentos entre pessoas (não pessoas abstratas, mas com aquelas que vivem na mesma família, nas vizinhanças, no mesmo lugar de trabalho, na mesma paróquia, cidade, bairro ou condomínio).

A dimensão econômica – a nova dimensão de integração consiste, na promoção e organização de um sistema econômico baseado no princípio de solidariedade com pessoas necessitadas de ajuda real. Refere-se à promoção de um sistema econômico de tipo da pequena e média empresa e de perfil muito variado, de propriedade privada, geralmente de cunho familiar. Essas empresas levam uma atividade econômica normal, segundo os princípios da economia de mercado. Por isso mesmo tentam aumentar a própria concorrência através do aperfeiçoamento da qualidade, da inovação tecnológica e sistemática redução dos custos de produção, o aumento da eficiência no trabalho nos diversos encargos e

aperfeiçoamento de gestão e operação de marketing. Na atividade de gestão, se procuram realizar as recomendações da doutrina social da Igreja no campo da subjetividade do trabalho.

A filosofia da destinação dos lucros das empresas prevê a divisão dos mesmos em três partes as seguintes finalidades: a) investimento na própria empresa; b) ajuda aos necessitados do Movimento dos Focolares em todo o mundo; e c) à formação de pessoas que seguem este estilo de vida.

Essas empresas constituem um exemplo de encarnação do paradigma da unidade e da solidariedade dos homens que deveriam dividir os resultados do trabalho e partilhar as responsabilidades dos riscos da atividade econômica. O funcionamento e o desenvolvimento dessas empresas mostram que também os relacionamentos econômicos podem ser formados sobre a base do paradigma da unidade e da solidariedade entre os homens. Daí surgiu no mundo uma desenvolvida infra-estrutura de comunidade, mesmo ali onde existe ilimitada área de ódio, de conflito, de miséria econômica, de indiferença e insensibilidade social.

A dimensão moral – o tipo de comportamento representado pelo Movimento é o de reconhecimento dos valores da pessoa concreta ou das pessoas concretas. Isso determina a atitude moral da procura de boas soluções para as pessoas individualmente em determinadas relações (familiares, de vizinhanças, profissionais ou de amizade). Trata-se de circundar de benevolência, de amizade e de amor o homem concreto com o quem geralmente nos encontramos e que às vezes espera um gesto bom, uma boa palavra. Não se trata de um discurso sobre o amor, benevolência ou amizade abstrata, mas de concretos exemplos de vida comum – de como se pode ajudar aos próximos na família, no lugar de trabalho, nos escritórios, pelas ruas, através de bons gestos, uma palavra de conforto, um favor, uma renúncia em favor de alguém mais necessitado. Isto não significa procurar qualquer situação abstrata e extraordinária para fazer o bem às pessoas, mas identificar essas ocasiões nas situações simples e naturais do cotidiano.

Para Habermas, trata-se de um universalismo através da linguagem, cada vez mais inclusivo, passível de ser enfrentado, como explicita Lúcia Aragão na apresentação do livro "Agir comunicativo e razão destranscendentalizada": "um universalismo pensado para ser confrontado ao particularismo de cada consenso e de cada comunidade de linguagem: em suma, para apontar para a transcendência embutida na própria função original da linguagem de produzir o entendimento" (HABERMAS, 2002, p. 20).

A dimensão religiosa – é um movimento de renovação religiosa que anuncia a mensagem da unidade. Está presente em outras Igrejas cristãs, constituindo uma nova onda

renovadora para o movimento ecumênico. É edificado sobre um fundamento prático e presente, também, além do âmbito cristão.

Portanto, o autor conclui propondo chamar este paradigma de *"paradigma da unidade"*, cujas dimensões são pautadas pela combinação da partilha e da integração social.

3 O PROTAGONISMO:
Sob o Olhar de Habermas - "Estar com o Outro", uma Racionalidade Comunicativa

3.1 O caminho da racionalização em Habermas

Na perspectiva de construirmos um referencial teórico referente à análise de como membros do Movimento dos Focolares percebem e processam a relação entre fé e protagonismo sociopolítico e religioso, partimos da concepção de "ação comunicativa" de Jürgen Habermas, no livro intitulado: "Teoria da Ação Comunicativa" (1988).

O tratamento das coisas, buscando universalizá-las, ordená-las, classificá-las, defini-las é tarefa da razão a partir da Grécia quando nos primórdios os filósofos tentavam descobrir as origens cognitivas. Essa fundamentação está em oposição com a profecia, com a adivinhação, com a magia, com as religiões. Segundo Platão, a compreensão do universal estava na alma, quando o homem encarna, a alma já traz, do mundo das idéias, o universal. Na idade média a Igreja Católica defende a idéia de que as crianças já nascem com as noções dos universais. Nessa concepção, é Deus quem coloca nela esse conhecimento.

Segundo Habermas (1988, I, p. 15), "A filosofia desde sua origem vem se esforçando para explicar o mundo em seu conjunto, na unidade, e na diversidade". Esta filosofia que trouxe a herança do "sujeito transcendental kantiano", entendendo transcendental como "todo conhecimento que se ocupa da forma de como chegamos ao conhecimento dos objetos na medida em que essa forma de conhecimento seja possível a *priori*" (KANT *apud* MÍLOVIC, 2002, p. 50).

A "ação comunicativa", segundo a proposta teórica de Habermas, tem implicações na educação, na política, na economia, enfim, nos diversos aspectos de convivência dos homens. Isto porque a ética do discurso tenta fornecer critérios que possam validar normas ou leis morais, que desenham a ação exercida pelos indivíduos em interação uns com os outros.

A idéia de norma na perspectiva teórica de Habermas aproxima-se de Durkheim[27], enquanto legal, instituída de forma oficial, e existem também as normas espontâneas que surgem nos grupos. Estas devem ser vivenciadas de tal forma que possam facilitar a

[27] Considera **norma** na perspectiva de fato social que é definido como toda maneira de pensar, sentir e agir fixo ou não, suscetível de "exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter" (DURKHEIM, 1996, p. 11).

continuidade dos grupos. Para Habermas só há sistema se existir algo consistente. Neste caso, o que dá consistência são as normas. Daí a preocupação do autor com a legitimidade, validade, veracidade e correção destas normas e de suas pretensões de validez.

Para as pessoas integradas ao Movimento dos Focolares a norma de todas as normas é a "mútua e contínua caridade" (OPERA DI MARIA, R. S. F. 1990, p. 5).

Significativa é a concepção de norma sustentada pelo entrevistado (1), para ele a norma por excelência é o amor:

> O ser humano se realiza muito mais quando doa do que quando ele recebe. Há muito mais felicidade em doar do que receber. O que acontece é que a cultura do Movimento não é uma cultura européia, porque é a cultura do amor, não tem barreiras. Se eu amo o favelado igual a mim, ele também ser livre para amar um rico, porque se eu não o amo, vou vê apenas como explorador. (sic) Vou ficar como coitadinho, explorado. Lógico que, no momento oportuno, iremos esclarecer que o consumismo dele pode dar como fruto a miséria de hoje, assim por diante. Seguindo uma lógica de amor avançaremos [...].

Segundo Domingues (2004, p. 87), para Habermas, a "ação comunicativa" faz com que os indivíduos construam consensualmente as normas e estabeleçam objetivos comuns; a partir da disponibilidade de cada um de abrir mão de seu ponto de vista, para com isto chegar a uma concepção superior mais universalista – que incorpore os diversos interesses de ambos os participantes.

Habermas dá indicações sobre a legitimação social (validade do sentido) logo na introdução da "Teoria da Ação Comunicativa I". O conceito de racionalidade comunicativa remete a uma experiência diferente da legitimação pelo poder, pois aquela primeira utiliza a força sem violência já que a "*racionalidade comunicativa* possui conotações que partem de uma experiência central de capacidade de unir sem coação e de gerar consenso", um discurso nos quais os participantes superam "a subjetividade inicial de seus pontos de vista em favor de uma comunidade de convicções racionalmente motivadas, asseguram, por sua vez, a unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade no contexto em que desenvolvem suas vidas", tendo como método a prática argumentativa (HABERMAS, 1988, I, 27). Na fala do entrevistado (1), a política é um bem exercido pela humanidade. Razão pela qual teria aprendido nova proposta de amor ao próximo no Movimento: "a proposta de amor ao próximo, de prática de Evangelho, não de uma forma alienada, mas de forma revolucionária. A revolução não estaria em obrigar, pressionar o outro, mas atuar através do amor. Então, amando, o outro vai entender". Há um verdadeiro entendimento favorecido pela prática do que no Movimento se chama "fazer-se um". É este um dos pontos da "Arte de Amar". "O que

é a política em si? A política é um serviço ao bem comum. O que é servir ao bem comum? É amar todas as pessoas [...] lá no Evangelho diz: "amar ao próximo como a si mesmo", então como posso me amar"?

A linguagem possibilita a ação do homem no mundo, sua perspectiva de dar sentido ao mundo subjetivo e objetivo e o expressar no mundo social. Habermas identifica no mundo da vida as condições para as pessoas, através da linguagem, criar estabilidade, consenso. Em prática, o "fazer-se um" possibilita este entendimento como se expressa o entrevistado (1):

> Eu gostaria de morar em uma rua pavimentada, mas, não só para mim, para todas as pessoas e com todos. No momento em que eu luto junto com os outros, que lutamos para ter uma rua pavimentada, estamos nos amando mutuamente. No momento em que luto para ter água encanada, terá na minha casa e na casa de todos. Então política é um ato de grande amor à humanidade. Isso está lá no Evangelho. Quando Jesus disse: "tive sede e me deste de beber". Política [...] é lutar para que se tenha uma rede de água e esgoto para todo mundo.

O consenso é a forma de expressão da verdade, em que o individuo, ao se tornar sujeito, alguém capaz de transformar a realidade, torna-se protagonista, retematizando, questionando, na medida em que os conflitos são superados.

Dentre os membros do Movimento dos Focolares observa-se uma participação de maneira ativa na construção de um mundo unido, através de iniciativas pessoais e coletivas. A difusão dos valores em nível existencial, a formação espiritual para a fraternidade, o empenho no social, o cuidado de favorecer com a vida a prática da ética na política, na vida pública em todos os níveis, atuam para gerar "homens novos" (LUBICH, 2003).

Com a teoria do Discurso, Habermas entende que através da linguagem é possível uma intervenção no mundo da vida de maneira prática, uma vez que esta viabiliza o entendimento das pessoas.

"O entendimento lingüístico funciona como coordenador da ação da seguinte maneira: os participantes da interação unem-se em torno da pretendida validade de suas ações de fala, ou seja, eles reconhecem intersubjetivamente pretensões de validez criticáveis" (HABERMAS, 2002, p. 115). Trata-se de uma compreensão mútua, se pode dizer, uma intercompreensão que favorece a construção social.

Diversamente é a racionalidade instrumental, teleológica, a qual exerce uma força sobre os homens pelo uso estratégico do poder. Para Habermas o processo de modernização desenvolveu a racionalidade instrumental: "a primeira vista somente o conceito teleológico da

ação parece liberar um aspecto de racionalidade da ação; a ação representa uma atividade teleológica sob o aspecto de racionalidade direcionada para um determinado fim" (HABERMAS, I, 1988, p. 125).

A formação política recebida na Associação dos Moradores da Ilha Santa Terezinha, segundo a fala de um dos seus membros, o entrevistado (1), segue uma visão diferenciada da racionalidade instrumental exacerbada:

> Se se perguntar para onde aquela verba foi, verá que foi investido, em coisa supérflua. Tinha-se um carro, mas queria ter um carro do ano [...]. A pessoa, por exemplo, tem um tênis simples, que dá no pé dele, mas aí ele não se conforma e quer um tênis de marca, então ele vai ter que fazer e acontecer. (sic) Na associação também aprendemos a investir. Procura-se conversar nesse sentido, para evitar que isso se torne uma prática, uma regra. Isso é uma exceção e não uma regra. Estamos sempre debatendo para evitar esse tipo de coisa. Porque são pessoas que a gente conhece, que estamos perto, então chamamos e dizemos: "fulano, não é assim, você é livre para ir por esse caminho, mas não aprendemos assim. Mas saiba que está errado, que é por isso que conquistamos o que conquistamos". Não apenas conquistas materiais, mas acima de tudo, conseguimos o respeito das pessoas.

Habermas desenvolveu sua teoria sobre esta base, substituir a racionalidade instrumental pela racionalidade comunicativa, propõe comutação dos conteúdos normativos do direito natural pela simples forma de argumentação. Esta tem por objetivo a reelaboração dos processos de transformação social restante dos Estados modernos minimizando as questões da legitimação que estão no centro da problemática da racionalidade. Para Habermas: "a teoria sistêmica não tem condições de explicar como normas e valores emergem e passam a regular o sistema" (FREITAG, 1990, p. 56-57).

Habermas defende que os indivíduos podem resolver os seus problemas e construir projetos políticos, podem construir projetos individuais a partir dessa ação comum, que é a partir da *comunicação*, comum ação, ação comum entre os indivíduos. Na perspectiva Habermas (1989, p. 79), as interações comunicativas se qualificam a partir do momento em que as pessoas envolvidas "se põem de acordo para coordenar seus planos de ação; o acordo alcançado em cada caso medindo-se pelo reconhecimento intersubjetivo das pretensões de validez".

A entrevistada (6), casada, ex-bancária, na sua fala deixou transparecer algo que se aproxima da "pretensão de validez e da pretensão de correção" ao se relacionar com algumas pessoas a exemplo deste fato. Seu marido tinha o mesmo nome de um médico que fazia abortos. De vez em quando ligavam, por engano, para o telefone de sua casa procurando pelo médico. Ela escutava o marido dizer: não sou eu. A entrevistada viu que não podia ficar de

braços cruzados, assistindo passivamente, sem ir de encontro à vontade de Deus, que não matarás.

> Assim quando atendi ao telefone e a pessoa falou que queria o médico, eu perguntei: o que faz aborto? Respondeu que sim. Pedi o nome, endereço, todos os dados. Depois que ela deu todos os dados eu disse: olha, meu marido tem o mesmo nome, mas ele não é o médico aborteiro, esse outro parece mais um anjinho. Ela disse que queria e eu comecei a argumentar, dando conselho, mostrando as razões do não aborto, até que ela disse que queria me conhecer e terminou vindo à minha casa.

A conclusão desse episódio é que a jovem mãe, vendo o amor da entrevistada pelo seu filho, aceitou tê-lo, mas com a condição de que a depoente fosse a madrinha, a qual não somente aceitou como prometeu que ajudaria a criá-lo. Naquele momento indagou sobre o marido dela e a resposta veio rápida:

> E um safado'. A profissão dele era motorista de táxi, e trabalhava na Praça São Francisco na Rua do Imperador. Passei um mês assistindo missa na Igreja de São Francisco, para encontrar esse taxista e finalmente, consegui. Sentei no banco da frente, e como demoraria uma meia hora para chegar a minha casa, deu para conversar, eu disse que conhecia a mulher dele, ele foi logo se referindo a ela como aquela que não sei o quê [...]. Vi que eram duas pessoas imaturas, sem nenhuma preparação, mas apesar disso voltaram a conviver. O menino nasceu, foi uma coisa linda. Os pais se reconciliaram.

A entrevistada continua em contato com a família e recentemente recebeu um convite para uma festa na casa deles.

As razões para fazer o que é correto, são, segundo Habermas, (1989, p. 153), ter necessidade de "fazer o que é bom aos próprios olhos e aos olhos dos outros, importar-se com os outros. Se a gente se pusesse no lugar do outro, iria querer um bom comportamento de si próprio. Regra de ouro". A "regra de ouro", de fato é uma prática universal, ou seja, comum a todas as religiões. A líder do Movimento dos Focolares admite que a "Regra de ouro" é fundamental para o estabelecimento de relacionamentos verdadeiros e coerentes de fraternidade. E isto se reflete na política, no lazer, na família. Enfim, para a entrevistada (6), a vivência desta "Regra" é um pano de fundo indispensável.

Para Habermas (1989), os atores com seus atos de fala, ao se entenderem uns com os outros sobre algo, erguem pretensões de validade, pretensões de correção e pretensões de sinceridade, referente a três realidades: ao mundo objetivo, ao mundo social, e ao mundo subjetivo. Entendendo dizer, conforme se refiram: a algo do mundo objetivo, enquanto totalidade dos estados de coisas existentes, a algo no mundo social, enquanto totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas, de um grupo social; ou a algo no mundo

subjetivo próprio considerando a totalidade das vivências a que têm acesso privilegiado. Assim podemos concluir que:

> Enquanto no agir estratégico um *atua* sobre o outro para ensejar a comunicação desejada de uma interação, no agir comunicativo um é *motivado racionalmente* pelo outro para uma ação de adesão – e isso em virtude do efeito ilocucionário de comprometimento que a oferta de um ato de fala suscita (HABERMAS, 1989, p. 79).

"Ação comunicativa" para Habermas, é um intercambio entre atores sociais que se processa mediante o uso da linguagem, com o objetivo de entendimento entre os parceiros da interação. Os atores são vistos como uma categoria autônoma "agentes plenos" em relação à estrutura social. Neste sentido, Habermas mostra-se contrário à idéia de movimentação dos atores condicionados integralmente a determinações da estrutura. A proposta da "ação comunicativa" é antes de tudo, ética, pois exige que o interlocutor se ponha no contexto do locutor e vice-versa, descentralizando a visão de mundo e de verdade.

Habermas (1990) sustenta que nesse processo argumentativo dialético inexistem verdades sempre válidas e inabaláveis; todas as normas e valores vigentes devem ser tematizados, problematizados e dramatizados para serem aceitos como racionalmente justificados. Daí, todas as relações sociais resultarem de uma negociação na qual se busca o consenso e se respeita a reciprocidade, fundamentada no melhor argumento.

Habermas pesquisou as relações de individuo a individuo através da "ação comunicativa". Ele procurou na atual crise[28] entender o papel político da comunicação. Idéia das mais originais na História da Filosofia, para muito além de sua funcionalidade (como mero conjunto de instrumentos ou recursos técnicos), e colocá-la no centro da produção da própria cultura.

3.2 A contribuição de Weber na compreensão da racionalidade

Habermas parte de Weber e cria a teoria da ação "*medium* linguagem". Enquanto para Weber a mediação é feita pelas instituições, para Habermas, é pela linguagem.

Na concepção de Habermas, o dinheiro e o poder induzem gradualmente a ação dos sujeitos para determinados fins. Busca-se o êxito.

---

[28] A sociedade moderna carrega em si, crises de valores, além de um esvaziamento no sentido atribuído a vida.

> Se anteriormente as funções de reprodução material e exercício do poder se realizavam em conjunto com a produção da cultura e a reprodução das instituições sociais e das personalidades individuais no novo quadro de maior diferenciação social, o dinheiro e o poder assumirão o papel exclusivo de mediar, de coordenar, aqueles dois processos (DOMINGUES, 2004, p. 86).

O sistema, para Habermas, coordena as ações provocando a separação da integração social e da integração sistêmica. A integração social só pode se dar através de um entendimento lingüístico entre as pessoas, compartilhando entre si, enquanto que a integração sistêmica diverge desta concepção. Isto significa distinção entre os diversos tipos de coordenadores da ação, seja através do consenso dos participantes, seja os mecanismos da interação sistêmica que operam sobre os efeitos da ação.

Habermas aponta a diferença entre ação como algo interior, específico dos seres humanos, distinguindo-a do comportamento, que é característico dos demais animais. Faz assim a distinção entre comportamento e ação. O comportamento é um movimento observável que pode ser classificado como intencional ou não. Enquanto a denominação ação só pode ser atribuída a um comportamento intencional, ou seja, dirigido por normas ou orientado por regras, que não é algo que aconteça, senão quando regido em virtude de um significado intersubjetivamente reconhecido, ou seja, racionalmente fundamentado. Assim, salienta o fato de as normas possuírem um "conteúdo semântico, e justamente um sentido que sempre que um sujeito capaz de entendê-lo as segue, torna-se razão ou motivo de um comportamento; e é então, quando falamos de uma ação" (HABERMAS, 2001, p. 21).

Weber considera que toda ação social repercute diretamente no indivíduo. A ação social de um indivíduo é orientada pela ação do outro. Embora fique claro que Weber permanece no ambito da filosofia do sujeito, não chega a se preocupar com valores relacionados a construção coletiva da sociedade. Aqui é importante observar o significado que ele atribui à ética: significa ação, procedimento que o indivíduo exerce de acordo com os valores pré-estabelecidos.

Ao estudar o *ethos* de vários povos, Weber mostrou como estes transformam isto em ação concreta na sociedade. Como o indivíduo, através da educação que recebe, consegue fazer algo (do seu viver) de certa forma e não de outra forma. O indivíduo absorve a própria cultura e a transforma em um tipo de ação na convivência social. Na sua obra a "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" Weber evidencia nitidamente a dimensão da ética.

O uso pragmático da razão pelo sistema é responsável pelo que ocorre na sociedade. Para Weber a religião enquanto instituição universal influencia fortemente a estrutura da ação, especialmente no campo da economia e da política. Na obra citada, Weber empenhou-se na tarefa de elucidar as relações entre religião e sistema econômico nas sociedades antigas e modernas.

O primeiro resultado do surgimento do espírito é que entre a ética da religião protestante, em particular da sua variante calvinista, e a atitude, a orientação moral, e a motivação do empresário capitalista em que houve uma conexão significativa, ou uma afinidade estrutural que contribuiu poderosamente para difundi-la. Isso por causa de sua importância histórica e sociológica; e pelo fato de apresentar-se ou de poder agilmente ser apresentado como uma revolução nítida da concepção marxista das relações entre capitalismo e religião.

O outro resultado é que os outros sistemas de religiões universais ou universalizantes, isto é, o confucionismo e o taoísmo, o hinduísmo, o budismo e o judaísmo antigo, eram todos eles constituídos, ainda que com suas profundas diferenças, de modo a reprimir o surgimento de orientações de valor e motivações individuais e coletivas aptas a dar suporte a uma ação econômica semelhante à do empresário (e do trabalhador) capitalista. Pode-se, então, afirmar que nas respectivas sociedades, juntamente com outros fatores estruturais e contingentes, a religião dominante concorreu para impedir um desenvolvimento econômico que fosse comparável, pela impetuosidade e radicalidade das transformações socais, ao ocorrido na Europa Ocidental entre os séculos XVIII e XIX (GALLINO, 2005, p. 546).

Na perspectiva de Weber, Deus estava presente no exercício da ascese religiosa, mas também essa ascese religiosa estava presente em todo o mundo secular. Lutero ao traduzir a bíblia para estudar a natureza filológica e sua origem lingüística, ao fazer a versão: a expressão *beruf* alemã, que é profissão, tanto está na Bíblia tradicional romana, como está na alemã, como Deus está agora no século; a vocação é uma dádiva de Deus para qualquer ação secular na Bíblia tradicional. Deus não fazia parte do século por ter se irritado com os homens (na concepção católica) se afastando dele por causa do pecado. Na visão calvinista, o homem, então, teve que buscar Deus para redimir-se de seus pecados, buscar Deus como castigo na terra do trabalho para encontrar Deus no céu (WEBER, 1982)

A expressão *Ruf* (chamado, trabalho) significa grito de Deus. Para a Religião não reformada, era o grito de Deus para o trabalho de apostolado. O *ruf* de Deus para o reformado

era o *ruf* para toda profissão, era uma questão apenas semiológica. Isto vai gerar o "espírito capitalista". "Foi, portanto, nesse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do protestantismo" [...] (WEBER, 1985, p. 53).

Para Habermas, (1988, I, p. 281), "Weber mede a racionalização das imagens do mundo pelo grau de superação do pensamento mágico".

O entrevistado (8) afirma:

> Quando a minha dúvida de vocação aumentou, cheguei mesmo a fazer um acordo com Jesus: Se a miopia que apareceu em minha vista e que ano após ano aumentava, desaparecesse eu iria para o Seminário. Certa ocasião conversando com o vigário de minha Paróquia, ele chegou a dizer que talvez a minha vocação fosse outra.

Na dimensão da racionalidade ética Weber analisa o desencantamento estudando principalmente a interação entre o crente e Deus. Por ser trabalhador era rico, e se rico era possivelmente um eleito de Deus.

Weber considera que é essa presença de Deus no trabalho que cria um "vínculo" e vai se transformando numa ética, numa moral do trabalho. Segundo Weber o predomínio da racionalidade científica significa desmistificação:

> O protestantismo cria com essa presença de Deus o vínculo de Deus em qualquer trabalho, isto vai se transformando em uma ética [...] A ênfase do significado ascético de uma vocação fixa propiciou uma justificação ética para a moderna divisão do trabalho (WEBER, 1985, p. 117).

Esta Ética aponta para um desvinculamento entre Deus e o mundo, ser e dever ser, que se traduz também no esforço por agir eficazmente no mundo, inspirado no desejo de intervir nas mudanças. Apenas tentando assegurar a bênção divina como comprovação da predileção de Deus (STACCONE, 1991, p. 114).

A motivação que a entrevistada (6) diz ter encontrado no Movimento dos Focolares foi o que ela chama a "Arte de Amar". Nela se inspirou para agir efetivamente. Ao se aplicar a "amar o inimigo", transpôs barreiras e construiu pontes nos relacionamentos que pareciam inviáveis. Esta realidade representou uma verdadeira superação do que se poderia atribuir ao "pensamento mágico[29]" onde se dá maior importância às crenças que às praticas.

---

[29] É prática comum entre os homens tentar conquistar ou dominar, através de cultos e rituais, pela oração, oferendas, (consiste em ofertar alguma coisa a seres sobrenaturais) sacrifícios, cantos, danças, em base a uma crença. Por vezes o ritual apresenta um comportamento peculiar que revela as crenças, idéias, atitudes e sentimentos dos que o praticam. A festa de Iemanjá, a lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim em Salvador, são exemplos. Desde a história antiga se identificam como oferendas: os frutos da colheita, parte das caças, objetos de valor, comidas, flores, animais e até seres humanos. Outros exemplos são os de rituais realizados em determinados momentos e lugares, sendo acompanhados por prostrações, posturas especiais como (ajoelhado,

O fato é que em contato com o Movimento a entrevistada despertou para um outro sentido da vida. Encontrou testemunhos de mudanças que se apresentaram mais evidentes do que mágicas, como normalmente conhecia, onde se oferecem: a cura, o milagre, a salvação entre outros.

Não se tratava mais de esperar que algo acontecesse com uma intervenção externa sem o próprio esforço como se constata na sua fala:

> Comecei a praticar a "Arte de Amar" no trabalho onde era chefe de setenta pessoas, era intrigada de um funcionário. Na hora do pagamento, eu jogava a folha, dava as costas, ele recebia e assinava. Não percebia que eu era mal educada, que exemplo eu dava aos funcionários que eu dirigia. No outro mês eu conheci a palavra "ama teu inimigo", eu disse: tenho muitos inimigos, mas tenho razão. Esse Movimento não é para mim. Resolvi experimentar. No dia do pagamento, deixei-o por último. Disse: fulano me desculpe porque tive muita falta de educação. Disseram: enlouqueceu ou encontrou uma coisa muito grande.

A compreensão dos fatos da vida e da dinâmica social é, para a entrevistada (6), de extrema importância nessa experiência do Movimento dos Focolares. Isto evidencia a teoria haberbasiana. A racionalidade comunicativa, para Habermas, é uma prática construída coletivamente com raízes, que é percebida num processo de inclusão do Outro, e consequentemente, de coesão social. No mesmo sentido Lévinas nos leva a refletir sobre a alteridade.

A entrevistada (6) continua sua fala demonstrando a influência das barreiras culturais nas suas atitudes. Ao mesmo tempo mostra um esforço de se educar para uma convivência social, a partir de atitudes simples, reconhecendo no outro alguém a ser respeitado e amado.

3.2.1 A questão do poder

Para Weber a questão é bem outra, trata-se de concepção da burocratização do poder. Weber chama a atenção mostrando que nas sociedades complexas, não há

---

sentado, de pé, curvado) ou ainda com expressões de tristeza ou de alegria (danças, lamentos, sapateados). Num ritual tudo é possível. Segundo Maria Cristina Benetti (1998, p. 117) "a dança ritual está relacionada com os ritos sagrados". Fazem parte do ritual: a reclusão, a mutilação, representações simbólicas da morte e da ressurreição, apresentação de objetos entre outros. Segundo Evans-Pritchard, existe nos humanos, a noção de um mundo ordenado conforme o que chamamos Leis Naturais, mas algumas pessoas em nossa sociedade acreditam que "certas coisas misteriosas podem ocorrer, as quais não podem ser explicadas através de leis naturais, e que, portanto essas coisas transcendem supostamente tais leis, e chamamos esses eventos de sobrenaturais" (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 69).

correspondência entre localização na hierarquia social de riqueza e hierarquia social de prestigio, e com relação ao poder define:

> O *poder* significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade.
> *Dominação* é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo entre determinadas pessoas indicáveis; *disciplina* é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade impecável de pessoas, em virtude de atividades treinadas (WEBER, 2004, p. 33).

Pois bem, a comunicação, criou uma auto-imagem do homem que impregnou-se de tal forma no inconsciente coletivo a ponto de tornar-se a prática comercial corrente do mundo Ocidental. Para Weber, o homem perde-se na percepção de si mesmo para adequar-se a lógica capitalista, tornando-se algo que não mais é sujeito da ação, mas, agente de reação ao estímulo, mergulhando num mecanicismo profundo que o faz abdicar da capacidade de sujeito como agente de comunicação, configurando-se com o que o espírito do capitalismo dita como legítimo.

Por outro lado, podemos verificar que, na concepção de Habermas, o dinheiro e o poder induzem gradualmente a ação dos sujeitos para determinados fins. Busca-se o êxito. O sistema, para Habermas, coordena as ações provocando a separação da integração social e da integração sistêmica. A integração social só pode se dar através de um entendimento lingüístico entre as pessoas, compartilhando entre si, enquanto que a integração sistêmica diverge desta concepção. Isto significa distinção entre os diversos tipos de coordenadores da ação, seja através do consenso dos participantes, seja os mecanismos da interação sistêmica que operam sobre os efeitos da ação.

Para Habermas o social já existe como dado, mas o sujeito tem a possibilidade de recriar as ordens sociais legítimas. Estas podem ser reelaboradas pelos indivíduos em consenso.

3.3 Virada lingüística

A idéia da racionalidade construída coletivamente é o que caracteriza o paradigma da linguagem. Esta passa a ter importância indispensável para a compreensão da sociedade e de tudo o que nela acontece.

Para Habermas (2002, p. 90), o que caracteriza a virada lingüística é a substituição da consciência pela linguagem, como critério de racionalidade, que, segundo o autor, tem qualidade superior.

Lúcia Aragão (2002, p. 92) comentando a racionalidade em Habermas sustenta que desde o cogito cartesiano, "o fundamento da certeza da existência do próprio homem e do mundo é a consciência que ele possui de sua racionalidade". O homem apóia nessa autoconsciência a capacidade de produzir conhecimentos verdadeiros. No entanto, uma questão se põe: como ter acesso à consciência se ela não pode ser objetivada? Entende-se assim a critica que a filosofia da linguagem fazia à filosofia da consciência. A partir dessa premissa, Habermas, observando as sentenças, verificou que sua forma é determinada por razões sintáticas, que há uma lógica inerente e que as regras gramaticais empregadas podem ser reconstruídas racionalmente. Daí conclui que "podemos inferir a existência de uma estrutura racional de linguagem que usamos inconscientemente" (ARAGÃO, 2002, p. 92).

Com a teoria do discurso Habermas entende que através da linguagem é possível uma intervenção no mundo da vida de maneira prática, uma vez que esta viabiliza o entendimento das pessoas:

> O entendimento lingüístico funciona como coordenador da ação da seguinte maneira: os participantes da interação unem-se em torno da pretendida validade de suas ações de fala, ou seja, eles reconhecem intersubjetivamente pretensões de validez criticáveis (HABERMAS, 2002, p. 115).

Trata-se de uma compreensão mútua, se pudéssemos dizer, uma inter compreensão que favorece a construção social.

Na idéia da Virada Lingüística, percebe-se que Habermas considera que através da linguagem é possível a construção de uma sociedade com mais sentido e legitimação porque resultante de uma comunidade lingüística mais representativa, onde se desenvolva um processo crescente de inclusão social das massas sem voz, excluídos do setor público.

3.4 Idéias sobre o sagrado em Habermas

Habermas não trabalha o fenômeno religioso e sim como esse fenômeno pode suscitar um novo tipo de racionalidade. Na verdade, ele acredita que energias religiosas fazem parte do mundo moderno. Ao mesmo tempo acredita que a religião tem de viver sob as regras democráticas modernas.

Segundo Araújo (1996, p. 158), Habermas faz uma substituição da integração social por meio da "fé", por uma integração baseada na "cooperação". Assim "a integração regida por normas muda de estrutura à medida que as funções de reprodução cultural, de integração social e de socialização passam da esfera do sagrado à prática comunicativa cotidiana". Habermas admite que neste processo, "a *comunidade de fé religiosa*, que torna possível, no início, a cooperação social, transforma-se numa *comunidade de comunicação submetida às coações da cooperação.* A verbalização do sagrado exprime uma racionalização do mundo vivido [...]".

Ao comentar a "Teoria da Ação Comunicativa", Araújo (1996) traz a idéia de que o âmbito da ação sacral se dissolve amplamente com o desenvolvimento das sociedades modernas, ou pelo menos, ela perde seu significado estrutural, a arte abandona sua origem cultural tanto quanto a moral e o direito deixam por traz seu pano de fundo religioso e metafísico.

Habermas, ao interpretar a teoria durkheimiana da religião percebe que as funções da integração social e de expressão, em princípio, preenchidas pela "prática ritual, passam ao agir comunicativo. De sorte que a autoridade do sagrado é gradualmente substituída pela autoridade de um consenso tido por fundado em cada época". Para o Habermas isto implica uma emancipação do agir comunicativo em face de contextos normativos protegidos pelo sagrado. "O desencantamento e a despotenciação do âmbito sacral se efetuam *por meio de uma verbalização do consenso normativo fundamental assegurado pelo rito*: com esse processo destrava-se o potencial da racionalidade contido no agir comunicativo". E constata ainda que "a aura de encantamento e temor difundida pelo sagrado e a sua força *fascinante* são sublimadas, e com isso reconduzidas ao cotidiano [...]" (ARAÚJO, 1996, p. 157).

Com isto entende-se dizer que embora nem todas as pessoas tenham a vocação especifica, por exemplo, para desempenhar um papel político dentro de instituições ou partidos, todos são aptos, cada um no próprio espaço de ação, a participar do bem comum, construindo, no momento presente, relacionamentos fundamentados no entendimento em todos os níveis. A análise das entrevistas deixa transparecer uma consciência de que é preciso redescobrir a importância do diálogo verdadeiro evitando o exercício da força, da coerção. Transparece também a compreensão de dever solidificar o ideal da comunhão, no exercício da alteridade.

A entrevistada (6) evidencia que sua experiência foi algo construído desde a chegada do Movimento dos Focolares ao Brasil e continua construindo com o mesmo

entusiasmo e empenho. Embora tenha já sua boa idade o espírito é bem jovial. Sua experiência tem raízes na fé cristã.

> Recordo uma enchente no Recife, Movimento fez uma atividade para doar filtros de águas. Muitas vezes a pessoa era sorteada duas vezes dizia: já fui sorteada, dê a outro, noutra enchente, veio muito leite, também. A comunhão de bens é uma coisa que fica na pessoa. Quando o Movimento cresce, cresce também a comunhão, vai aumentando a ajuda material para o povo. Não tem coisa melhor que o ideal da comunhão, uma forma de ajudar as pessoas.

O amor organiza a prática social coordenando as ações, Lúcia Aragão (2002, p. 115): reforça esta idéia afirmando que "o entendimento lingüístico funciona como mecanismo coordenador de ação [...]".

No seu livro "A Caridade como Estilo de Vida" Chiara Lubich (1972, p.14) escreve: "Jesus, nosso modelo, ensinou-nos duas coisas que são uma só: sermos filhos de um único Pai e irmãos uns dos outros [...] *sermos os primeiros a amar* [...] um lema que teve sua origem na leitura da Escritura ou numa iluminação de Deus".

Biela (1996, p. 700), nas suas reflexões pessoais sobre a atuação do Movimento dos Focolares, considera que o protagonismo sóciopolítico no Movimento constitui um "novo fenômeno social e religioso de edificação da unidade no mundo real".

O entrevistado (8), fazendo uma retrospectiva, ele que viu o início do Movimento no continente americano, percebe a sua riqueza, identifica, no trabalho do Movimento, algo religioso, intelectual, social e organizativo, entende que o patrimônio de Chiara Lubich constitui algo consistente para realizar uma humanidade nova. Reconhece que o pensamento de Chiara não se limita à teorização, mas, como afirma Biela (1996, p. 700) traz "propostas de uma nova visão dos problemas, dos novos paradigmas de estudo e também das novas perspectivas de aplicação".

Isto se comprova com a fala do entrevistado (8). Ele acredita que a militância tem como base a cruz de Cristo. A concretização de grandes projetos não se faz sem abraçar a dor. Sua fala:

> Numa reunião com Ginetta ela nos disse – quando os missionários partem para terras distantes, recebem um crucifixo de madeira ou mesmo de metal. Aos focolarinos que, pela primeira vez, deixavam a Europa para se fixar em outro continente, Chiara havia dado um crucifixo vivo - Jesus Abandonado (seriam as dificuldades e as cruzes das pessoas com quem iriam se encontrar). Ele nos devia impulsionar para viver, momento por momento, na unidade, para a realização do "Testamento de Jesus". Nas dores e os sofrimentos, era Ele que se apresentava, a Ele devemos sempre fazer festa. Escrevi, no mesmo dia, para Chiara dizendo de minha disposição de abraçar sempre a cruz. Não estava acreditando nas minhas forças, mas se essa era a

> Sua vontade, ele me daria todas as graças necessárias. Quando Ele se apresentou a mim, demorei muito a reconhecê-Lo.

As pessoas do Movimento dos Focolares expressam desejar prestar um serviço aos homens, em seus problemas terrenos, e isto se assemelha a uma diaconia para o mundo, enquanto compromisso que os fiéis têm de viver a sua fé. Como tão bem preconizou o escritor italiano Igino Giordani, que como fala o entrevistado, construiu com ele este evento:

> O leigo não tem dificuldade de se lançar no mundo [...]. Dessa forma o cristão é produtor do bem, e de bem social. Ele está na sociedade por isso, para fazer o bem. Inúmeros impulsos do mal estão em ação: o cristão, portador de Deus, com suas energias que haure da Igreja, reage e vence opondo as forças do bem. Esta é uma luta, a sua provação. Existe para isto. É uma missão grandiosa, em certo sentido divina, pois - também através do que ele, homem, faz – o divino se insere no circuito humano e galvaniza, com sua potencia sobre- humana, as fraquezas de todos. Assim, reflete-se nele a encarnação de Cristo, pois nele o Verbo continua a realizar-se na sociedade, tornando-se alimento para os intelectuais, inspiração para as normas, poesia e arte, política e economia: vida coletiva fundida e elevada por uma idéia sobre-humana (GIORDANI, 1987, 134).

Em vista disto, no âmbito da militância, há de se prever que os católicos não recusem os cargos públicos, podendo através destes, exercer uma dupla função: além de promover o bem comum, têm a possibilidade de abrir caminhos para o Evangelho. Trata-se, portanto, de ser cristão, sem abdicar de nenhum dos aspectos que constituem o homem completo e, portanto, também político. Isso significa ser ao mesmo tempo plenamente homem sem perder nenhum dos atributos que definem o cristão.

3.5 Reflexos da racionalidade de Habermas

Habermas traz uma resposta ao problema: como podem a reflexão e a ação racional serem demonstradas no mundo atual?

O autor se questiona se é possível uma síntese entre sujeito e objeto que não seja reduzida a uma ação instrumental, mas que abra perspectiva à "ação comunicativa". (MÍLOVIC, 2002, p. 258).

Habermas vai responder ao que vem a ser essa habilidade para falar, trabalhando a competência lingüística. Por isso mesmo identifica no mundo da vida, na linguagem do cotidiano, a possibilidade da ação racional comunicativa.

A transformação que os conceitos de razão e verdade vivenciam em Habermas é observada por Bárbara Freitag (1990, p. 112-113):

> Razão e verdade deixam de ser conteúdos, valores absolutos universais, para serem definidos formalmente como procedimentos, isto é, regras de jogo fixadas consensualmente [...]. A razão e a verdade resultam da interação do indivíduo com o mundo dos objetos, das pessoas e da vida interior. Por isso a razão e a verdade só podem decorrer da organização social dos atores interagindo em situação dialógica. O conceito de razão só faz sentido enquanto razão dialógica. A razão resulta daquilo que em um contexto social, vivido e compartilhado por atores lingüisticamente competentes, pode ser elaborado como querido e aceito por todos. Nessa acepção, razão e verdade deixam de ser valores absolutos para se transformarem em valores temporariamente válidos, de acordo com o veredicto dos atores envolvidos na situação, os quais estabelecem consensualmente o processo pelo qual a verdade e a razão podem ser conquistadas em um contexto dado.

Habermas constrói uma teoria para o "mundo da vida", voltada para a imanência, na qual toda a linguagem tem finalidade prática. A dialógica na "ação comunicativa" cumpre um papel social, de racionalizar os movimentos das pessoas na sociedade, concedendo sentido às regras de convivência direcionadas à comum união, à comunhão, à interação, revestindo-se, assim, de uma intencionalidade prática. Incluem também uma perspectiva com base hermenêutica onde os conceitos são constantemente construídos e reconstruídos, tematizados e retematizados. O aspecto semântico é evidenciado como imprescindível à legitimação social.

O interesse de Habermas pela linguagem não é só formal, voltado para as regras de relação entre signos (sintaxe), nem mesmo entre significantes lingüísticos e sua semântica. Habermas introduz um novo paradigma. A linguagem e seus usuários (pragmática), ou seja, a linguagem "em-uso", baseando-se em Wittgenstein.

Os significados simbólicos não podem mais depender da objetivação das experiências subjetivas, uma vez que suas raízes estão na linguagem e possuem gramática própria. Tudo leva a crer numa predestinação lingüística na própria composição do ser humano, pois ao chegar já encontra um mundo pré-interpretado, que torna claro e edifica um entendimento que não depende da facticidade, de nenhuma forma de experiência, por ser gerado no interior da própria razão (FREITAG, 2002, p. 91).

Assim para o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) "o horizonte da experiência da comunidade lingüística é interpretado categorialmente e articulado conceitualmente num nível "pré-ontológico" (HABERMAS, 2004. p. 157), ou seja, de *antemão* pela gramática de uma língua ou de um jogo de linguagem, de tal modo que falta às experiências intramundanas a capacidade de desmentir a abertura ao mundo adiantada pela linguagem cuja articulação se opera *a priori* (HABERMAS, 2004).

Na "Teoria da Ação Comunicativa" os fatores centrais são os atores e a linguagem. Esta remete, diretamente, seja à teoria da racionalidade seja ao contexto histórico da modernidade em resposta a uma questão: de que modo a "ação comunicativa" responde à exigência intrínseca da modernidade, de expansão da racionalidade por todos os domínios da vida social?

Berger e Luckmann (2005, p. 23), na sua obra "Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido", afirmam que o "controle da produção do sentido associa-se à comunicação do sentido". Esta é uma relação comum especialmente nas sociedades arcaicas, mas também nas culturas tradicionais mais avançadas. Para estes autores, através da educação ou de doutrinação orientada, visa-se que o individuo só pense e faça o que corresponde às normas da sociedade. Dessa forma se estabelece um controle de tudo o que é dito ensinado e pregado para evitar difusão de opiniões divergentes.

Berger e Luckmann (2005, p. 23-24) observam nas sociedades modernas algo diferente com relação a valores: "existem ainda sistemas de valores que são administrados por algumas instituições também como categorias de sentido [...]. Existe diferença no grau de coerência dos sistemas de valores". Percebem que na sociedade atual, o relacionamento entre pais e filhos não tem o mesmo grau de obrigatoriedade como também não é sustentado por um firme sistema de valores.

A entrevistada (2) descobre o "valor" e encontra o "sentido" em doar-se, consciente de que a construção da cidadania não consiste numa luta contra algo, mas num esforço de diálogo persistente e constante em função dos outros, em função de todos. Observa-se na fala da entrevistada relações familiares mais próximas das sociedades arcaicas:

> Eu trabalhava na FEBEM, pensando na "Arte de Amar" vi que podia ser também amor naquele trabalho para aquelas crianças, comecei a ensinar e também aprender com eles, realmente eu aprendi muito com eles, eu não sabia beijar eu nunca fui beijada, e aprendi com eles, devia ser a mãe deles, ter cuidado.

A discussão sobre a validade é para Habermas determinante, representa uma mudança de paradigma. Na concepção da razão instrumental a certeza, a validade, pode ser obtida individualmente, enquanto na racionalidade comunicativa é introduzida a necessidade do sentido de algo ter que ser considerado validado por todos os participantes da comunicação (MILOVIC, 2002, p. 264), através de um livre debate em que prevaleceu a força do melhor argumento. Neste sentido a ética do discurso, para Habermas, constitui um ambiente propício

para o estabelecimento de relações equilibradas, envolvendo parâmetros de igualdade, solidariedade e bem estar-social, como pressupostos à efetiva "ação comunicativa".

3.6 A ética do discurso

Segundo Habermas (1989, p. 98), o principio de universalização foi o primeiro passo para a fundamentação da ética do discurso.

Na proposta teórica defendida por Habermas (1989) o conceito "*Diskurs*" (Discurso) aparece como uma forma de rede discursiva, fala, que consiste na comunicação destinada a fundamentar as pretensões de validade das afirmações e das normas nas quais se baseia implicitamente o agir comunicativo, um método no qual é trabalhado o aspecto intersubjetivo do discurso no que concerne à relação dialogal além do aspecto lógico-argumentativo (explanação e discussão para a fundamentação das pretensões de validez problematizadas).

Portanto, entende-se por Discurso, uma relação entre pessoas realizada mediante uma conversação argumentativa. Neste sentido cada uma das partes está disposta a defender suas convicções diante de todos. Dos falantes espera-se que tenham a competência de uma linguagem natural comum, uma vez que os temas fluem do mundo da vida. Carece acrescentar que, segundo Habermas (1989, p. 79-80), um Discurso prático é aquele no qual os imperativos de uma pessoa reivindicam uma pretensão de correção ou avaliação, isto por meio de razões, de regras de inferências sustentadas por princípios de ação ou avaliação sobre os valores dos indivíduos. Não dispensando o caráter normativo, identificamos quatro condições do discurso:

Na primeira, todos devem ter as mesmas chances de usar ações comunicativas; a segunda admite que todos devem ter oportunidades iguais de fala; a terceira pretende que todos que compreendam o significado do que está sendo dito podem participar do discurso; finalmente a quarta condição supõe que não pode haver coerção, vencendo quem tem melhor argumento.

De acordo com Habermas as três funções do Discurso são as seguintes: a reprodução cultural, a integração social ou coordenação dos planos de diferentes atores na interação social e a socialização da interpretação cultural das necessidades humanas. No entanto, a efetivação do Discurso se daria em torno do uso cognitivo (compreensão do sujeito) e do uso comunicativo (na rede de relações do sujeito).

Habermas faz ainda, três observações, acerca da ética do Discurso e seus fundamentos na teoria da ação: a) questiona se é necessária e possível uma fundamentação do princípio moral e afirma que sim, pois a fundamentação da teoria moral concerniria ao princípio de universalização dos saberes; b) o único princípio a possibilitar nas questões práticas (da moral e da política) é um acordo argumentativo; c) a tentativa de mostrar como esse princípio pode ter uma fundamentação transcendental através da ética do Discurso, a partir das pressuposições pragmáticas universais de uma argumentação consensual.

O princípio de universalização é introduzido como regra de argumentação para os Discursos da vida cotidiana que sustentariam uma avaliação imparcial dos conflitos de ação.

3.7 Princípio de universalização

Habermas (1989, p. 143) fundamenta o principio de universalização como uma reconstrução da vida quotidiana que está à base da avaliação imparcial de conflitos de ação morais. No principio de universalização para Habermas (1989, p. 147):

> (U) toda norma válida tem que preencher a condição de que as conseqüências e efeitos colaterais que previsivelmente resultam de sua observância *universal*, para a satisfação dos interesses de *todo* individuo possam ser aceitas sem coação por todos os concernidos.

Para Habremas (1989, p. 143), "O principio de universalização pode ser compreendido – de acordo com o modelo de *'reflective equilibrim'* de Rawls – como uma reconstrução das intuições da vida cotidiana [...], outro aspecto da universalidade é que ultrapassa a cultura". Este princípio favorece, enquanto regra da argumentação, um consenso sobre máximas passíveis de universalização. Com a fundamentação de (U) fica também demonstrado que as questões prático-morais podem ser decididas com base em razões.

Quem quer que participe de argumentações pode, em princípio, chegar aos mesmos juízos sobre a aceitabilidade de normas de ação. Contudo, o principio de universalização funciona no sentido de uma regra que elimina todas as orientações axiológicas concretas, funciona de certa forma como uma justificação das ações normativas. Assim, desconsidera as formas de vida coletiva ou às histórias de vida individual e, neste sentido, dentre as questões valorativas do "bem viver", só retém como argumentativamente decidíveis as questões de justiça estritamente normativas. No caso estudado, os entrevistados se fundamentam numa norma explicita, a "mútua e continua caridade".

O cimento da convivência entre pessoas de várias etnias, culturas e religiões, que caracteriza essa universalização, parece consolidar-se na convivência de habitantes de Loppiano. Muito ilustrativa é a fala da jovem universitária, entrevista (7), sobre sua permanência em Loppiano:

> Era como uma cultura só que se formava, uma cultura nova, porque eram pessoas novas, eu não era mais brasileira (sic), nem ela era coreana nem as outras eram da Colombia, mas, éramos uma cultura nova, uma nação nova, uma nação unida como se fossemos uma coisa só, mesmo com as diferenças que tínhamos, a gente buscava não só isso, mas o que nos unia.

São 20 as pequenas cidades, em cinco continentes. Cada uma tem características próprias. A primeira, que teve início em 1965, em Loppiano (Florença-Itália), é internacional, com 800 habitantes de 70 nações. É um esboço de "mundo unido", ali é expressa a criatividade da nova cultura planetária que nasce da fusão de riquezas das diferentes raças e povos (FOCOLARES, 2006).

O segundo passo, destinado a demonstrar a validez universal de (U), validez essa que ultrapassa a perspectiva de uma cultura determinada, baseia-se na comprovação pragmático-transcendental de pressupostos universais e necessários da argumentação.

A "ação comunicativa" dá uma conotação de moralidade aos relacionamentos, redimensiona as práticas morais. Coloca a ética do sujeito no sentido de compromisso com a verdade. Na prática da ação comunicativa não pode existir espaço para a não verdade. A diversidade, a pluralidade, fortalece essa prática, com o envolvimento dos atores nessa prática. Habermas teve o mérito de sistematizar a "ação comunicativa" e viabilizar uma justificativa teórica consistente para o aparecimento de novas linguagens.

Habermas (1989, p. 33) afirma que, na prática comunicativa do cotidiano, as interpretações cognitivas, as expectativas morais, as expressões e valorações têm de qualquer modo que se interpenetrar. "Os processos de entendimento mútuos do mundo da vida carecem por isso de uma tradição cultural *em toda a sua latitude* e não apenas das bênçãos da ciência e da técnica".

3.8 Pretensão de validez

Para Habermas (1989, p. 82), as pretensões de validez normativas *mediatizam*, manifestamente, a linguagem e o mundo social, que possuem uma *dependência recíproca* que não existe na relação da linguagem com o mundo objetivo.

BIBLIOTECA CENTRAL

Habermas distingue quatro pretensões de validez: inteligibilidade, verdade, correção e veracidade. A inteligibilidade atinge toda comunicação, considerando que é condição básica da compreensibilidade necessária ao entendimento recíproco. Com relação às afirmações ou aos enunciados, a verdade faz parte dos atos de fala constatativos do mundo objetivo e é uma pretensão de validez do mundo teorético, no entanto, enquanto correção constitui uma pretensão que diz respeito à legitimidade das normas do mundo social. A veracidade estabelece a pretensão de validez da relação do enunciado com seu mundo subjetivo.

Assim, a questão normativa em Habermas deve abrir espaço à legitimação. Para Habermas a validade de uma norma consiste no fato de: "merecer reconhecimento, o que possa ser demonstrado pelo discurso; uma norma em vigor merece reconhecimento na medida em que seria aceita, ou seja, reconhecida como válida nas condições ideais de justificação" (2004, p. 52).

Neste sentido muito pertinente é a fala da entrevistada (2) funcionaria da FEBEM do bairro de Casa Amarela na cidade do Recife, pois percebe-se nitidamente uma identificação com as idéias de legitimação de Habermas. Ela avança, insiste, convence, consegue mudar situações crônicas na instituição em que trabalhava. Confessa ter inspirado sua militância na experiência do Movimento quando em vista da "caridade organizada", o primeiro grupo tinha sempre, no bolso, um caderno para anotações de endereços, necessidades, pedidos, e ao mesmo tempo a procura de um trabalho, de uma casa, de assistência médica adequada às pessoas que estivessem em situação de dificuldades.

Na "Teoria da Ação Comunicativa" (1988, I, p. 103-104) "Toda ação de entendimento pode se compreendida como parte de um processo cooperativo de interpretação que tem como finalidade a obtenção de definições da situação que pode ser intersubjetivamente reconhecida".

A entrevistada (2), feliz, se expressa: "Com o tempo eu fui conquistando a direção, as pedagogas e as professoras. (sic) Foram despertados para a falta de escolaridade dos meninos".

Na idéia do universal já existe um principio da relação, no entanto o "outro" ainda é anônimo. Para a referida entrevistada quando fala: "na FEBEM as crianças dormiam em um colchão de capim no chão, sem lençol, só com aqueles molambos" o fato de reconhecer o sofrimento do "outro", empenhar-se para encontrar solução, possibilita a sua intervenção, o

"outro" já entrou no seu circuito de relações, não é mais anônimo. Tentou criar algo para modificar a situação a fim de dar melhor condição de vida para aquelas crianças.

Habermas relaciona isto com o mundo da vida, as formas simbólicas, etc. Neste caso, o outro não é mais anônimo, pois deve ser levado em consideração na validação e veracidade das regras e leis. É a relação que vai garantir a veracidade. Assim pode-se perceber que lei psicológica do amadurecimento pessoal é definida também pela lei espiritual fundamentada no Amor a Deus e ao irmão, como é entendido no Movimento dos Focolares. Tudo pode ser considerado como no processo de amadurecimento. Não se alcança um novo estágio sem separação e renúncia ao estágio alcançado anteriormente (o desmame é, para a criança, uma passagem necessária para atingir outra fase, a socialização requer a relativização de si para integrar-se com os outros).

Surgiu uma questão colocada pela entrevistada (2). Apesar de encontrar muitas barreiras entre as colegas de trabalho que sempre a aconselhavam a deixar este empenho, persistiu e, vencendo a timidez, enfrentou situações, conquistando soluções que ela atribui à ajuda divina. Vivenciando o amor ao outro, teve a coragem de enfrentar. "Tive a idéia de botar na cama, dizer ao diretor [...] eu consegui isso prá eles (sic), quando eu vi todos estavam na cama sem lençol, era muito quente [...] fui conquistando, colegas e direção. Aos poucos todos estavam no colchão com lençol".

Ainda cabe destacar uma idéia que Habermas explicita na sua obra "Agir comunicativo e razão destrascendentalizada":

> Ninguém pode seguir uma regra solipsisticamente, apenas para si; o dominio prático de uma regra significa a capacidade de participação *social* em uma prática familiar, na qual os sujeitos já se encontram, tão logo mutuamente se certifiquem reflexivamente de seu conhecimento intuitivo em relação aos objetivos da justificação (HABERMAS, 2002, p. 94).

Curioso é que a entrevistada (2) embora não sendo escolarizada, foi convidada por seu chefe para ser professora. Sinal este de uma forte atuação cidadã, que não permitiu aparecer sua condição como realmente é. Aquela palavra forte que ela desejava vivenciar ao conhecer a espiritualidade do Movimento, "O Amor vence tudo", parecia verificar-se. O seu protagonismo se inspirava na "norma do amor" acima de tudo, enquanto que a norma de ter um certificado como pré-requisito, para ser professor, foi minimizada. Os participantes da comunicação, segundo Habermas, (2002, p. 47), "podem se entender por cima dos limites mundo da vida porque eles com a visão de um mundo objetivo comum, se orientam pela exigência da verdade incondicional de suas afirmações".

Compreende-se assim a distinção entre a moral normativa e a moral factual. Esta independe da vontade da pessoa porque se configura contra os princípios da consciência ética. Para o autor é somente no curso da "destranscendentalização[30] que a metáfora da 'legitimação' recupera algo do sentido originalmente político do processo de legislação" (HABERMAS, 2004, p 54).

Para Habermas não existe outra saída para o protagonismo, que não seja a ação comunicativa. Ele evidencia a diferença entre o mundo da vida e os diversos sistemas sociais. Para o individuo entender o funcionamento desse sistema social, ele tem que fazer parte dele. E é aí que ele vai defender a idéia da ação comunicativa, de que é possível, mesmo diante da diversidade, existir uma ação comum entre esses indivíduos.

No Movimento dos Focolares, os integrantes tomam como base do agir o amor recíproco, partindo da realidade normativa: "onde dois ou mais estão unidos em meu nome eu estarei no meio deles" (Mt, 18-20).

O entrevistado (8) deixa perceber na sua fala que quando não se consegue viver desta forma, não se exerce o protagonismo. Foi o que ocorreu em um período da sua experiência:

> O Jesus Abandonado[31] que eu tanto esperava para fazer-lhe festa se me apresenta e eis que eu não dei a recepção que eu tanto desejava. Coloquei um grande obstáculo para aceita-lo. Visto hoje seria uma coisa simples, mas naquele ano, o homem velho[32] criou uma barreira intransponível. Na época já tínhamos cinco filhos. Não sei também se além do homem velho havia machismo, [...] ciúme por não ter sido convidado. Minha esposa estava entre as pessoas que deveriam participar de um curso na Itália. Coloquei na cabeça que o que Deus uniu o homem não separe. Ela infelizmente perdeu a escola dos casados. Diante dessa minha incoerência deixei de ir ao focolare, a minha comunhão com os irmãos não era plena. Ela não estava feliz [...]. Passei quatro anos querendo imitar o jovem rico. Misericórdia Senhor! Para mim foi conhecer um pouco o inferno. Queria amar e não conseguia. A cruz [...] tão fiel que nunca falta ao encontro de cada dia. Basta acolhe-la para tornar-se santo.

Identifica-se algo em comum entre a proposta do Movimento dos Focolares e o pensamento filosófico de Habermas, pois existe afinidade entre este modo de ver e de construir a realidade social. Através da ação comunicativa Habermas considera que as razões

---

[30] Habermas (2002, p. 38), "considera que a destranscendentalização conduz, por um lado, à inserção dos sujeitos socializados em contextos do mundo da vida; por outro lado, à convergência da cognição com o falar e o agir".

[31] Um dos aspectos da Espiritualidade da Unidade, referente à dor espiritual.

[32] Expressão de desamor.

transcendem e que estão além dos limites individuais. No Movimento dos Focolares esta visão transcendental, que vai além da racionalidade instrumental, caracteriza a vocação para a unidade.

Colocar-se na dinâmica de construir um mundo onde exista a comunhão e a unidade, partindo da premissa do Movimento dos Focolares: "Estabelecer a mútua e contínua caridade, que torna possível a presença de Jesus na coletividade, é para os membros da Obra de Maria, a base da vida, de cada aspecto, a norma das normas, a premissa de cada regra" (1990, p. 5).

É o estabelecimento da presença de Jesus na comunidade, Ele, Caminho, Verdade e Vida, a integração da comunidade, o sentido da unidade. Esta presença de Jesus só se dá através do empenho de todos. Aqui se estabelece um forte elo com as ideais de Habermas sobre a importância do consenso. O autor supõe que os concernidos estejam na disposição de uma integração para além dos projetos individuais, limitados. A razão comunicativa favorece uma estabilidade social. Trata-se do esforço dos indivíduos de se unirem para a construção de uma sociedade integrada, coesa, solidária.

A racionalidade comunicativa de Habermas é compatível com as idéias de cooperação, de universalização, de unidade e ainda, com a técnica da arte de amar "fazer-se um com o outro" desinteressadamente. Sentir com ele as alegrias, as dores, compartilhar as necessidades, as preocupações que inclui o ceder em favor do outro, o servir, o viver para o outro. Tudo isto supõe consenso.

Para Habermas:

> De um lado, o consenso não é mais garantido pela religião, mas depende sobretudo de uma formação racional da vontade. O potencial de racionalidade contido no agir comunicativo se libera do seu mundo religioso ordinário e o "simbolismo religioso" dá lugar a "linguagem" como *medium* de integração social (DOMINGUES, 2004, p. 165),

3.9 Pragmática lingüística / ação comunicativa

A ética do discurso propõe uma institucionalização de uma prática democrática que seja capaz de contornar as interferências do sistema sobre o mundo da vida, onde se evidenciam normas morais "puras" que descrevam interações entre falar e agir.

A "ação comunicativa" é para Habermas um intercâmbio entre atores sociais que se processa mediante o uso da linguagem, com o objetivo de um entendimento dos parceiros

da interação. Os atores são vistos como entidades capazes de usar a linguagem em contextos comunicativos, e a linguagem é vista como *meio de coordenação* das ações de atores que se comunicam tornando-se condição básica para a interação social.

O entrevistado (4), não integrado ao Movimento, reconhece:

> [...] Temos que admirar a influência que está tendo no diálogo ecumênico, no trabalho que está fazendo pela paz, todos esses grandes encontros, e o esforço para atender todas as classes sociais. Nós nos alegramos, inclusive, por ter na nossa Diocese, membros tão eclesiais, tão unidos, de confiança inclusive do Bispo, assumindo tarefas na Diocese, nas Pastorais, nos grupos.

A relação entre os indivíduos no Movimento dos Focolares é essencialmente comunicativa, pois segue a natureza dos seres humanos que é essencialmente dialógica.

Essa idéia pode ser mais bem absorvida, quando conhecemos as funções da interação. Para os autores que trabalham com a concepção interacionista, a linguagem é um ato social pelo qual os membros de uma comunidade interagem. E o que vem a ser interação? A interação é o articulador entre o sujeito e o social. Para Bakhtin (2004, p, 41), "a palavra é capaz de registrar as faces transitórias mais íntimas, mais efêmeras, das mudanças sociais".

Em Bakhtin (2004, p. 35) lê-se: "a consciência individual não só nada pode explicar, mas, pelo contrário ela própria precisa ser explicada a partir do meio [...] social". Essa função é muito clara, o processo de tomada de consciência do sujeito se dá nas relações interativas do eu com o outro, com a palavra do outro, na internalização dessa palavra, num processo ininterrupto e sempre inacabado. A afirmação dessa alteridade tende a romper a imposição de um discurso de homogeneização que tenta silenciar os diversos contextos multiculturais. Somente no plano dessa interculturalidade lingüística se dá a interação social que segundo Bakhtin (2004, p. 34) surge impregnada de "conteúdo ideológico (semiótico)".

Para Bakhtin (2004, p. 35-36):

> A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento [...]. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação de um grupo social. Se privarmos a consciência do seu conteúdo semiótico e ideológico nada mais sobra.

Pela linguagem edificamos nosso pensamento, damos vida às emoções, entendemos as experiências cotidianas. Por ela dá-se a interação social. Assim, a construção conjunta de formas lingüísticas conduz o sujeito a produzir sentido, relações sociais e a própria identidade.

Em outras palavras, a linguagem concorre para a constituição dos sujeitos, dos sentidos e dos lugares sociais, e passa a merecer reconhecimento, pois é constitutiva da realidade social. É ela quem estabelece a ligação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação feita pelo discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. Em última instância, a aptidão do homem de se inscrever no mundo se dá por intermédio desta "ação comunicativa".

Habermas (2004) afirma: "falamos de agir comunicativo quando agentes coordenam seus planos de ação mediante o entendimento mútuo lingüístico, ou seja, quando e eles coordenam de tal modo que lançam mão das forças ilocucionárias[33] dos próprios atos de fala" (p. 118).

A racionalidade é pensada sobre o ângulo de processos comunicativos, tendo como elemento decisivo para a sua construção, a linguagem. Assim a racionalidade será buscada no interior desses processos comunicativos. "Os discursos racionais têm um caráter improvável e emergem como ilhas do oceano da prática quotidiana" (HABERMAS, 1991, p. 158).

Sob o ponto de vista do entendimento, a racionalidade, tendo o consenso como meta da interação, é para Habermas algo em processo, e não um atributo de alguma coisa dada. A razão não existe fora das ações efetivas. Trata-se não de uma entidade, mas de um processo que a qualquer momento pode desencadear-se pela disposição e capacidade de parceiros da interação, de sustentar discursivamente suas posições mediante argumentos.

Segundo Habermas "as pessoas entendidas como *indivíduos* que se respeitam uns aos outros têm exatamente as mesmas obrigações morais que as pessoas entendidas como membros de uma comunidade proposta a realizar objetivos coletivos" (1991, p. 162). Numa visão coletiva de construção de conhecimento, uma razão dialógica é conseqüência do entendimento intersubjetivo, pois os sujeitos através da fala estabelecem uma comunidade comunicativa através da argumentação. No grupo, segundo princípios, regras estabelecidas pelos membros, partindo da premissa de evitar a coerção e dar a todos a oportunidade de fala, se consolida o acesso à verdade a partir da intersubjetividade. Vê-se isso na fala do entrevistado (4), para o qual o Movimento dos Focolares desempenha um papel importante, no sentido de que forma verdadeiros cidadãos:

---

[33] A Ética do Discurso, que surgiu nos anos 60, diferencia os diversos tipos de fala existentes, fazendo separação entre atos locucionários (aquele que trata do modo próprio de se expressar); ilocucionário (que realiza a ação denominada pelo respectivo verbo); perlocucionrio (os atos de fala que querem produzir algum efeito no ouvinte) (Habermas, 1989).

> Quanto à espiritualidade, nós temos que admitir que é uma espiritualidade fundamentada na vida cristã com orientação e fraternidade ecumênica, aberta para todas as Igrejas. A influência que vai tendo, também, dentro da Igreja. Existem até Bispos Focolares e que se beneficiam dessa espiritualidade. De forma que, naturalmente, nós temos que admirar essa solidez que o Movimento dá.

Para Habermas, com a "ação comunicativa" os indivíduos estão mais atentos e dispostos a participar das mudanças que ocorrerão no mundo da vida. A abertura para o outro é a moeda para a construção coletiva. Sentir-se sujeito da história assumindo a responsabilidade tanto individual quanto coletiva torna-se a base do protagonismo.

O termo protagonismo - indicativo do nosso objeto de estudo - reporta-se à cidadania, à pertença à cidade, participação de todos e de cada um numa comunidade característica, "*polis*", comunidade que abrange uma realidade mais ampla que a família natural, inclui o cumprimento de leis, com direitos e deveres precisos sugeridos pelo poder dos cidadãos de tomar iniciativas por sua própria conta, de influenciar a opinião pública, governos e instâncias internacionais. Ana Tereza Lemos-Nelson (2003): "Protagonismo se refere à iniciativa de atores principais em um projeto qualquer". E continua observando a ligação entre cidadania e direitos:

> Cidadania [...] denota a participação de todos e de cada um de nós numa comunidade mais ampla que ultrapasse os muros de nossa casa e família, para nos colocar-nos como sujeitos ativos, donos de direitos e deveres na construção da sociedade que queremos. [...] Quando vivíamos num autoritarismo, o conceito de poder era um conceito que envolvia imposição, pela força, se necessário, das atitudes e conteúdos que aqueles, no cume de uma pirâmide de poder, julgavam necessários. [...] Construir um agir comunicativo, tatear para conceber formas de participação que construam uma idéia de prioridade da comunidade, ou seja, do interesse público, requer força interior e humildade. Este balanço entre humildade e protagonismo [...] é uma tarefa para toda vida.

Ana Tereza Lemos-Nelson acha indispensável nesse processo "amor por nós mesmos e pelos outros, amor por nossa sociedade e respeito e confiança no nosso futuro comum".

Na fala de entrevistada (7) percebe-se que o Movimento dos Focolares ajudou-a a assumir uma prática na sua igreja:

> Voltando [...], eu tinha mais interesse de conhecer a minha Igreja, que eu não estava tão ligada porque em Garanhuns não tem a Igreja Episcopal Carismática, então voltei à Igreja que eu congregava queria estar mais ativa, estar com os adolescentes. E no encontro de jovens, o EJC, percebi que é bom estar na igreja, estar no Focolare vi que é Deus quem me completa. Eu sou uma pessoa inteira.

O protagonismo na Movimento dos Focolares compreende esta abertura aos outros, colocar-se em atitude de serviço, processo que envolve riscos e vantagens, desafio no amar.

Na Teoria da "ação comunicativa", os indivíduos podem eles mesmos se organizarem no mundo da vida; ao invés do mundo da vida apresentar para os indivíduos as suas leis e normas, eles em consenso podem construir as regras consensuais.

No mundo da vida, os indivíduos em interação passam a contar com a possibilidade de questionar mutuamente suas ações que se tornam progressivamente abertas às reivindicações de validade. Isto significa consciência de poder questionar afirmações idéias em termos de sua validade. Criam-se o espaço para o intercâmbio mais livre entre os sujeitos que se vêem menos presos às determinações das estruturas.

Para Habermas não é possível falar de objetividade dos julgamentos morais sem influir na situação, do contrário a interação fica inviabilizada. Embora a questão dos valores seja da competência privada, Habermas reconhece no principio da universalização a alternativa para o problema.

3.10 "Mundo da vida" – sistema

De acordo com Habermas o "mundo da vida" é o que se pode chamar de contexto, é nele que ocorrem as "ações comunicativas", e que funcionam como pano de fundo das referências significativas disponíveis, nas quais ocorrem as situações em que podem agir os atores. O "mundo da vida", então, se apresenta como fonte de significados e seu movimento se dará por uma ação comunicativa, através dele a linguagem assume a própria lógica coordenadora da sede da racionalidade.

O "mundo da vida" constitui-se como uma totalidade do que é o "dito social", isto é, uma força que se opõe ao sistema vigente (linguagem universal do capital), contraditoriamente, inserido em sua estrutura de funcionamento.

Assim, Habermas elabora sua concepção de sociedade procurando integrar duas óticas: a do "mundo da vida" e a sistêmica. Na esfera do "mundo da vida" as relações interpessoais se constituem por meio de processos, os quais são regidos por normas e consensos. Ou seja, as relações se constroem por intermédio da sociabilidade.

Habermas considera que um individuo que vem de outro sistema pode encontrar a impossibilidade de participar de modo efetivo nele, se esse sujeito não possuir um repertorio

significativo que o permita participar no sistema onde quer se enquadrar como sujeito de 'ação comunicativa'.

O sistema em Habermas está ligado a uma circularidade que vai delimitar o espaço social. Para Habermas (1990, p. 293), na teoria do "agir comunicacional" o processo circular, que encerra o "mundo da vida" e a práxis comunicativa quotidiana, ocupa o lugar de mediador que Marx e o marxismo ocidental tinham reservado à práxis social.

Na visão sistêmica o diálogo encontra-se excluído por ação do capital que em seu funcionamento possui uma estrutura de linguagem universal própria, que unida à técnica e a razão instrumental o fazem ganhar força para manter-se em constante e eficaz movimento. A racionalidade instrumental perde sua vital ligação com a cultura, onde se dá o sentido hermenêutico, este que possibilita a compreensão do sentido no mundo da vida, do mundo objetivo dos afetos.

Assim, racionalidade comunicativa e a ética do Discurso na visão Habermas, transparece dessemelhança à racionalidade instrumental sistêmica.

Segundo Bárbara Freitag (1990, p. 56) Habermas demonstra, em longa argumentação, a "incompatibilidade entre o conceitual sistêmico e toda a lógica que rege a categoria do significado". A referida autora constatou que o sistema não dá espaço para que os significados vinculados a normas e valores possam ser consensualmente estabelecidos e criticados. A teoria sistêmica não tem condições de explicar como normas e valores emergem e passam a regulamentar o sistema.

O autor traz para seu estudo as idéias de Kohlberg relativas ao desenvolvimento moral, como se vê a seguir.

3.11 Habermas e a consciência moral

Habermas na sua obra "Consciência Moral e Agir Comunicativo" traz as suposições filosóficas básicas da teoria de Kohlberg, para fundamentar suas idéias: "são três os principais pontos de vista a partir do qual Kohlberg introduz as premissas tomadas de empréstimo à filosofia: a) cognitivismo, b) universalismo, c) formalismo" (HABERMAS, 1989, p. 146).

A teoria de Kohlberg é uma tentativa de demonstrar o desenvolvimento ontogenético da consciência moral. Esta teoria oferece uma confirmação indireta à teoria da ética do Discurso. O desenvolvimento da capacidade de julgar (moral) efetuar-se-ia da

infância à idade adulta, passando pela adolescência, de acordo com um modelo invariante que é um principio da universalização, o ponto de referencia normativo da via evolutiva do Discurso na argumentação humana no qual Habermas percebe certo reducionismo a interesses ancorado num padrão fixo, restrito. Assim, para Habermas, qualquer comportamento diferente do padrão teria uma origem inconsciente, não confessada pelo ator social a si e aos demais, entre agir estratégico (individualista) e agir comunicativo (universalista).

Geralmente, o interesse e o direito se baseiam em fazer o seu dever na sociedade, apoiar-se na ordem social e manter o bem estar da sociedade e do grupo. O que é de direito é cumprir os deveres com os quais se concordou. As leis devem ser apoiadas, exceto em casos extremos em que entram em conflito com outros deveres e direitos sociais estabelecidos. O direito também consiste em contribuir para o bem da sociedade, o grupo. (HABERMAS, 1989, p. 153).

Voltando à fala da entrevistada (2):

> Minhas colegas tinham cuidado comigo para o diretor não reclamar e eu decidi assumir a defesa das crianças. Digo ao diretor que as crianças não podem ficar no chão. Assim sem temor, ia fazendo, se o diretor disser que não faça eu paro [...], porém eu não posso deixar de fazer. Reconhecia que era Jesus nas crianças, devia fazer assim, era feliz, eu cantava, eles reconheciam a minha felicidade. Como eu tinha um ideal tão grande eu não tinha medo do chefe.

Na experiência do Movimento dos Focolares a consciência que as pessoas têm de que Deus é Amor provoca algo semelhante àquilo que Habermas (Kohlberg) qualifica de nível pós-convencional. Ou seja, a necessidade da pessoa ser reconhecida em sua própria identidade, e não considerada um número ou um objeto. Na tarefa de escolher entre diferentes cursos da ação, a pessoa tem necessidade de tomar decisão. A responsabilidade é uma das qualidades da ação, que possibilita que se possa demandar às pessoas um agir moral.

Os três aspectos sob os quais Kohlberg tenta aclarar o conceito do que é "moral" são levados em consideração por todas as éticas cognitivistas, desenvolvidas na tradição kantiana:

1) Cognitivismo – Considerando que o princípio da universalização possibilita, enquanto regra da argumentação, um consenso sobre máximas passíveis de universalização, com a fundamentação de (U) fica demonstrado ao mesmo tempo em que as questões prático-morais podem ser decididas com base em razões. Os juízos morais têm um conteúdo cognitivo; eles não se limitam a dar expressão às atitudes afetivas, preferenciais ou decisões contingentes de cada falante ou ator. A Ética do Discurso refuta o ceticismo ético, explicando

como os juízos morais podem ser fundamentados. Com efeito, toda teoria do desenvolvimento da capacidade de juízo moral tem que pressupor como dada a possibilidade de distinguir entre juízos morais corretos e errados.

2) Universalismo – De (U) resulta imediatamente que quem quer que participe de argumentações pode, em princípio, chegar aos mesmos juízos sobre a aceitabilidade de normas de ação. Com a fundamentação de 'U', a Ética do Discurso contesta a suposição básica do relativismo ético, segundo a qual a validez dos juízos morais só se mede pelos padrões de racionalidade ou de valor da cultura ou forma de vida à qual pertença em cada caso o sujeito que julga. Se os juízos morais não pudessem erguer uma pretensão de validade universal, uma teoria do desenvolvimento moral que pretendesse comprovar a existência de vias de desenvolvimento universais estaria condenada ao fracasso.

3) Formalismo – 'U' funciona no sentido de uma regra que elimina, a título de conteúdos não passíveis de universalização, todas as orientações axiológicas concretas, funciona de certa forma como uma justificação das ações normativas. Assim, desconsidera às formas de vida coletiva ou às histórias de vida individual e, assim, dentre as questões valorativas do "bem viver", só retém como argumentativamente decidíveis as questões de justiça estritamente normativas.

Habermas (1989, p. 50) admite que:

> Piaget e Kohlberg estão na mesma linha de pensamento *estabelecendo* uma hierarquia de níveis ou "estádios" de aprendizagem distintos, sendo que cada nível particular é definido como um equilíbrio relativo de operações que se tornam cada vez mais complexas, abstratas, gerais, e reversíveis.

Kohlberg parte da idéia de Piaget da heteronomia e autonomia, em que os sujeitos estão em estágios diferenciados, capazes ou não de elaborar as normas.

Habermas (1989, p. 150-157) indicou os três níveis de desenvolvimento da consciência moral de Kohlberg através dos quais acontece a diferenciação entre o *self* individual e as "normas sociais":

- Primeiro nível *pré-convencional* : há uma "moralidade", com o domínio da obediência e do medo, tornando a criança dependente dos adultos e regida por eles.
- Segundo nível *convencional* o jovem é muito "consciente" e "dependente" das relações dos adultos, através das normas fixadas por eles próprios, com as devidas sansões de ambos.
- Terceiro nível *pós-convencional*: há uma passagem da "exteriorização" (dependência) para a "interiorização" das regras que se tornam valorosas porque são "convenções sociais úteis" às quais devem confrontar o próprio comportamento.

No nível pré-convencional prevalece a perspectiva egocêntrica nas interações e esta é dirigida por uma autoridade externa.

A entrevistada (6) é uma mulher de caráter forte, batalhadora, de espírito jovial, não obstante seu 80 anos de vida. Manifesta na sua fala outro tipo de pobreza. "Eu era uma pessoa [...] especial no sentido, [...] era super-egoísta, só pensava em mim, só vivia para minha família, porque muito cedo perdi papai, e já com 17/18 anos comecei a trabalhar e ser chefe de família".

O tipo de pobreza identificada na atitude de entrevistada (6) "eu era super-egoísta, só pensava em mim" aproxima-se do nível das pessoas que se encontram numa fase pré-convencional. Respondem a regras culturais e rótulos de bom ou mal, certo ou errado, se preocupam com punição ou esperam ser premiados por algum êxito. E ainda, se preocupam com o poder físico dos que mandam.

Segundo Habermas (1989, p. 152), o nivel pré-convencional, (o que mais se aproxima desta característica), investigado por Kohlberg, na primeira fase focaliza: "o estádio do castigo e da obediência. O direito e a obediência literal às regras e a autoridade, evitar o castigo e não fazer mal físico". Nesta fase do desenvolvimento moral Kohlberg subdivide em dois momentos. No primeiro estagio "o que é direito é evitar infringir as regras, obedecer por obedecer e evitar causar danos físicos a pessoas e propriedades". Já no segundo estágio: Habermas (1989, p. 152) a pessoa busca agir para satisfazer os interesses e necessidades próprias e deixar que os outros façam o mesmo.

A entrevistada (6) na sua fala revela que agia como se fosse, ela mesma, o centro do mundo: "Quando via uma pessoa sempre dizia: ou mulher chata! Ou homem chato! Todo mundo era chato, eu tinha uma vizinha que quando eu a avistava na porta, eu cortava a calçada, contanto que eu não passasse por ela". A atenção dedicada às pessoas que a circundava, era inexistente. Ela buscava tão somente satisfazer seus interesses.

Assim, ela demonstrou que o Movimento ajuda as pessoas a rever seus relacionamentos, olhar os outros não de forma excludente, mas, como pessoas capazes de criar laços, por exemplo, colocar o olhar de Jesus. Explicar essas concepções religiosas dentro dessa perspectiva da evolução dos níveis da consciência moral. Isso representa, para a entrevistada, um estímulo a se relacionar, a se integrar com os outros mediante o comprometimento de poder ter uma vida que demonstra ter já superado o nível pré-convencional.

UNICAP - BIBLIOTECA CENTRAL

Neste nível, as pessoas se encontram numa fase pré-moral. Para Kohlberg, o segundo estágio deste nível é considerado como: objetivo instrumental individual e da troca. Neste estágio o que é de direito é sentir as regras quando é do interesse imediato para a pessoa. O direito é agir para satisfazer os interesses e necessidades próprias e deixar que os outros façam o mesmo. O direito é também o que é eqüitativo, isto é, uma troca igual, uma transação, um acordo (HABERMAS, 1989, p. 152). Pela analise deste fato, torna-se evidente que a entrevistada não superou este estágio.

No entanto tudo nos leva a crer que a entrevistada (6) ultrapassou o nível pré-convencional conforme sua fala: "eu não suporto futebol, meu marido torcia pelo time América Futebol Clube, que era o time mais ruim, (sic!) então para me "fazer um" com ele, eu torcia, isto só para fazê-lo feliz".

No nível convencional, se descobre as razões para fazer o que é direito, a saber: ter necessidade de fazer o que é bom aos próprios olhos e aos olhos dos outros, importar-se com os outros e porque se a gente se pusesse no lugar do outro, iria querer um bom comportamento de si próprio. (Regra de ouro).

Assim, identificam-se, no nível convencional, atitudes já voltadas para os outros, o grupo, a comunidade, porém ainda motivados por interesse próprio. O compromisso com a luta, por exemplo, intervir nos regulamentos da instituição, não se dá sem um interesse próprio.

O convencional, nível em que o dever passa a concorrer com as inclinações, já é possível a formação de papéis sociais. A autoridade é interiorizada, passando a adotar perspectivas coletivas do grupo. No nível convencional o sujeito elabora as normas para regular seu comportamento.

E, por último, o nível pós-convencional, neste os conflitos são resolvidos com base nas perspectivas dos falantes e do mundo. A pessoa, neste nível se orienta por meios dos princípios da justiça, de normas, alcançando a autonomia.

Uma das suas características, que é fazer cultura, significa abrir um espaço ao novo, procurar e promover um autêntico diálogo em todas as direções e em todos os níveis. Um diálogo que divulgue o verdadeiro no sentido de colocar, na busca de ser do homem contemporâneo, a experiência da vida prática, na qual tudo aquilo que é cristão é também vivência da "Regra de ouro" (LUBICH, 1997).

Aqui se dá uma coincidência com a teoria de Habermas. Na sua obra "Consciência moral e agir comunicativo" assim se posiciona:

> Uma pessoa neste estágio está cônscia de sentimentos, acordos e expectativas compartilhados, que adquirem primazia sobre interesses individuais. A pessoa relaciona pontos de vista através da 'Regra de Ouro concreta', pondo-se na pele da outra pessoa. Ele ou ela não considera a perspectiva generalizada do sistema (HABERMAS, 1998, p. 159).

No nível pós-convencional o individuo vai considerar as regras e normas não mais para o seu comportamento, mas como válidas para todos: "as decisões morais são geradas a partir de direitos, valores ou princípios com que concordam (ou podem concordar) todos os indivíduos compondo ou criando uma sociedade destinada a ter práticas leais e benéficas" (HABERMAS, 1989, p. 153).

O tipo de comportamento representado pelo Movimento é o de reconhecimento dos valores da pessoa concreta ou das pessoas concretas. Isso determina a atitude moral da procura de boas soluções para as pessoas, individualmente, em determinadas situações (familiares, de vizinhanças, profissionais ou de amizade). Trata-se de circundar de benevolência, de amizade e de amor o homem concreto com quem geralmente nos encontramos e que, às vezes, espera um gesto bom, uma boa palavra. Não se trata de um discurso sobre o amor, benevolência ou amizade abstrata, mas de concretos exemplos de vida comum – de como se pode ajudar aos próximos na família, no lugar de trabalho, nos escritórios, pelas ruas, através de bons gestos, uma palavra de conforto, um favor, uma renúncia em favor de alguém mais necessitado. Isto não significa procurar qualquer situação abstrata e extraordinária para fazer o bem às pessoas.

Acolher o outro na terminologia do Movimento dos Focolares é "fazer-se um". Tal atitude é posta em prática também em nível individual, ou seja, nos contatos com mais próximo. Esta aproxima-se do que Kohlberg qualifica de pós-convencional. No entanto vejamos o convencional.

No nível convencional, segundo Kohlberg, a pessoa valoriza seus vínculos com os outros, sua natureza social, sua relação com as outras pessoas. Tem a capacidade de perceber os interesses comuns (HABERMAS, 1989, p. 153). Também neste caso da entrevistada (9) na sua fala:

> Em contato com o Movimento, comecei a ver os valores principais, que seriam a reconciliação [...] o que foi muito difícil para mim, devido a minha índole, um pouco agressiva, um pouco sem noções, o que seria na verdade, a convivência [...], porque tudo levava à revolta, tudo levava ao desespero e comecei a me lembrar (sic!) da verdadeira motivação de uma vida cristã voltada para o irmão, não só para os fatos que me aconteciam, mas uma vida interior, uma vida prá Jesus.

O sujeito só pode estar inserido na categoria convencional ou pós-convencional se tiver atingido o nível das operações formais.

É no nível pós-convencional que Habermas se apropria para trabalhar as três categorias do "mundo da vida". As três categorias da pragmática lingüística veracidade, verdade e correção. Em Habermas essas duas categorias deixam de estar atreladas ao sujeito do comportamento e passa a estar vinculada à relação. Passa a ser consequência da relação intersubjetiva.

O entrevistado (8) fala com entusiasmo por ter sido um dos pioneiros de um grande projeto, demonstrando sinais de maturidade idêntica a esse nível. Em 1991 esteve na Mariápolis Araceli para participar de um encontro com Chiara. Foi justamente nesse encontro que ela lançou o Projeto Economia de Comunhão, que ficou conhecido como a "bomba". "Realmente a Economia de Comunhão será o antídoto para sanar o mal gerado pelo capitalismo. É o Espírito Santo agindo em favor daqueles que acreditam".

Neste sentido o entrevistado manifesta-se como protagonista da solidariedade, também em outras ocasiões. Segundo Sílvio Gallo (2002, p. 26):

> O *solidário*, que está sempre disposto a participar, porta-se desta maneira: está em comunhão; vive ansioso pelo encontro; faz questão de trocar as suas experiências de vida com os outros. Sabe muito bem que viver é acima de tudo con-viver. O solidário é *companheiro*; você já pensou sobre o significado dessa palavra? Ela vem do latim, *cum-panere*, e significa algo mais ou menos como 'aqueles que comem juntos o pão da vida'. Logo, o companheiro, o solidário, é aquele que divide sua vida com os outros, aquele para quem a vida não é apenas uma co-existência com os outros, mas uma verdadeira convivência, um viver com os outros.

Quanto a esta dimensão de amor, de protagonismo, que supõe uma maturidade incomum, Habermas esclarece:

> No terceiro nível *pós-convencional* segundo Kohlberg, há uma passagem da "exteriorização" (dependência) para a "interiorização" das regras que se tornam valorosas porque são "convenções sociais úteis" às quais devem confrontar o próprio comportamento (HABERMAS, 1989, p. 153-154).

Para Kohlberg a última fase do pós-convencional presume a orientação por princípios éticos universais, que toda a humanidade deve seguir. Os princípios são princípios universais de justiça: a igualdade de direitos humanos e o respeito pela dignidade dos seres humanos enquanto indivíduos.

O desenvolvimento moral significa que a pessoa em crescimento transforma e diferencia as estruturas cognitivas, já disponíveis em cada caso que ela consegue resolver melhor do que anteriormente; a mesma espécie de problema (HABERMAS, 1989).

Na última fase pós-convencional pode-se considerar que a pessoa atingiu um nível de maturidade. Para ele, o certo é definido por uma decisão de consciência individual, de acordo com princípios éticos escolhidos pela própria pessoa, princípios estes que apelam para a lógica, a universalidade, e a consistência. Percebe-se uma diferença qualitativa em relação aos níveis anteriores. Além de assumir uma posição de comprometimento, no nível prático, com a causa da humanidade, dedica-se com empenho para que esta atinja sua realização.

Afirma ainda o entrevistado (8) ter participado de uma Mariápolis na cidade de Friburgo, na Suíça. Lá estava Igino Giordani[34] e várias pessoas de outros países da Europa. "Naquele evento participamos do Bureau Internacional Santa Catarina[35] (da política) como representantes do Brasil". A atuação do entrevistado, no Movimento, se estende também a Roma e a outros países. Lembra uma afirmação da líder do Movimento encontrada no seu primeiro volume de "Meditações, 1963", com o título "Cristo será meu claustro" Diz assim: "Onde houver próximos para amar, este é meu claustro". O mundo inteiro representa, para o entrevistado, uma família a ser amada e reconstruída.

Isto é comprovado ainda por este fato:

Confidencia o entrevistado (8): "no ano de 1993 – graças ao esforço de todo o Movimento Famílias Novas no Nordeste, tive a alegria de poder participar, com mais de cem pessoas, do Familyfest de 93". Trata-se de um significativo evento - Sementes de Comunhão para o Terceiro Milênio, com outras 12 mil pessoas de 87 países. Mais de 500 milhões de telespectadores acompanharam sua transmissão via satélite, no dia 5 de junho. O contentamento e a disposição de viver o que fora apresentado era geral. Organizaram-se grupos para conhecer algumas cidades da Itália e de outros países. O entrevistado foi um dos organizadores.

---

[34] Político, co-fundador do Movimento dos Focolares, entende que a fé se exprime em ação concreta para edificação da sociedade. Igino Giordani defendia que precisa sempre ter presente: que ciência e economia, arte e trabalho, tudo o quanto se faz, se é feito de acordo com o plano de Deus, reentra na trama estupenda da recriação com o qual se repara o mal [...] e se reconstrói a ordem do Criador. Descobertas, estudos, aumento do bem estar, legislação social, tudo contribui para o bem comum através da tecnologia a da política. Segundo Giordani o agir cristão deve seguir um plano o qual chama "Ordem do Criador", não se trata de uma politização radical das afirmações de fé (Igino Giordani, 1987, p. 80).

[35] Era composto pelo primeiro grupo do Movimento dos Focolares que se ocupava da política, desde os primórdios. Sua sede era desde então em Roma. Hoje foi substituído pelo Movimento Político pela Unidade, organização com atuação ampla e consistente.

Neste caso, no entrevistado, predomina a compreensão e o empenho de superar os projetos simplesmente individuais, particulares e, ampliando a visão, abarcar projetos universais.

No início da fase pós-convencional, há um esforço inteligível para definir valores morais e princípios válidos aplicáveis, independentemente da autoridade.

Os comportamentos corretos considerados nessa fase são os que se definem como direitos individuais gerais e de padrões que superaram criticas chegando à aprovação da sociedade como um todo. Existe a consciência do relativismo de valores pessoais e de opiniões. Nesta fase busca-se atingir um consenso. Com possibilidade, inclusive, de mudar as leis, considerando-se racionalmente a utilidade social. A pessoa passa a considerar com transigência o contrato assumido, o qual adquire caráter de obrigatoriedade. Esta é indicativa para o que se constata na entrevista (8).

Kohlberg fala de um "isomorfismo[36] das formas "lógicas" e "moral" do juízo, como observa Habermas (2004, p. 275-276). Ele considera o domínio sobre operações cognitivas uma condição importante do aprendizado de níveis correspondentes do juízo moral. Comentando Piaget diz que "o mundo social desempenha para o desenvolvimento da consciência moral um papel semelhante ao que desempenham no mundo objetivo as operações do pensamento em geral".

Habermas (1998, p. 143) colhe idéias na teoria do desenvolvimento da consciência desenvolvida por Kohlberg (Ensaios sobre Desenvolvimento Moral, 1981), na qual o desenvolvimento da capacidade de julgamento moral efetua-se na infância até a idade adulta passando pela adolescência, segundo um método invariante; o ponto de referencia normativo da via evolutiva analisada empiricamente é constituída por uma moral guiada por dois princípios: que a norma seja aceita por todos os concernido e que todos tenham acesso ao direito de fala no Discurso.

Kohlberg admite que, ao atingir o nível pós-convencional, a pessoa está apta a assimilar a categoria da universalização. Neste estágio identifica-se, portanto, um superamento da natureza animal, atingindo um nível de racionalidade de evidência da natureza social.

---

[36] Conforme o dicionário Houaiss, isomorfismo - correspondência biunívoca entre os elementos de dois grupos, que preserva as operações de ambos.

Neste estágio, o juízo moral desliga-se dos pactos locais e da coloração histórica de uma forma de vida particular; ele não pode mais apelar para a validez desse contexto do mundo da vida. E as respostas morais conservam tão-somente à força de motivação racional dos discernimentos; elas perdem com as evidências inquestionáveis, que formam o pano de fundo de um mundo da vida, a força de impulsão de motivos empiricamente eficazes.

O desenvolvimento moral significa que a pessoa em crescimento transforma e diferencia de tal maneira as estruturas cognitivas já disponíveis em cada caso que ela consegue resolver melhor do que anteriormente a mesma espécie de problemas, a saber, a solução consensual de conflitos de ação moralmente relevantes. Ao fazer isso, a pessoa em crescimento compreende o seu próprio desenvolvimento moral como um processo de aprendizagem. Pois, em cada estádio superior, ela deve poder explicar até que ponto estava errado os juízos morais que considerava corretos no estádio precedente.

Admite-se uma construção da consciência moral do protagonismo social como vivência coletiva propiciada pela racionalidade comunicativa através da Ética do Discurso.

4 O MOVIMENTO DOS FOCOLARES E A CONSCIÊNCIA MORAL

4.1 O "outro" e a coesão social na esfera do Movimento dos Focolares

Na experiência do Movimento dos Focolares a consciência que as pessoas têm de que "Deus é Amor" e que são amadas particularmente por Ele, provoca algo semelhante daquilo que Habermas, a partir da teoria de Kohlberg, qualifica de nível de desenvolvimento da consciência moral pós-convencional. Ou seja, a necessidade da pessoa ser reconhecida em sua própria identidade e não considerada um número ou um objeto e que deve ter o seu direito à vida e a liberdade acima do que está condicionado nas normas e/ou nas leis.

Essa consciência de ser única e amada de maneira peculiar pelo Criador, lhe dá a evidência de que todas as pessoas lhe são semelhantes, leva ao reconhecimento de ser único mas também igual ao outro e favoreça a um amadurecimento e à prática da "Arte de Amar". Um exemplo é a prática: "fazer-se um" com o próximo, este fato, requer renunciar a defesa do próprio eu para transcender-se no outro. Outro exemplo é o "amar a todos" (LUBICH, 1997).

Podemos perceber que lei psicológica do amadurecimento pessoal é definida também pela lei espiritual fundamentada no Amor a Deus e ao irmão, como é entendido no Movimento dos Focolares. Tudo pode ser considerado como no processo de amadurecimento. Não se alcança um novo estágio, sem separação e renuncia ao estagio alcançado anteriormente (o desmame é para a criança, uma passagem, necessária para atingir outra fase, a socialização requer a relativização de si para integrar-se com os outros). No seu discurso de doutoramento em psicologia, Chiara Lubich (2003, p. 284-285) afirma que:

> Psicologicamente, para um individuo não é possível ter o sentido da própria identidade se não há outros que o reconheçam como sujeito. Os homens têm necessidade de confirmar-se mutuamente em seu ser individual, mediante encontros e contatos genuínos [...] mas para ser dom pessoal é preciso doar-se. A comunidade cristã não se forma a partir de motivações extrínsecas, mas pela natureza do amor, que gera comunhão.

O desenvolvimento psíquico da pessoa começa pela fase inicial do "narcisismo", para depois alargar-se progressivamente no campo das relações (aos membros da família e, mais tarde, à escola, à sociedade) até chegar ao pleno amadurecimento do eu.

Na tarefa de escolher entre diferentes cursos da ação a pessoa tem necessidade de tomar decisão. A responsabilidade é uma das qualidades da ação que possibilita que se possa demandar às pessoas um agir moral.

No entanto para Habermas a justificativa de que tal escolha é feita de forma moralmente correta não passa pela idéia de decisão individual, mas mediante o diálogo para legitimar moralmente as normas que devem reger as ações.

Na idéia do universal já existe um principio da relação, no entanto o "outro" ainda é anônimo. Habermas relaciona isto com o "mundo da vida", as formas simbólicas, etc. Neste caso, o outro não é mais anônimo, pois deve ser levado em consideração na validação e veracidade das regras e leis. É a relação que vai garantir a veracidade.

Neste sentido a idéia da "Arte de Amar" é condizente com a teoria da ação comunicativa.

O estágio pós-convencional é, portanto, indicativo para o exercício do protagonismo. É característico nas pessoas com essa maturidade assumirem empenhos no mundo do trabalho, no mundo social. Por isto mesmo demonstram uma supremacia moral, capaz de identificar no outro não um concorrente ou alguém que impede a caminhada. Mas, ao contrário, um parceiro na construção da sociedade.

É impossível pensar num consenso partindo do fato de que os sujeitos estão em condições heteronômicas. Nesta situação existe um desequilíbrio, onde um se guia pelo comportamento do outro.

Na concepção de Kohlberg, o sujeito moral é aquele que é capaz de ter responsabilidade sobre suas atitudes morais, aquele que responde por seus atos. Isto supõe a existência de uma natureza que superou o nível dos instintos e atingiu um nível social. Assim Habermas (1989, p. 53) reforça a posição de Kohlberg: "a consciência moral pós-convencional exige discernimento da autonomia da esfera moral. Autonomia significa que toda a forma de argumentação moral é distinta de todas as outras. [...] 'A questão é: está moralmente correto'"?

A maturidade liberta dos vínculos que impedia a pessoa, em fases anteriores, a tomar posições condizentes ao protagonismo.

A responsabilidade, a justa responsabilidade, instala-se quando se adquire o senso de justiça, quando se adquire a consciência da responsabilidade estabelecendo o sentido de justiça e de equidade.

4.2 O lugar do próximo

Para o Movimento dos Focolares o próximo tem um lugar privilegiado. Escreve Chiara Lubich (2003): "o próximo é um outro tu mesmo e, como tal, deves amá-lo". E explica: "o próximo é quem quer que passe ao teu lado, pobre ou rico, bonito ou feio, ignorante ou culto, santo ou pecador, de tua pátria ou estrangeiro, sacerdote ou leigo, quem quer que seja" (p. 122).

Lévinas trás um conceito de próximo mais aproximado ao que inspira as práticas do Movimento em estudo.

A racionalidade comunicativa para Habermas é uma prática construída coletivamente. Por estas raízes, se percebe um processo de inclusão do outro, e consequentemente, de coesão social. No mesmo sentido Lévinas nos leva a refletir sobre a alteridade.

Identificando a reação vivenciada pela entrevistada (6) quando conta que chegou perto da cunhada e disse: "vim visitar meu irmão e te pedir desculpas. Ela replicou: mais uma farsa? Você é uma fingida, e mandou retirar-me. Até hoje não sei quem segurou minha mão para não dar um tapa, (sic) sai de lá chorando e fui embora".

Nesta situação, comparando com as fases trabalhadas por Kohlberg, classificaríamos que ela se encontrava no nível pré-convencional, na fase pré-moral em que respondem a regras culturais e rótulos de bom ou mal, certo ou errado, se preocupam com punição ou esperam ser premiados por algum êxito. E ainda, se preocupam com o poder físico dos que mandam. As conseqüências físicas representam punição moral, como por exemplo, receber um castigo é consequência de uma ação moral má ou vice-versa. No nível pré-convencional se busca fugir do castigo e evitar faltar com respeito autoridade. Isto, levando em conte a própria autoridade, e não pelo fato da ordem moral (HABERMAS, 1989, p. 152).

Nesta fase a pessoa admite certos critérios de julgamento, com base nos impulsos e emoções. Inicialmente, o critério de julgamento das ações, ou seja, o critério de certo ou errado é a partir daquilo que agrada. Depois, o agir passa a ser orientado no sentido de evitar castigos. Estas são situações opostas a alteridade.

Para Lévinas o Rosto é o começo de toda inteligibilidade como também o começo de toda filosofia. A noção de Rosto para ele é absolutamente singular porque o Rosto não é uma forma plástica; representa a relação com o despojamento, com o que se apresenta ao eu na sua nudez como revelador da solidão do Outro que convida o Eu ao estabelecimento de

uma relação na qual o primeiro se coloca como responsável do segundo: "o face-a-face é assim uma impossibilidade de negar, uma negação da negação" (LÉVINAS, 2005). O Rosto é o que o outro pode revelar na sua nudez na condição de humano ou seja da sua mortalidade de "se contituir com", assim, "o rosto que me olha me afirma" (LÉVINAS, 2005 p. 61).

A análise, defendida pelo referido autor, aponta no homem contemporâneo um perfil de vida onde o sofrimento e a dor se apresenta como sintomas que caracterizam este século. Um sofrimento advindo das guerras e dos horrores praticados pelos regimes totalitários cujo representante maior é o holocausto dos judeus. Trata-se, para ele, de um sofrimento inútil e injustificável de outro homem. Praticam-se os excessos em nome de uma razão revestida de intenções duvidosas que levam à prática do arbitrário e da instituição do revés da justiça; excessos que impõem ao Outro a dor.

A experiência vivida pelo Movimento, no seu início em 1945, aproximadamente, foi fundamental para fixar bases sólidas de relacionamentos, inclusive a quem poderia se colocar na posição de adversário na guerra. Sua filosofia parece ser uma denúncia do atual estado de coisas que vive o homem desde o século XX, um estado de inumanidade e de imoralidade, efeitos de uma "perversão ontológica" (LÉVINAS, 2005, p. 134). Ao mesmo tempo, ele apela para um resgate do humano, examinando o sofrimento numa perspectiva inter- humana.

O sentimento de compaixão, o sofrimento pelo sofrimento inútil do Outro se oferecem como saída para a constituição de uma ética inter-humana, pois, para este autor, o único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao Outro. A descoberta da nossa humanidade se manifesta, segundo Lévinas (2005), justamente no encontro com o Outro. Ir na direção do Outro é abrir-se para o humano no ser - é ser o "Outro".

O Outro não é um complemento do Eu. Sua tese é a de que a relação de alteridade excede esse querer compreender o outro. Diz ele:

> Na colação do sentido de 'eu' ao outro é também na minha alteridade a mim-mesmo, pela qual eu posso conferir ao outro o sentido de eu - o aqui e o lá invertem-se um no outro. Não é a homogeneização do espaço que, assim, se constitui; sou eu-embora tão evidentemente primordial e hegemônico, tão idêntico a mim-mesmo, no nome próprio tão bem na minha pele, no meu *hic a* - que passo ao segundo plano: eu me vejo a partir do outro, exponho-me a outrem, tenho contas a prestar (LÉVINAS, 2005, p. 123).

O nível de intersubjetividade instalado entre o Eu e o Outro faz de *mim* um sujeito, um sujeitado ao Outro (LÉVINAS, 2005). Há, portanto, uma passividade de base necessária

para que o Eu possa responsabilizar-se pelo Outro, sem esperar deste uma reciprocidade. Por conseguinte, toda relação intersubjetiva é, na sua essência, uma relação não-simétrica.

Na perspectiva de Lévinas, é preciso romper o estado de indiferença ao Outro para permitir instalar-se uma nova ordem ética que só será obtida quando um dispor-se viver e morrer para o Outro.

O rosto fala e ele é o primeiro "discurso", afirma Lévinas (1993, p. 59) na sua obra "Humanismo do Outro Homem". Um discurso que diz para além do dito, pois se faz acompanhar de todo um contexto, de gestos corporais, etc.

4.3 Um conceito complementar à idéia de Habermas

Chiara Lubich (2006)[37], falando para os jovens, deixa perceber que o amor eleva a inteligência a um nível superior. Recorda a filosofia de Kant e afirma ter entendido que, para além da inteligência humana, para além de todos os conhecimentos através da simples inteligência e intelecto, ela percebeu a existência de uma luz que vem do alto, que é distinta daquela da razão. Esta luz vem do Espírito Santo. "Nós a chamamos *'claritas'*, daí o nome Chiara. Esta luz era a sabedoria. Percebemos que a mente é como um cálice que contém a sabedoria de Deus".

A consciência que o homem tem em si, desde o inicio da reflexão filosófica, especialmente se iluminada pela fé, é reconhecimento do ser, que, na consciência, é luz e ao mesmo tempo é confissão do Ser Absoluto, da Luz que foi revelada também ao grupo do Movimento. Desta luz surgiu o Movimento dos Focolares. O protagonismo do Movimento dos Focolares se fundamenta, como narra a líder, neste Carisma[38], que ilumina o interior, se

---

[37] Fundadora e presidente do Movimento dos Focolares, é autora de inúmeras obras sobre a Espiritualidade da Unidade, publicadas pela Editora Cidade Nova (LUBICH, 2002).

[38] Max Weber Weber acredita que novas expressões carismáticas poderão surgir. Carisma para Weber é uma qualidade extraordinária dotada de forças sobrenaturais, sobre-humanas ou excepcionais de força específica como enviada por Deus ou remetida de valor exemplar. O carisma quando reconhecido cria-se uma situação de "status nascente" que representa a antítese de tudo aquilo que é cotidiano, tradicional, regulamentado, deriva da excitação comum de um grupo "dedicação ao heroísmo" poder revolucionário capaz de derrubar a regra e a tradição (TIMASHEFF, 1979, p. 227). O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou da revelação pessoal. O carisma, significando literalmente "dom da graça", é usado por Weber para caracterizar o líder auto-indicado, seguido pelos que estão em desgraça e seguem-no por acreditarem ser ele extraordinariamente dotado. Os fundadores das religiões mundiais e os profetas, bem como os heróis militares e políticos, são os arquétipos do líder carismático.

reflete no exterior, e não se caracteriza por uma busca religiosa externa, mas no mandamento do amor. Chiara Lubich (1991) escreveu:

> Eis a grande atrativa do tempo moderno:
> Penetrar na mais alta contemplação
> E permanecer misturado com todos
> Homem ao lado do homem
> Queria dizer mais: perder-se na multidão
> Para impregná-la de divino
> Como se embebe um pão no vinho (p. 27).

Esta luz se consolidou numa comunidade que assumiu um tipo de vivência, e reflete uma cultura especifica. A "cultura do dar".

Habermas na "Teoria da Ação Comunicativa" (1988, II, p. 196) define cultura:

> Chamo *cultura* o acervo do saber, em que os participantes na comunicação se abastecem de interpretações para entender sobre algo no mundo. Chamo *sociedade* as ordenações legitimas, nas quais os participantes da interação arregimentam suas atividades em grupos sociais, assegurando assim a solidariedade.

A prática "cultura do dar" tem profundas raízes. Lê-se em (1Rs 17, 10) que a generosidade e a hospitalidade da viúva de Sarepta são recompensadas com o sustento duradouro, em (Hb 9, 24-28) que Jesus Cristo doou-se inteiramente para a expiação dos pecados da humanidade, e ainda, em (Mc 12, 38-44) Jesus elogia a viúva pobre porque ela doou mais do que tinha de sobra, oferecendo o que possuía para viver. Na base do cristianismo, está, portanto, o dar. Ele deu o manto a quem pede a túnica (Mc 6, 37), dar gratuitamente [...] (Mt 5, 40).

O amor não tem suas raízes na razão instrumental, ele está atento, porque não pensa em si, é solícito, porque, percebendo a necessidade do outro, inventa tudo para atendê-lo. É essencial, porque percebe a necessidade do outro, mesmo que a atitude seja de escuta, de serviço a todos, de disponibilidade. A unidade na pluralidade, sendo o objetivo prático do Movimento estudado, prevê assim a inclusão de todos. Não se pode negar, porém, que todas estas características estão contempladas na idéia da Ética do Discurso considerando esta como um resgate da confiança na capacidade da racionalidade humana de se manifestar comunicativamente, através do diálogo de forma sincera, inelegível, e, acima de tudo, ética.

Habermas reconhece a função consoladora da religião, seu potencial de doação de sentido, embora sublinhe a impossibilidade de universalização dos traços particulares de comunidades agrupadas em torno de um credo (ARAÚJO, 1996).

A novidade da prática do Movimento dos Focolares consiste, como se lê nas várias obras escrita pala sua líder, no fato de seu seguidor "mergulhar na multidão para misturar-se, homem ao lado do homem", compartilhar, valorizando a observância das leis, sejam as leis de Deus para um mundo novo, ou as leis necessárias para a vida civil. Desta maneira pretende promover a unidade, a comunhão, integração social favorecendo o desenvolvimento autenticamente humano, buscando incluir todos no bem-estar.

4.4 A categoria do amor

Habermas diverge de Kant entre outros na idéia do consenso. A idéia de que esses direitos são universais é anterior a qualquer experiência humana. O que antes era tido como *a priori,* a idéia de igualdade, liberdade entre outras, em Habermas vão ser experienciadas através da ação comunicativa. Partindo destas categorias os sujeitos vão apresentar modelos mais apropriados de comportamentos para que o consenso possa ser efetivado.

A racionalidade instrumental ligada à filosofia do sujeito, com característica para o individualismo, está em contraposição ao direcionamento para valores. Estes rompem com os princípios da racionalidade instrumental. Um novo paradigma se abre: o da racionalidade comunicativa, compartilhada. Neste sentido percebemos uma aproximação com aquilo que o Movimento dos Focolares propõe.

Esta idéia difere de uma simples teorização, se projeta na prática. Se alguém pergunta: O que fazer? Na "cultura do dar" encontra algo prático como resposta. Desde o surgimento deste Carisma, os protagonistas deste Movimento imbuídos pelo Evangelho haviam percebido como enfrentar também esses momentos. Descobriram que o amor cristão exige uma arte. A "Arte de Amar" tem algumas exigências, como:

> *'Ver Jesus em todos'*. O primeiro passo para amar de um modo cristão, genuíno é, antes de tudo, ver Jesus no outro.
> Depois: *'amar a todos'*. Não se admite discriminação de pessoas. Não importa se é simpático ou antipático, culto ou ignorante, compatriota ou estrangeiro, amigo ou inimigo. Todos, todos devem ser amados.
> Outra qualidade do amor cristão: *'ser os primeiros a ama'*. Não se espera ser amado para então amar; antes, se dá o primeiro passo.
> E ainda: *'amar o outro como a si mesmo'*; que deve ser vivido literalmente, não da boca para fora.
> Depois ainda: *'amar, fazendo-se um com a outra pessoa'*: ou seja, sofrer com quem sofre alegrar-se com quem se alegra, carregar o peso uns dos outros. É um amor, portanto, feito não só de sentimentos ou de palavras, mas de fatos (LUBICH, 2006, p. 29-105).

Na simplicidade de sua empiria o entrevistado (3) expôs na sua fala que: "Tem um dado, um dado da 'arte de amar' que tem seis pontos nele. A galera quando chega joga, ai cai, 'amar a todos', logo e os meninos tantos os maiores quanto os menores vivem aquilo ali, 'amar a todos'".

O informante afirmou ter conseguido abrir a mente para esta forma de vida e com isso, como fala: "passar essa informação prá galera [...] e tirar muitos da droga". "Amar a todos", compreende todos incluídos. "Fazer-se um, também nós, os educadores". (sic)

A universalização em Habermas (1989, p. 86) é um princípio que torna possível o acordo em argumentações morais. Este supõe a inserção de todos, evitando a aplicação monológica da regra de argumentação, exige um esforço de cooperação nas práticas comunicativas cotidianas. O principio que possibilita o consenso deve assegurar, que sejam aceitas como validas somente as normas que exprimem uma vontade universal.

O objetivo específico do Movimento dos Focolares é a "Unidade" e isto supõe que as decisões não partem de uma autoridade, mas da participação de todos. Assim se justifica, com a proposta de "amar o outro como a si mesmo", o amor, que inclui o escutar-se mutuamente considerando que todos têm voz indispensável no discurso.

Ainda o entrevistado (3) revela o seu esforço para fazer unidade com seu colega professor ao preparar o programa do curso:

> Cheguei lá, tinha um programa que não batia (sic) com o meu [...]. Tinha uma apostila lá, não era pronta e que precisava xerocar e pediram para rearrumar no computador e ele não sabia como recuperar as imagens e eu mostrei como fotografar. Foi bom porque construímos juntos, não ficou a idéia dele lá, nem a minha. Quando eu comecei a dar aula à galera eu percebi realmente que a posição dele estava certa. Foi bacana a gente ter construído isso.

A acessibilidade generalizada significa que todos devem ter acesso às decisões segundo o "D" princípio do discurso. Habermas (1989, p. 78) também considera imprescindível à ética do discurso o principio de universalização "U", que exige que todos os resultados de uma resolução possam ser aceitos como racionalmente validos por todos os concernidos. Isto caracteriza o que no Movimento dos Focolares é entendido como "amar a todos", assim todos têm direito de conhecer e participar de todas as realidades que motivam a experiência do Movimento. Inclusive, este é um dos aspectos fundamentais da vivência da espiritualidade dos Focolares.

Para que a universalidade e a acessibilidade ocorram, o Movimento acrescenta uma outra técnica: o "fazer-se um", o que se entende por atores de uma prática especifica, ou

UNICAP BIBLIOTECA CENTRAL

seja, ser o Outro, vivenciando o que o outro está passando, para sentir com ele seus problemas e suas necessidade, a fim de dividir as dores e multiplicar as alegrias.

Tudo isto não pode ser realizado sem o "amor ao inimigo". O "amar a todos" contém este aspecto. Estas idéias são fundamentais para formação da personalidade das pessoas que seguem a espiritualidade do Movimento. Habermas na "Teoria da Ação Comunicativa" (1988, II, p. 196), entende a personalidade como "as competências que tornam um sujeito capaz, de linguagem e ação, isto é, que o capacita para fazer parte de um processo de entendimento e para afirmar nele sua própria identidade".

A primeira idéia que pode direcionar a convivência entre humanos é a Fraternidade Universal. Para realizar-se exige um conhecimento especifico: o próximo a ser amado é aquele que passa ao lado no momento presente da vida. Portanto o amor não pode ser abstrato. Para o referido Movimento a prática do evangelho leva as ações concretas: esclarecer uma dúvida, a dar atenção, a preparar um alimento, a lavar os pratos, desenvolver ações voltadas para a construção coletiva da fraternidade. Estas simples ações vivenciadas no amor resolvem os grandes problemas, respondem às dúvidas. Todos juntos buscam a verdade. Esta se faz perceber através da comum união, da unidade.

O entrevistado (3) revela:

> Construir a unidade é também tentar deixar a casa arrumada [...] a comida, é tentar se manter o ânimo [...]. Hoje em dia eu estou tentando fazer meditação quase todo dia [...] a missa [...] dá uma melhorada. Às vezes chego atrasado, mas, só o fato de poder chegar e ouvir o evangelho [...] a gente fala de construir o mundo unido [...] de paz [...] mas na realidade no dia-a-dia não faz isso. Às vezes em casa, se minha cama estava desarrumada, às vezes nem ligava (sic!) [...] ai procurava amar em cada ato destes. Às vezes lavava o prato, não por obrigação, mas tentava fazer por amor às pequenas coisas que fazia [...]. Se fosse necessário, como foi feito na Santa Ceia que se fosse necessário até lavar os pés dele. Eu precisei sair de mim, de certa maneira, tentar realmente gerar esta unidade.

Sua fala evidencia algo fundamental que demonstra sinais de protagonismo característicos da "Arte de Amar" como foi referido anteriormente. Isto se verifica nas simples realidades do dia-a-dia, são práticas capazes de promover a partir da própria pessoa uma integração com os demais pelo fato de sentir-se militante e responsável.

4.5 Protagonistas da unidade

O Recife acolheu na década de 50, integrantes do Movimento dos Focolares, vindos da Itália. Desde então a Espiritualidade da Unidade, característica deste Movimento se difundiu entre famílias com jovens e crianças e entre pessoas de todas as camadas sociais, operários, magistrados, professores e alunos, entre cristãos e leigos, dando inicio a uma comunidade.

São pessoas que escolheram o amor Evangélico como ideal de vida. Procuram vivenciar e testemunhar no dia-a-dia. Acreditam que o evangelho responde aos desafios não somente na vida pessoal, mas, também na vida social, em todas as dimensões: da família à política, da educação à justiça. Acreditam que a vida pode se enriquecer de novos valores, se transformando, a medida que fatos positivos se somam e que a vivência da Espiritualidade da Unidade produz mudanças concretas no tecido social.

Em contato com o Grupo percebe-se, que as capacidades morais e espirituais então inseridas num contexto característico do povo nordestino em que as habilidades práticas e a capacidade inventiva deste povo rico em dotes; ativo, explorador, generoso, espontâneo, entre outros, oferece a própria contribuição para a unidade.

Mesmo assim a nossa sociedade apresenta fortes sintomas de patologias sociais. Existe uma solidão provocada pela fragmentação da consciência que inviabiliza relacionamentos verdadeiros, profundos e estáveis por causa da atomização que gera, uma solidão, que segundo a socióloga Vera Araújo (2006, p, 25),

> Cresce à proporção que a vida se dilata em uma rede cada vez mais ampla de conhecimentos e informação, de contatos virtuais, de peregrinação em massa aos novos santuários do bem-estar consumista [...] . A concha do eu torna-se cada vez mais apertada, impedindo a manifestação da solidariedade e do reconhecimento do outro, que é a verdadeira fonte de dignidade e liberdade.

O amor e a unidade, que os membros do Movimento dos Focolares se propõem a vivenciar, pretendem funcionar como um antídoto a estes males da sociedade. O remédio para a cura deve ser aplicado continuamente, doses diárias para que as pessoas se interessem e se mobilizem pelo "outro". Pode-se considerar, quase como um processo de reabilitação o que para Vera Araújo (2006) significa respeitar as diferenças para unir o corpo social, escrutar a "face do outro" com simpatia e não com desconfiança, abrir-se ao diálogo sincero sem fechamento pré-fabricado, cuidar dos relacionamentos interpessoais e cultivar amizades

duradouras. Tudo isto leva à superação da solidão alimentada pelo individualismo da racionalidade instrumental sistêmica para viver de forma integrada e coesa em comunidade.

4.6 Trazendo estas idéias para o contexto da América Latina

Para Habermas, aquilo que deve ser garantido é o procedimento básico que incentiva e possibilita a comunicação. Na realidade da América Latina, torna-se injusto, se assim podemos classificar, se dispor de um império da comunicação se não for para ampliar a voz do oprimido, uma vez que de certa forma a linguagem possui a função teleológica de entendimento entre participantes de um Discurso.

Em seu relacionamento com algumas pessoas do Movimento, o entrevistado (4), percebe práticas que, segundo ele, precisam ser revistas. "Algumas vezes se diz que são um pouco elitista. Hoje que se fala tanto da opção preferencial pelos pobres, mesmo que tenha ação com os pobres, com os necessitados, mas os membros são um pouco da elite". O entrevistado ainda adverte para um possível apego à pessoa da fundadora.

Segundo Habermas (1998) esta observação se refere à universalização e correção. Nas suas idéias, os atores com seus atos de fala, ao se entenderem uns com os outros sobre algo, erguem pretensões de validade, pretensões de correção e pretensões de sinceridade referente a três realidades: ao mundo objetivo, ao mundo social, e ao mundo subjetivo. Na Ética do Discurso os juízos morais podem ser fundamentados. Toda teoria do desenvolvimento da capacidade de juízo moral tem que pressupor como dada a possibilidade de distinguir entre juízos morais corretos e errados.

Outra observação feita pelo entrevistado (4) foi em vista do relacionamento com os mais necessitados: "eu acho que 'Evangelização e Profetismo' é um documento que tem muito a dizer ao movimento dos Focolares, pelos temas que trata, além de falar sobre a evangelização, o Profetismo da Igreja e de todos os seus membros". O entrevistado demonstra sua satisfação pelo serviço prestado à Igreja e a humanidade, mas adverte para outro tipo de necessitados, fazendo recomendações que segundo ele, o Movimento sem dúvida terá que assumir e dedicar-se cada vez mais, pois o carisma tem uma grande missão:

> E o terceiro aspecto que o Movimento já está assumindo é a valorização da vida, toda a problemática da bioética e da ética na vida. Ele tem já esse compromisso com a família. Naturalmente. Famílias Novas vêm fazer com que assuma toda a vida em suas dimensões, e trabalhe para que essa bioética seja vivida com responsabilidade, desde o momento da concepção até o momento natural da morte. E aí, o movimento pode fazer muito. Nós

> fazemos votos para que assim seja e nos alegramos com o que já está fazendo.

Ficam presentes as palavras do entrevistado: "nós fazemos votos para que assim seja e nos alegramos com o que já está fazendo".

Identificar a presença de metas que possam guiar a natureza e o homem, no continente latino-americano, constitui-se um desafio frente a pelo menos três dos inúmeros conflitos com que o seu povo se depara: o da sobrevivência, representado pelas desigualdades sociais e a exclusão permanente e crescente, consequência da má distribuição de renda; o da fé, que provoca uma vulnerabilidade do homem com relação aos valores, com a significativa banalização do sexo, do amor e da violência, sub-produto da mídia se assim podemos dizer; e o da segurança, que para muitos significa aversão às leis, ao lado de uma justiça que se apresenta lenta e contaminada também pela corrupção.

Neste sentido urge a aplicação da correção, ao se constatar os sérios desvios, isto é, um processo de inclusão social dos excluídos nos direitos da comunicação, para participar do debate público.

No artigo "Escola Crise e Desafios" (Cidade Nova, 1999), Jaime Luccas deixa transparecer que no caso do Brasil, temos característica de sociedades modernas, mas, temos práticas de sociedades tradicionais. Existem movimentos em que há respeito à diversidade, à diferenciação. São movimentos legítimos por serem reconhecidos pelos atores sociais. Esses atores são os sustentáculos dessas instituições que refletem o que a sociedade é. Existem ambientes das sociedades que conseguiram construir essa razão comunicativa, a partir dos valores que essa sociedade elaborou.

A preocupação que o autor evidencia, não só no que diz respeito ao terceiro mundo, mas também ao primeiro, conduz a uma advertência sobre distorções sistemáticas da comunicação, que caracterizam uma fragmentação na consciência por valores contrários a ela.

No que concerne à consciência do povo brasileiro, esta se encontra com fortes sinais dessa fragmentação por destruição dos canais de comunicação. Os sujeitos padecem uma falsa capacidade comunicativa por estarem num estado de amortização de suas práticas lingüísticas, através da substituição das relações da interlocução intersubjetiva por uma absorção de valores da mídia que isolam os sujeitos uns dos outros e, sobretudo, impedem de compreender a realidade.

Segundo Martin W. Bauer (2002, p. 31-32) a "ação comunicativa" teria um papel fundamental:

> A compreensão hermenêutica (*Verstehen*) tem como finalidade restaurar os canais interrompidos da comunicação. [...] A falta de comunicação é característica perpetua e onipresente do mundo social, e se constitui um problema social óbvio. A preocupação em restabelecer o entendimento mútuo torna-se então, de igual modo, um problema perpétuo e onipresente.

A crise política, entre tantos exemplos, ainda não terminou. Podemos considerá-la talvez no seu início. A ausência de uma prática dialógica persistente, que leve a um consenso, na sociedade civil, provoca a carência de representantes políticos e métodos de exercício do poder que supram estas lacunas, nas quais são confundidas lutas pelo bem comum com exploração do bem público em que o controle democrático parece distante pela exclusão dos cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir neste momento não significa encerrar a discussão. Nestas considerações finais, tenta-se apenas esclarecer algumas evidências que foram sendo atingidas no decorrer do procedimento da análise. Faz-se necessário, aqui, afirmar a confluência das duas idéias em suas considerações sobre a proposta de relacionamento social. Não se pretendeu, nesta dissertação, fazer análise comparativa entre a "Teoria da Ação Comunicativa" e a proposta do Movimento dos Focolares, mas tão somente apontar para o caráter de aproximação existente.

O desenvolvimento da pesquisa ora apresentada abriu um leque de informações em dois sentidos: um diz respeito ao Movimento dos Focolares. Seja nas buscas de documentos seja nas entrevistas, desvenda-se um rico e abundante material que não será esgotado neste trabalho, antes demanda ser aprofundado, em virtude de haver despertado bastante interesse. O outro sentido é a aproximação com a Teoria da Ação Comunicativa, aplicada a situações concretas, de idêntica importância.

O mérito do estudo reside no fato ter sido aberta a possibilidade de conhecer a convergência de duas fontes de pensamentos fortes. Entende-se por idéia forte, como afirma Victor Mancusa, no seu discurso de apresentação da obra "Ideal de Luz", "um pensamento que nutre positivamente a vida, que dá esperança, que dá vontade de viver" (LUBICH, 2001).

Percebe-se uma aproximação entre a concepção da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, e a prática das pessoas entrevistadas, ligadas por laços concretos ao Movimento dos Focolares sendo que uma completa e fundamenta a outra, no sentido da busca de uma humanidade realizada.

A concepção e a conseqüente vivência da "Teoria da ação comunicativa" no mínimo como paradigma de alta eficiência e eficácia indiscutível e o paradigma cristão da Unidade, essência do Movimento dos Focolares, se configuram como intercomplementares e mutuamente fundantes. Outro ponto comum é que as idéias e a ação buscam uma humanidade nova, em termos de uma mudança significativa, na maneira de sentir, pensar e agir das pessoas e grupos.

Esta pesquisa procurou, através das falas das pessoas, evidenciar a correlação entre a inspiração do Movimento das Focolares e o mundo da vida segundo a perspectiva da Teoria da Ação Comunicativa, dos seus membros. Isso ficou palpável no relato de superação de situações enraizadas no âmbito pessoal, familiar e social. Assim através das ações do

Movimento dos Focolares, está a transformação gradual e continua do modo de viver de seus membros-protagonistas, passando da teoria (*logos*) à prática da espiritualidade interiorizada, que leva ao desejo de através da vivência contribuir para a transformação social.

No Movimento dos Focolares, a razão instrumental é direcionada para a transformação da humanidade. Deixa de ser instrumento individualista para colocar-se a serviço da comunicação, que conduz, em todos os aspectos constitutivos do ser humano, à comunhão, à cooperação, à solidariedade.

A razão instrumental está para o estabelecimento de uma sociedade capitalista, desagregadora, excludente assim como a "razão comunicativa" está para a construção de uma humanidade nova, uma sociedade comunitária, integradora, personalizada, includente. Sentir comunitário, pensar comunitário, agir em comunhão, torna o homem efetivamente um ser humano, quando ele for capaz de pronunciar preponderantemente "Nós".

Nas entrevistas, se procurou identificar experiências de pessoas que enfrentam o mundo da vida, com a convicção de que é possível mudar radicalmente o estilo de vida a partir do cotidiano. Apesar dos problemas sociais e culturais com que se deparam, observou-se uma visão de amplo alcance. Ou seja, existe o desejo de participar ativamente da transformação social a partir de relações autênticas, assentadas no entendimento e no consenso, bem como a abertura a uma rede de fraternidade e unidade planetária. As falas testemunham situação de constante e progressiva superação de desafios enraizados no âmbito pessoal, familiar, social, de passagem de "homem velho" para o "homem novo", mudanças de uma sociedade utilitarista para uma comunidade ética.

A ética do discurso também está relacionada ao nível de desenvolvimento do juízo moral, da consciência moral do falante e dos significados específicos de cada situação como foi constatado na análise através dos níveis de desenvolvimento de Kohlberg. No discurso, na atitude ou no agir, está contido o aspecto deôntico, que são os códigos morais, o juízo moral.

Em suma, sinais de protagonismo foram constatados; a vivência cotidiana tem como base a fraternidade e a convivência no dia-a-dia, o empenho no sentido do respeito ao outro. Entre tantos aspectos, a atitude de escutar o outro, seja no trabalho, na associação de bairro, onde se exerce a presidência, na família etc, quando se valoriza sua fala e o acolhe. servindo-o e compartilhando de suas necessidades.

Indicativo é o diálogo transparente e sincero entre pessoas de diferentes credos e ateus, entre outros; "Discurso" isento de ingenuidade mas também livre de preconceitos; nisto

se encontra o ponto de aproximação com a "razão comunicativa", evitando oposição a discursos demagógicos e oportunistas da "razão instrumental".

Neste sentido a Teoria da Ação Comunicativa se apresenta como fundamento de um pensar e de um agir, capaz de resgatar os valores integrantes à pessoa humana. Dentre esses valores, o amor ocupa o ponto mais alto, ressaltando-se que quem ama, se comunica, partilha, faz-se um com o(a) outro(a), pronuncia o "Nós".

A comunicação intersubjetiva e a consciência do próprio agir comunicativo têm um papel indispensável no processo de buscar o entendimento sem abafar os conflitos até chegar à idéia habermasiana de consenso. No Movimento dos Focolares, é o reconhecimento da presença de Deus no próximo que leva a respeitar o outro considerando as diferenças, a prática da unidade e nisto não existe contradições com a proposta de Habermas. Esta forma de entendimento desconsidera imposição de argumentos e fortifica a consciência para o crescimento no diálogo, no entendimento, no acordo. No acolhimento, na unidade.

Não significa pensar em conduzir a comunicação sempre para a concordância, ela pode estar escamoteando uma falsa harmonia. Na prática percebida em algumas entrevistas, o uso da linguagem por vezes não conduzia para a concordância. Trata-se também de usar a linguagem para mediar as contradições e conflitos através de discursos, manifestos, regras evidentes, estabelecendo a confiança na relação.

De fato a unidade na pluralidade prevê a inclusão de todos. O material analisado deixa transparecer que, através do esforço pela prática da fraternidade e da solidariedade este objetivo pode ser alcançado.

O relacionamento é direcionado ao diálogo, como Habermas denomina consenso. Manifestou-se uma nova forma de sociabilidade. Através das entrevistas constata-se a instalação do diálogo onde semelhanças e diferenças interagem em busca de consensos satisfatórios a todos. Novas inter-relações são mantidas.

Em ambientes onde a cultura reinante é fundamentalmente de uma "racionalidade sistêmica", abre-se espaço para uma "racionalidade comunicativa" na qual se estabelecem se estabelecem o cooperativismo, o diálogo, a solidariedade e a prática do melhor argumento. Este se torna ambiente de esperança semelhante àquele onde é a prática do evangelho que reina como é curioso constatar na sua dimensão social.

Foi significativo perceber o tipo de vivência cotidiana na família, no escritório, na feira, na Igreja, na Associação dos Moradores de Bairro, na aula, no lazer, entre outros, conforme os fragmentos das entrevistas. Em um mundo conturbado, inclusive na história das

religiões se percebe nitidamente que o pensamento de Chiara Lubich, aponta uma direção única, tornando-se veículo de amor.

Os relatos revelam a existência de proposta social – alternativa – vivida pelas pessoas do referido Movimento e apresentada à sociedade. Como interpretar essa proposta é uma questão que exigiria ultrapassar os limites deste trabalho. Apresentamos apenas os elementos que permitem perceber a tendência e o alcance de uma determinada pratica efetiva que expressa um "modelo" de convivência social. Configura-se como proposta ética pois trata de valores e princípios que devem reger e orientar a relação entre as pessoas e ainda como proposta social pois a vivencia de valores implica numa consciência de transformação efetiva das relações sociais uma vez que sua intervenção direta na transformação social, como já se pode observar nos depoimentos dos entrevistados. No entanto pode parecer utópica por propor não um modelo pronto, definitivo e acabado, mas um ideal de perfeição a ser perseguido por qualquer um.

Não foi outro o intuito dessa dissertação, senão apresentar uma contribuição evidenciando o que os relatos e as entrevistas apontam, ou seja, a fé na prática do evangelho. Esta é uma alternativa para desenraizar os males provocados pelas desigualdades sociais, políticas, econômicas, étnicas e de gênero.

Aqueles que estão engajados nos mais diversos movimentos em prol da vida, reivindicação e transformação das condições precárias da maior parte da população, buscam a cada dia fundamentar uma reflexão que inspire e anime sua prática. É nesse contexto que este trabalho se insere. A originalidade ética da proposta cristã consiste na capacidade de apresentar a possibilidade de viver a cidadania terrestre à luz da fé (Fip 3, 20). Os direitos de cidadania devem ser, em primeiro lugar, regidos por uma nova ética, cujas bases se encontram nos princípios da dignidade do cidadão do evangelho (Fip 1, 27) e da cidadania divina (Fip 3,20. A consequência sociológica da teoria de Habermas, aplicada nesta pesquisa, é apresentada sob a forma de uma prática em que as pessoas atuam independente de sua condição social, em contextos específicos, mesmo em situação de extrema pobreza. As duas visões convergem para um efeito idealizado, uma vez que está associado à prática da "Regra de Ouro", sugerida por Jürgen Habermas (1998, p. 159), como também por Chiara Lubich (2006, 63).

A experiência analisada funciona como "restauração de canais interrompidos de comunicação" (BAUER, 2002, p. 32), no qual o Movimento dos Focolares pode ser o campo de ação onde a idéia a Ação Comunicativa, se verifica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.G. Il silenzio di Dio: scandalo o nuovo accesso? **Revista Nuova Umanità**, Roma: XXIV marzo-giugno 2002/2-3, 140-141. 209 p.

ARAGÃO, L. **Habermas:** filósofo e sociólogo do nosso tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. 220 p.

ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. **Religião e modernidade em Habermas.** São Paulo: Loyola, 1996. 212 p.

ARAÚJO, V. A solidão na sociedade global. **Revista Cidade Nova**. São Paulo: p. 25, nov. 991, mensal, XLVIII, 2006. Movimento dos Focolares. p. 46, n. II, ex. 488.

_____. Uma economia digna do homem. **Revista Cidade Nova**. São Paulo: p. 26-28, nov. dez. 1991, mensal, XXXIII. Movimento dos Focolares. 46 p.

ARNS, P E. **O que é Igreja**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 146 p.

ASTIER, Henri. **As raízes do secularismo na França**. Disponível em BBC Brasil.com. Acasso em 30-11-2006.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de doutrina social da igreja.** São Paulo: Loyola, 1991. 447 p.

BAKHTIN, Mikhail (Volochonov). **Maxismo e filosofia da linguagem.** 11 ed. Trad. de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004, 196 p.

BAGGIO, M A. Ética raízes de Deus. **Revista Cidade Nova**. São Paulo, p. 42. XLI n 6, jun.1999 mensal. Movimento dos Focolares. 52 p.

BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **O governo João Goulart** - as lutas sociais no Brasil. Brasília: Editora da UnB, 2003.

BARBIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1998. 222 p.

BAUER, W. Martin. GASKELL, George. **Estudo qualitativa com texto, imagem e som.** Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-35.

BELTRÃO, Pedro Calderan. **Sociologia do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Globo, 1965. 159 p. Série Universitária.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade pluralismo e crise de sentido:** a orientação do homem moderno. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 94 p.

BIRMAN, J. **Corpo e formas de subjetivação em psicanálise.** Estudos gerais da psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro: 2003. (Trabalho apresentado).

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Ivo Stirniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus. 1991. 2 ed . 1631 p.

UNICAP BIBLIOTECA CENTRAL

BIELA, Adan. Uma rivoluzione copernicana per le scienze sociali. **Revista Umanità Nuova**, Roma: XVIII novembre-dicembre 1996/6 108. Trad. pessoal.

BISPOS AMÉRIACA LATINA. **Conclusões de Medellín.** São Paulo: Paulinas, 1979, ed. 4.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas; RAMOS, Renata C. de Lima. (org). **Danças Circulares Sagradas:** uma proposta de educação e cura. São Paulo: TRIOM, 1998. 195 p.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOFF, L. **Teologia do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1975. 254 p.

CERINE, M. **Deus Amor**: no pensamento e na experiência de Chiara Lubich. São Paulo: Cidade Nova, 1992. Trad. de João Batista Florentino. 122 p.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CIRANO, Marcos. **Os caminhos de Dom Helder:** perseguições e censura. Recife: Guararapes, 1983. 328 p.

CICCHESE, G. Eclissi di umanità? Un bilancio del XX secolo. **Rivista Nuova Humanità**, p. 725-742, Roma: XXIV novembre-dicembre 2002/6, 144.

CONY, C. H. **O ato e o fato:** crônicas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 123 p.

CONGRESSO dirigenti GEN femminile. Rocca de Papa. 12/04/1968 ed. 2006. Chiara Lubich, 2. Disponivel em: L'arcoba/pt.wikipedia. Acesso em: 26 de out. 2006.

DIFUSÃO. **Movimento dos Focolares**. Disponível em: www.focolare.org.br/focolares> Acesso em: 15 agosto 2006.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996. 498 p.

DOMINGUES, Maurício, J. **Teorias sociológicas no século XX.** 2. ed. Rio de Janeiro: 2004, Civilização Brasileira, [e.d].

EVAN-PRITCHARD. **Bruxaria, oráculos e magia entre Azande.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FASCISMO, Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia/wiki/ fascismo> Acesso em: 26 de out. 2006.

FERRÉ, M, A. **Liberacione: dialogo nel CELAM 2**: aspetti socio-economico-politici, quaderni assal 24, Roma: Galeati, 1976. 235 p.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. Disponível em www.paulofreire.org.br/asp/template.asp= biografia & sub

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica:** ontem e hoje. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.164 p.

FURTADO, CELSO. **Análise do 'modelo' brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 122 p.

GALLO, Sílvio. **Ética e cidadania.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Trad. de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 214 p.

GILL, Rosalind; BAUER, W. Martin; GASKELL, George. **Estudo qualitativa com texto, imagem e som.** Trad. de Pedrinho A. Guareschi . Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

GODOI, Pe Manoel José. "**A CNBB e o progresso de evangelização no Brasil**". Presença pública da Igreja no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003. 387 p.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo.** Trad. de *Moralbewusstsein* und *kommunikatives* Handeln. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1989. 235 p.

_____. **Teoria de la accion comunicativa (I):** Rcionalidad de la acción y racionalización social. Versión castellana de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: taurus, 1988. 517 p.

_____. **Teoria de la accion comunicativa (II):** Cítica de la razón funcionalista. Versión castellana de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: taurus, 1988, 624 p.

_____. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. de Ana Maria Bernardo org. revisão Antonio Marques. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1990. 275-350. 350 p.

_____. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. Trad. de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004. 330 p.

_____. **Racionalidade e comunicação.** Trad. de Paulo Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1996. p. 9-122.

_____ . **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada.** Trad. de Lúcia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2002. 111 p.

HIROSHIMA. Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia/wiki/ hiroshima > Acesso em: 26 de out. 2006.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico**. Instalado no computador. Acesso em 20-12-2006.

LÉVINAS, E. **Entre nós:** ensaios sobre alteridade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Humanismo do outro homem.** Petrópolis: Vozes. 1993.

LUBICH, C. **Meditações**. 15. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1991.

_____. **Ideal e Luz.** São Paulo: Brasiliense ; Cidade Nova, 2003. 458 p.

_____. **Congresso Mille città per l'Europa.** Innsbruck (Austria): 09/12/2001. Discurso. Artigo Doc. Uma gravação.

_____. **A Caridade como estilo de vida.** São Paulo: Cidade Nova, 1972.

_____. **Chiara no Hearing.** Trad. de Iracema Amaral. Áustria, 1997. 1 cassete. Gravação dedicada ao Movimento dos Focolares: "Rumo a um mundo mais unido".

_____. **Chiara em Amã.** Trad. de Iracema Amaral. Oriente Médio, 1999. 1 cassete. Gravação dedicada aos internos da região: "Na região dos tres continentes".

_____ . **A arte de amar**. Trad. de Irami B. Silva. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

MARANHÃO, R. **O governo de Juscelino Kubitschesk:** tudo é história. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARX, K,; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach).** 18. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MILOVIC Míroslav, **Filosofia da comunicação:** para uma critica da modernidade, Brasília: Plano, 2002.

MINAYO, S de M C. **O desafio do conhecimento**: estudo qualitativo em saúde. 6. ed. Rio de Janeiro: Iucitec-Abraço, 1999.

NAGASAKI. Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia/wiki/nagasaki> Acesso em: 26 de out. 2006.

NAZISMO na Alemanha: o regime nazista. Disponível em: <http://www.mundo educação.com.br/historiageral/nazismo/> Acesso em: 26 out. 2006.

NELSON, Ana tereza Lemos. Cidadania e protagonismo juvenil: desafios do mundo contemporâneo. *In:* **I Fórum Regional de Protagonismo Juvenil**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 2003/2004.

OPERA DI MARIA, regolamento della sezione delle focolarine, Roma: Citta Nuova, 1990.

OPERA DI MARIA, statuti generali, Roma: Citta Nuova, 1990.

PAIVA, R. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. **2. ed.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 174 p.

PENZO, G; GIBELILIN, R. (org). **Deus na filosofia do século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

PIO XI. **Carta encíclica Quadragésimo ano**. 1981, I, 12.

QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA; Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro. **Um toque de clássicos: Marx, Weber e Durkheim.** 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.154 p.

ROCHA, Heitor C L da. Tradição, modernidade e mídia no Brasil. **Ciência & Trópico**. v. 31, n. 1, jan/jun 2003, semestral, Recife: Massangana, p. 35-59, 97 p.

ROSA, G. **Marxismo comunismo e cristianismo**: desafio ou dialogo? São Paulo: Cidade Nova, 1985. 64 p.

SIQUEIRA, Dies; LIMA, Barbosa Ricardo (org). **Sociologia das adesões**: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. Goiana: Vieira, 2003. 322 p.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados.** Disponível em www.iec.usp.br/iea/coletâneas/religiões/souzasrev/52.html-91 K Acesso em 30-11-2006.

STACCONE, G. **Filosofia da religião:** o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis: Vozes, 1991.

STALINISMO. Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: http://pt.wikipedia/wiki/stalinismohtt> Acesso em: 26 de out. 2006.

TIMASHEFF, Nicholas S. **Teoria sociológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 449 p.

VERONESE, S. **A vida renasce entre as bombas.** São Paulo: Cidade Nova, 1997. 106 p.

WEBER, Max; MILLS, C. Wright; GERTE, H. H (0rgs). **Ensaios de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4. ed. Trad. de M. Irene de Q F Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1985. 233 p.

WEBER, M. **Economia e sociedade.** São Paulo: UnB, 2004. v.1.